

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas (Edição Especial).

Otávio Luiz Machado.

Cita:

Otávio Luiz Machado (2014). *Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas (Edição Especial)*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/50>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/aUm>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Repúblicas Estudantis *de* OURO PRETO E MARIANA

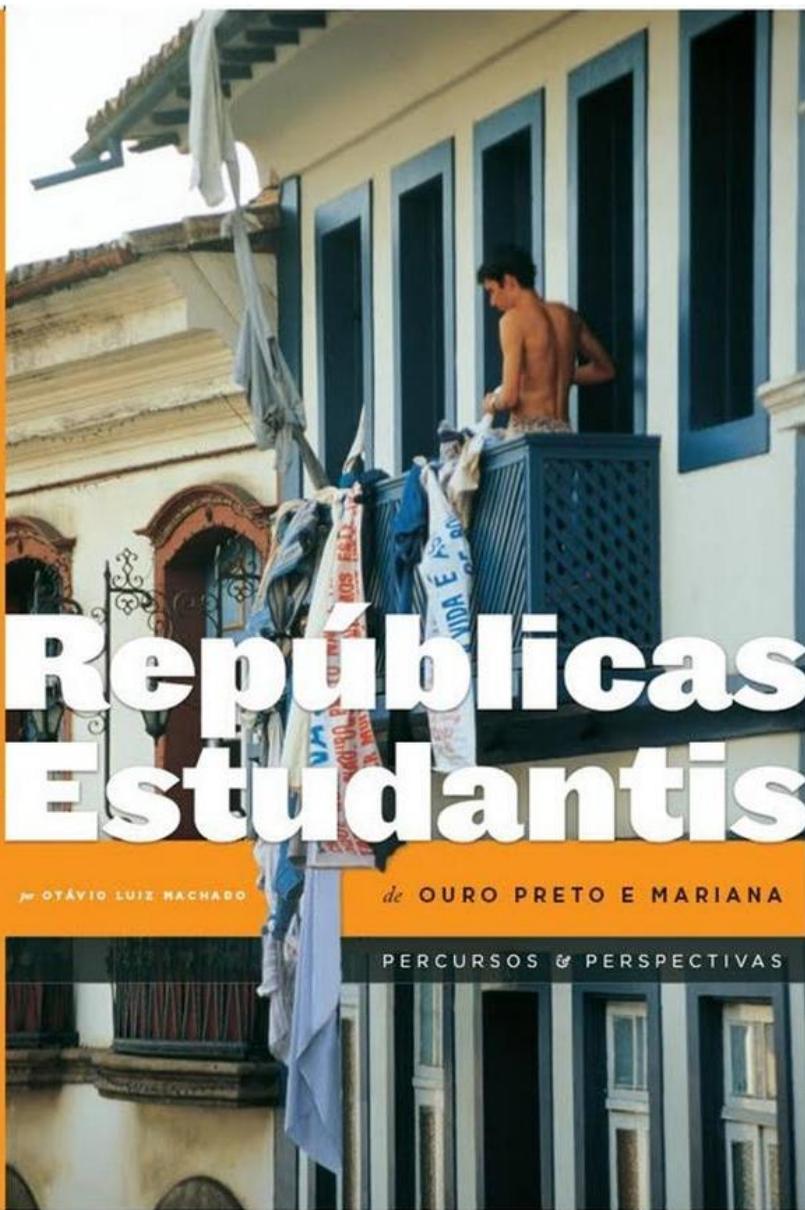
Repúblicas Estudantis

por OTÁVIO LUIZ NACHADO

de OURO PRETO E MARIANA

PERCURSOS & PERSPECTIVAS

por OTÁVIO LUIZ NACHADO



Otávio Luiz Machado

**REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE
OURO PRETO E MARIANA:
PERCURSOS E PERSPECTIVAS
(Edição Especial)**

Copyright 2014 by Otávio Luiz Machado

Capa: Pós Imagem Design (Rio de Janeiro-RJ)

<http://www.posimagem.com.br/>

Foto de capa: Eduardo Trópia

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. **Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas (Edição Especial)**– Frutal: Prospectiva; 2014.

Inclui Bibliografia

ISBN: 978-85-67463-16-2

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil. CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:

Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-MG

E-mail: otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575

SUMÁRIO

Prefácio - Kleber Farias Pinto 06

**PRIMEIRA PARTE: REPÚBLICAS DE OURO PRETO E
MARIANA: A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE OURO PRETO (UFOP) E A VIDA ESTUDANTIL**

Otávio Luiz Machado 09

**SEGUNDA PARTE: HISTÓRICO DE ALGUMAS
REPÚBLICAS DE OURO PRETO 18**

República Adega 18

República Aquarius 19

República Arca de Noé 20

República Arcádia 20

República Arte & Manha 21

República Aruanda 21

República Avalon 22

República Bangalô 23

República Bastilha 23

República Baviera 24

República Bem na Boca 24

República Bicho do Mato 25

República Bico Doce 26

República Boite Casablanca 27

República Butantan 28

República Caixotinho 28

República Canaan 28

República Casanova 29

República Cassino 30

República Castelo dos Nobres 31

República Chega Mais 31

República Cirandinha 32

República Consulado 32

República Convento	33
República Cosa Nostra	34
República Covil dos Gênios	35
República Cruz Vermelha	36
República Doce Mistura	36
República Doce Veneno	37
República dos Deuses	38
República Eclipse	39
República Espigão	39
República Favinho de Mel	40
República FG	41
República Formigueiro	42
República Gaiola de Ouro	43
República Hospício	43
República Jardim de Alá	44
República Jardim Zoológico	45
República Koxixo	46
República Lua Azul	47
República Lumiar	48
República Maracangalha	49
República Maria Bonita	49
República Marragolo	50
República Maternidade	52
República Minas das Minas	53
República Mixuruka	53
República Nascente	54
República Nau Sem Rumo	55
República Necrotério	56
República Ninho do Amor	58
República Ovelha Negra	59
República Palmares	60
República Paraíso	61
República Pasárgada	62
República Patotinha	63
República Penitenciária	64

República Peripatus	64
República Pif-Paf	65
República Poleiro dos Anjos	66
República Pronto-Socorro	67
República Pulgatório	68
República Pureza	70
República Quarto Crescente	70
República Quase Normal	71
República Quitandinha	72
República Rebu	73
República Reino de Baco	74
República \$Audade da Mamãe	74
República Senzala	75
República Serigy	76
República Sinagoga	77
República Snoopy	78
República Sparta	78
República Tabu	79
República Tanto Faz	79
República Território Xavante (Tx)	81
República Tigrada	82
República Toka	83
República Unidos Por Acaso (Upa)	84
República Vaticano	84
República Verdes Mares	85
República Vira Saia	86
República Virada Pra Lua	87
República Volkana	88
República Volúpia	89
República Xamego	89
República Xequete-Mate	90

**TERCEIRA PARTE: AS REPÚBLICAS DESDE OS ANOS
1920: DEPOIMENTOS E MEMÓRIAS 91**

**Estudar em Ouro Preto nos anos 1920 - Antônio Moreira
Calaes 91**

A Fundação da Aquarius - Antônio Moreira Campolina 93

Paisagem de Ouro Preto - Fernando Brant 95

Alferes - João Bosco e Aldir Blanc 96

**Nasce a Pulgatório - o mundo que se cuide! - José César Caiafa
Junior 97**

**História e Memória das Moradias estudantis do Campus do
Morro do Cruzeiro da UFOP: Breve relato sobre a fundação da
República Arte & Manha - Duarte de Magalhães Barbalho 99**

**A Fundação da Tanto Faz: um caso de ocupação recente em
Ouro Preto - Lícia Barros Gonçalves 104**

**A Fundação da República Zona: um caso de construção da
UFOP em Mariana - Rafael Magdalena - Ex-Aluno da República
Zona 107**

Fontes 110

PREFÁCIO

Kleber Farias Pinto

Este livro é o verdadeiro retrato das repúblicas dos estudantes. Nesta história insere-se o meu galhardão de fundador da República Formigueiro, uma casa onde se forjou o caráter de homens que se tornaram, até hoje, meus melhores amigos. Para isto, sobretudo, sempre serviram as Repúblicas.

O Engenheiro Pedro Rache no seu livro *Homens de Ouro Preto* já se referia à República Bastilha hospedando Getúlio Vargas “um indiozinho pequenino, magrinho, sempre com um risinho indefinível a mascarar-lhe o pensamento”, recém-chegado na década de 1890.

Em 21 de abril de abril de 1954, ao transferir para aqui simbolicamente a Capital do Brasil, meses antes do seu suicídio, ouvi daquele Presidente da República palavras carinhosas sobre a “República Bastilha”. Recebi dele um autógrafo “com um abraço” coisa que, junto à foto daquele momento, guardo com muita emoção.

Esse convívio republicano de, no mínimo, seis anos estimulava o aparecimento de vocações extra-curriculares. Na Formigueiro o Engenheiro Maestro Ubirajara Cabral criou o Coral de Ouro Preto, que ganhou o título nacional do Jornal do Brasil de melhor coral de música popular nos anos 1950 e até hoje não superado.

Nas serestas da República Sinagoga nasceu o Engenheiro Cantor João Bosco, hoje um expoente das paradas musicais. E dos “golos” de cachaça nas festinhas também se lamenta os descaminhos, para o alcoolismo, de alguns fracos.

Da minha Formigueiro são imensas as lembranças. O Pintor Alberto da Veiga Guignard, aos beijos com a cozinheira “comadre” Regina, por quem sofreu inesperada e alcoolizada

paixão. Nesta noite Guignard fez um único desenho humorístico que se tem notícia.

A voz de prisão que eu recebi quando lecionava uma aula para minhas paraninfadas na Escola Normal por autoria comprovada do roubo do porco da Dona Tonica também é uma outra lembrança importante. Isto foi uma arbitrariedade porque os laráprios eram da Pensão Vermelha. Havia se celebrado um “convênio” com a Formigueiro para a matança, banquete do suíno e devolução dos ossos a sua proprietária, só aqueles que foram embrulhados, com fita de presente, em um jornal de assinatura com meu nome e endereço.

Juscelino Kubitschek escolheu um engenheiro da Escola de Minas, Israel Pinheiro, para construir Brasília em quatro anos. Veio à Ouro Preto como Governador de Minas e, ao visitar uma República com Israel, procurou o Presidente para manifestar-lhe seu desejo de ter este título!

É importantíssima na vida profissional a função da República. Ali se revelam, inteiramente, as tendências humanas, o senso de responsabilidade, de tolerância ou agressividade, de organização, de lealdade e de garra, que são tão necessários ao perfil de diversos profissionais, como é o caso dos engenheiros. São centenas as equipes de sucesso nos grandes empreendimentos que foram formadas a partir desse conhecimento.

Um dos mais expressivos foi a construção de Brasília. Para as posições que não podiam falhar foram convocados os engenheiros da Escola de Minas: Diretorias de Operações, Planejamento, Energia Elétrica, Saneamento, Estradas etc. Eles eram da confiança absoluta de Israel Pinheiro, que realizou a obra do século, no Brasil, ao saber colocar o homem certo no lugar certo.

As repúblicas sempre se constituíram como uma família mais verdadeira que a consangüínea. Isto porque cada um escolhe seu “irmão”. Não há o grupo familiar imposto e muitas vezes detestável. E se o escolhido não é o ideal você o substitui.

A comunidade assim formada convive durante anos e anos. E o mais rico nunca leva vantagem. Mas a dignidade de cada um é o que conta para nivelar a vida em comum. É comum se ouvir de antigos alunos que quando as repúblicas possuíam cozinha própria e não havia o Restaurante Universitário, a convivência era maior entre os estudantes e a influência republicana na moldagem das personalidades era completa.

Em Ouro Preto não é importante saber em que ano você se formou mas em que República você morou. Não são seus colegas de bancos escolares seus grandes amigos mas seus companheiros de vida estudantil. Isto se constitui na mais expressiva experiência de vida que jamais tive.

É notável como estas casas, com mais de um século, mantêm acima das leis, em perfeito regime anárquico, uma tradição e coerência. Todos mandam e ninguém obedece.

Que pessoas e entidades sigam o exemplo da Fundação Gorceix ajudando os estudantes carentes, a Escola de Minas e a Universidade, mantendo este modelo de vida, de solidariedade e de liderança. Liderança que permitiu a homens como Pandiá Calógeras, um civil, engenheiro, tornar-se o mais expressivo Ministro da Guerra do Brasil.

Os livros de visitas e registros das Repúblicas as de atas do Centro Acadêmico ou os depoimentos em tantos livros como os escritos por David Dequech, José Fiuza de Magalhães, Cassio Damazio são preciosidades históricas a serem preservadas.

Soma-se a tudo isto, agora, esta obra coordenada pelo escritor e pesquisador Otávio Luiz Machado Silva - um homem fiel a Ouro Preto e Mariana. Muito me honra prefaciá-lo este livro, porque em Ouro Preto é uma lenda. E disto muito necessita o Brasil.

PRIMEIRA PARTE

REPÚBLICAS DE OURO PRETO E MARIANA: A HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP) E A VIDA ESTUDANTIL

A quase inexistência de estudos ou a pouca divulgação do que se produziu, contribuiu para a insistência da construção de inúmeras visões distorcidas sobre as moradias estudantis no país, incluindo as da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que foi criada em 21 de agosto de 1969 por meio de Decreto-Lei assinado pelo Presidente Costa e Silva, integrando as Escolas de Farmácia, de Minas e o Instituto de Ciências Humanas de Mariana pertencente à Universidade Católica de Minas Gerais. E outros centros criados nos últimos anos.

O livro conta um pouco a história da construção e da evolução de um patrimônio público e cultural importante: as repúblicas. O livro é uma tentativa de sistematização da história das repúblicas de Ouro Preto, cuja originalidade do tema e a persistência do autor podem ser considerados os dois grandes méritos iniciais dessa obra.

Também é a história da construção do conhecimento que partiu de uma relação intersubjetiva com os mais diversos atores envolvidos na história das repúblicas, como moradores e ex-moradores de repúblicas, moradores das duas cidades históricas estudadas e líderes estudantis diversos.

Atualmente mais de setenta são de caráter público, incluindo as que pertencem à UFOP, à Fundação Gorceix ou à da Casa do Estudante da Escola de Minas. Há também algumas repúblicas particulares que seguem a tradição.

Assim, nesse cenário de Ouro Preto e Mariana, as repúblicas sempre foram importantes na conservação e na divulgação de seu patrimônio histórico, sendo hoje um grande espaço histórico

e cultural como o refúgio de estudantes que buscam um lugar para morar, viver e aprender.

Os investimentos públicos com a compra de casas para repúblicas é datado de 1958, quando a Escola de Minas cedeu um prédio que adquirira em 1953 para instalar a República Castelo dos Nobres, a primeira república masculina a adentrar num prédio da instituição. A República Rebu, por outro lado, em 1974, foi a primeira República Feminina a ocupar um prédio da UFOP.

A cidade de Ouro Preto é caracterizada e conhecida mundialmente pelo papel importante na economia brasileira durante o “ciclo de ouro”, especialmente no século XVIII, e, também por ser o estopim e palco da chamada “Inconfidência Mineira”, em 1789, um dos movimentos emancipacionistas importantes na história do Brasil e desencadeador das primeiras idéias de independência do Brasil.

Ouro Preto também é destaque pelo pioneirismo de suas escolas profissionais, sendo a Escola de Farmácia (fundada em 1849) e a Escola de Minas (fundada em 1876) os bons exemplos da tradição científica/educacional da cidade, cujas raízes são fundadas no ideário e da ebulição intelectual no período da Inconfidência, que tinham como plataforma intelectual a criação de uma Universidade em Vila Rica pelos inconfidentes.

Em 20 de março de 1823 Ouro Preto, até então Vila Rica, foi elevada a capital da Província de Minas Gerais. Dom Pedro visitou a cidade em 1831, na tentativa de pacificar a Província, mas não é bem recebido pela população. Em 1897, a capital de Minas Gerais passou de Ouro Preto para Belo Horizonte, que foi planejada e construída exclusivamente para sediar a administração política do Estado, devido às limitações geográficas de Ouro Preto.

Segundo Rodrigo Meniconi (2000) houve um esvaziamento populacional de 40% na cidade. A cidade recebe, em 1933, o título de cidade “Monumento Nacional” pelo Presidente Getúlio

Vargas, algo inédito no país. É declarado Monumento Histórico Mundial, passando assim a integrar o Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO, em 12 de dezembro de 1980.

As particularidades das “repúblicas” de Ouro Preto

Em Ouro Preto, as repúblicas são o maior patrimônio de sua Universidade. Um aspecto comparativo entre estes sistemas é a formação de um centro de ensino em suas cidades de origem, e por outro lado, a carência habitacional nestas cidades. Um outro é o das dificuldades encontradas pelos estudantes em manter estas casas, por exemplo, em relação a contas atrasadas e credores, que ainda é resolvido por um estudante mais alinhado e diplomático para resolver tais assuntos. Em Portugal, a escolha deste estudante encarregado da questão era entre os que tinham os atributos de "linha e lata", que pudesse prorrogar a situação, desde que possuísse como qualidade uma oratória suficiente para convencê-los e comovê-los.

Um ponto alto destas moradias, em se tratando de seus aspectos políticos, é o de precisar saber e aprender “a respeitar as opiniões das pessoas, a conviver com as diferenças e a argumentar, porque esse é um ambiente realmente democrático”.

O que caracteriza a vida em república é a sua divisão das tarefas e a responsabilidade de cada morador, que adquire perante os demais membros. Este é um dos pilares da autogestão, que associado à tomada de decisões na casa possui importância e significado para as casas. Nas repúblicas, para se morar, o calouro precisa se pôr à prova, tanto em sua capacidade e destreza para auxiliar na manutenção da casa como da presença de espírito, ao atribuir valor à amizade. Enfim, preocupação com os demais membros. O papel dos estudantes de Ouro Preto ao se viver em repúblicas, dizem que vivem os melhores anos da sua vida, é porque convivem de perto no seu dia-a-dia, sentem os

mesmos anseios e participam das mesmas realizações, e desta forma fornece à vida uma esperança renovada.

Uma grande aprendizagem em relações humanas é ensinada nestas casas, assim como a disciplina e a responsabilidade, pois a sobrevivência da casa exige a continuidade dos atos. Com as obras das repúblicas, o cuidado na preservação do patrimônio, que é trabalho de gerações. Passando pelas ruas de Ouro Preto, como os jovens carregando portas, mesas, cadeiras ou outros objetos de moradia. Através disto, constroem-se nestes ambientes a recriação de um ambiente familiar que nenhuma outra moradia oferecem: as festas, a biblioteca e outros espaços, fazem com que fiquem mais à vontade e se sintam em um mesmo lar. Mas somente em Ouro Preto temos e tivemos algo que não se encontra em nenhum outro canto.

A origem e a história das repúblicas de Ouro Preto

A cidade de Ouro Preto passa a ser a cidade das repúblicas, com um sistema estabelecido de casas com preços razoáveis, a partir da transferência da capital de Minas para Belo Horizonte em 1897, pois

“Ouro Preto tinha afamados credits educacional. Clima benigno, um tanto frio, excellente. Altitude de 1.100 metros. Agua abundante, das melhores do Brasil. Cidade pequena, de vida tranqüila. Ambiente acariciador. Familias affectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000. Alguns predios cahiram e outros eram dados para moradia para se conservarem gratuitamente. Em “republicas” o estudante podia viver com apenas 100\$0000 mensaes! Estudava-se de graça na Escola de Pharmacia e na Escola de Minas!” (RACIOPPI, 1940, p. 13).

Ouro Preto era um local ideal porque fornecia boas condições de permanência razoável durante todo o ano. Pedro Rache, formado em 1901 na Escola de Minas, relata sua experiência de estudante em Ouro Preto. Quando explica “a idéia de estudar em Ouro Preto”, este autor tenta explicar os motivos por não escolher a cidade do Rio de Janeiro, cuja Escola estava entre as oficiais de boas referências. Neste período, o conceito sobre Ouro Preto era o de cidade pequena, calma, clima excelente, com duas Escolas de alto nível. Travando contato com um colega, não estava este interessado em ir para o Rio de Janeiro, que estava infestada pela febre amarela e “era o terror dos estudantes riograndenses”(RACHE, 1954, p. 22):

“Todos os dias era eu surpreendido com a notícia da morte de algum colega ou conterrâneo, que dias antes, ao embarcar para o Rio, havia visto cheio de saúde e contente, alimentando os mais belos sonhos do futuro, sem pressentir que dias depois, logo de chegada à Capital Federal, o terrível flagelo o aniquilaria para sempre” (idem, p. 22).

Os estudantes que vinham fora do Estado, geralmente faziam a opção de se dirigirem de trem até o Rio de Janeiro, e em passagem rápida, pegar um outro para Ouro Preto. Rache e seu amigo ficou impressionados quando fizeram um primeiro passeio por Ouro Preto, no final do século XIX, antes da transferência para Belo Horizonte. Não era tão atrasada quanto imaginavam: “Cafês! Esplêndidos cafês! Lojas de fazendas, armazéns de especialidades, gente de bom aspecto passando pelas ruas!” (idem, p. 30).

Os estudantes geralmente vinham para um curso preparatório ou anexo à Escola de Minas para enfrentarem um exame de admissão bastante rigoroso. Sendo admitido, morava-se em uma república que era administrada geralmente durante um mês pelo seu Presidente. As repúblicas estabelecidas eram divididas por

gaúchos, cearenses etc. Ouro Preto conseguia atrair muitos estudantes, pois se tinha uma imagem e fama bastante positivas. A imagem bem descrita por Dequech é fiel:

“O aspecto provinciano da cidade, o seu notável passado, a boemia, a descoberta da liberdade por uma juventude pouco vigiada, o espírito acolhedor do ouro-pretano com sua compreensão e bondade, as contas penduradas, e, acima de tudo, a presença constante dos professores, seja nas escolas, fora delas, e até em casa, a inculcar o culto ao dever e à responsabilidade” (DEQUECH, 1984, p. 66).

Porém, a transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte foi um grande problema para Ouro Preto. A Constituinte especial convocada especificamente sobre o assunto reuniu-se em Barbacena no ano de 1893, com a presença de muitos ouro-pretanos ou de seus defensores que em vão não conseguiram barrar a transferência. Essa transferência para a nova capital despovoou a cidade de Ouro Preto. Funcionários públicos, militares, muitos comerciantes, famílias inteiras partiram para Belo Horizonte (Curral Del Rey). Os políticos que impediram a mudança não tinham conseguido seu feito, entre eles, Costa Sena, Rocha Lagôa e Camilo de Brito.

Ouro Preto parecia de uma hora para outra se tornar o símbolo do atraso, da Monarquia e da anti-modernização perante a sua tradição.

“Nos seus dois últimos anos de capital do Estado de Minas Geraes, em 1896 e 1897, Ouro Preto se preparava para ver o governo se transferir para a cidade de Minas, hoje Bello Horizonte, onde se installou a 12 de dezembro de 1897. O commercio em apprehensões. O funccionalismo, as repartições publicas, os escriptorios e os homens de negocios em perspectivas de mudança. A vida social em discreto

retrahimento. Dominava o ambiente de tristeza desanimadora. Demonstrava a gente ouropretana, em contraste com o entusiasmo dos mudantistas ou mudancistas, a invencível melancolia dos que vêem um ente querido partir para não mais voltar” (RACIOPPI, op. Cit, p. 49).

Por outro lado, os imóveis disponíveis em Ouro Preto tornaram-se fartos. Muitas destas casas foram cedidas ou ocupadas pelos estudantes, que a mantinham. Parece-nos que daí acontece sua fama de cidade ideal para se estudar. Quanto às casas cedidas, as famílias a liberavam porque era melhor deixá-los nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava. O fim do século seria o fim de Ouro Preto e o fim do mundo? Em outros cantos a belle époque, a euforia do mundo. O temor de outro.

Um registro maior deste período do final do século XIX acontece, cremos, porque estive em Ouro Preto como estudante Getúlio Vargas, que morou, juntamente com seus irmãos, em uma república dos gaúchos, quando veio em 1897. Dizem que morou na República Bastilha, que existe até hoje, só que em outro endereço. Pedro Rache conhecia seus irmãos, Protásio e Viriato, sendo o apresentado por este último, que o qualificou de “indiosinho”. Porém, a trajetória de Getúlio por aqui foi curta. Teve que sair apressadamente devido ao envolvimento de seus irmãos em um crime. No livro de Jô Soares, em seu prólogo, contextualiza o período vivido por este Presidente: *“A rivalidade entre os moradores das várias repúblicas provoca, como de praxe, atritos e discussões. São comuns as refregas de estudantes no Bilhar Helena, na Rua São José, um dos pontos preferidos pelos rapazes que estudam na cidade” (SOARES, 1998, p. 13).*

Como as repúblicas universitárias de Ouro Preto que conhecemos hoje têm sua existência marcada ainda no século XIX, na forma de casa de estudantes que dividem as despesas e vivências, portanto, é uma instituição antiga em Ouro Preto. Porém, com poucos registros sobre o século XIX, exceto alguns livros de memorialistas, nos impedem de conhecer, por exemplo, a república mais antiga em Ouro Preto. Não é possível ainda montar um critério para a constatação sem incorrer em erros, pois algumas repúblicas já não mais existem.

É sabido que Ouro Preto atraía muitos estudantes das regiões longínquas do Brasil, que buscavam ao mesmo tempo uma boa Escola e um local com boas condições de se estudar. Não havia no Brasil um sistema de transporte e de comunicação eficientes. Ficava-se em Ouro Preto praticamente todo o ano. As viagens de volta para casa ocorriam apenas nas férias, e para deles muitos, somente no final de ano. O aluguel era bastante acessível em Ouro Preto, pois existiam muitas casas desocupadas. Veículos apenas uns poucos. A viagem interurbana era pelo trem de ferro. Consumia-se mais de 5 horas de Ouro Preto para Belo Horizonte. Estradas aqui, só em 1938.

As festas de Ouro Preto de grande porte como o 12 de outubro era, segundo Walter Von Kruger com pouca gente, geralmente ex-alunos, alunos e professores, sendo a “bebida gratuita, importada e boa”. No natal, os estudantes distribuíam um cartãozinho para as famílias da cidade, pedindo os ingredientes para as ceias. Recebiam muitos vinhos, e nas confraternizações, não se tinham mulheres.

O Restaurante universitário foi inaugurado em 1959. Antes, as refeições eram feitas nas próprias casas. Geralmente se tinham um cozinheiro, contratado pela casa. Havia o livro da Escrita, com todas as despesas da casa, administrada mês a mês pelo seu Presidente, que fazia a compra mensal nos mercados, que entregavam em burrinhos. A lenha se adquiria com a compra de um “burro de lenha”, a dois mil réis. Assim, esse convívio

intenso, durante todo o tempo e por vários anos deram aos seus moradores amizades para o resto da vida. Viviam como família. Nos finais de semana tinham um “assustado” no CAEM, com vitrola, mas preferencialmente no domingo, que durava cedo. O cinema do Dodô era outra atração neste período. Segundo Kruger, muitos pagavam suas despesas até depois de formados.

No Brasil, na antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, desde 1938 o Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto buscava criar a sua entidade assistencial, através da busca de apoio junto à Casa do Estudante do Brasil (CEB).

Mas Devemos ressaltar que a CEB foi uma entidade que passou a sucumbir com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1938. A entidade pretendida pelos estudantes de Ouro Preto veio a surgir apenas em 1946, com a Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP). Criada para ser uma “uma instituição visando especialmente promover todas as formas de proteção e beneficiência aos estudantes de Ouro Preto” (ata de fundação), recebeu recursos públicos e privados desde os primeiros instantes.

Como presidente da Comissão Central incumbida pela Associação dos Ex-alunos da Escola de Minas de instalar a Casa do Estudante, o Professor Fleury falou na oportunidade de fundação da entidade dos seus objetivos primordiais: “uma instituição visando especialmente promover todas as formas de proteção e beneficiência aos estudantes de Ouro Preto” (ata de fundação). Comunicou na ocasião as verbas recebidas, totalizando noventa e cinco mil e oito cruzeiros e noventa e oito centavos (CR\$95.008,98), oriundas dos seguintes fundos: 1) Consórcio Administrativo de Empresas de Mineração (CADEM) - CR\$20.000,00; 2) St. John de Rey Mining Company Limited - CR\$20.000,00; 3) Companhia Minas da Passagem - CR\$20.000,00; 4) Mineração Geral do Brasil - CR\$15.000,00; 5) Companhia Cimento Portland Itau - CR\$5.000,00; 6) Comendador José Martinelli - CR\$5.000,00; 7) Companhia

Geral de Minas - CR\$5.000,00; 8) Carbonífera Brasileira S.A. - CR\$2.000,00; 9) Companhia Carbonífera do Cabuí - CR\$2.000,00; 10) Companhia Nacional de Ferro-Ligas - CR\$1.000,00.

A Casa do Estudante da Escola de Minas, que foi criada em 1953, tinha por finalidade principal fornecer aluguel acessível, bolsa dos alunos da Escola e “alojamentos confortáveis e higiênicos” (folder da instituição). Foram para isso construídas várias “repúblicas” tradicionais dos estudantes de Ouro Preto ou reformados prédios antigos. A criação de uma nova entidade foi uma forma da Escola de Minas não dividir recursos “destinados a Ouro Preto” com a Escola de Farmácia e a Escola Técnica, pois seus ex-alunos, postos em empresas e cargos públicos chaves, passaram a questionar sobre a destinação dos seus esforços para outras escolas.

Estas repúblicas da Casa do Estudante eram particulares e as conseguiram mediante sorteios, junções com várias outras repúblicas etc. São casos como da república Arca de Noé, de 1927, que se instalou definitivamente em 1958 em uma das residências sob este caráter. A República Canaan, fundada em 1930, está em uma casa na Rua Xavier da Veiga desde 1946, bem como a Consulado, de 1936. A Formigueiro, de 1951, instalada em uma casa ao lado da Pousada Arcádia Mineira, conseguiu se instalar em uma residência da Casa do Estudante em 1958, depois de sorteio, de uma das casas doadas pelo então Senador José Ermírio de Moraes, do Grupo Votorantim.

SEGUNDA PARTE: HISTÓRICO COM AS FUNDAÇÕES DE ALGUMAS REPÚBLICAS DE OURO PRETO E MARIANA

REPÚBLICA ADEGA: A República Adega é de propriedade da Escola de Minas de Ouro Preto e está situada na Avenida Vitorino Dias, nº 118, no centro histórico de Ouro Preto. Esta

república foi fundada aos onze dias do mês de março de 1963. Foram seus fundadores: Benedito França Barreto, Carlos Campos Bueno, Ernesto França Barreto, Serafim Carvalho Melo e Urias Francisco de Lima. A república possui um estatuto que define todos os direitos e deveres dos republicanos. Ao chegar à república, o aluno deve passar por um processo de adaptação, no qual é observado pelos republicanos em relação a alguns aspectos, como sua iniciativa para conservação e melhoria da casa, relacionamento com os republicanos, além de passar pelos tradicionais trotes. Depois desse período, os moradores fazem uma reunião e entram num consenso, escolhendo ou vetando o "bixo".

REPÚBLICA AQUARIUS: A República Aquarius foi fundada no dia 20 de agosto de 1969, quando tomados por um espírito de luta, os primeiros aquarianos ocupam uma casa que seria destinada inicialmente a professores da Escola de Minas. Localizada na Rua Paraná, 26, são seus fundadores Evandro Bomtempo, Roberto Brandão, Botiô, Campolina, Teófilo, Norival, Luiz Romano Russo, Quinquinha, José Wilson, Pinga, Silvestre, Quati, Lulu, Calango e outros. Criada quando do início na chamada Era de Aquarius, daí seu nome, num momento delicado no Brasil e no mundo, nos conturbados anos de 1968 e 1969. Diversos episódios de transformação, redefinição e mudanças nos campos políticos, sociais e culturais se impunham. Muitos conceitos são revistos, apresenta-se arranhões ou fulcros na mentalidade presente, quando não cisões, e essa busca por um mundo melhor, mais humano, livre, justo, diferente e para todos se tornou ao mesmo tempo um desafio e uma causa a seguir: anos de sonhos, desafios, luta, aprendizagem, inovação e ousadia, conquistados no convívio diário, pelo respeito, dedicação e humildade. É a maior República Estudantil de Ouro Preto.

REPÚBLICA ARCA DE NOÉ: Foi fundada em 1927. O primeiro endereço foi na casa histórica do inconfidente Tomás Antônio Gonzaga (atual Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto) na Rua Cláudio Manoel. Em meio a turbulências vividas nos idos anos de 30 e 40, grandes Arqueanos como Eitel Burger Frambach, Rodrigo Lopes e Moacir do Amaral Lisboa, tomaram com firmeza o timão da Arca e colocaram-na em rumo certo. A Arca continuou acolhendo novos “bixos” e superando tempestades até que num dia de sol e céu azul um homem de gravata e amigo da Escola veio visitar Ouro Preto. Sabendo da visita deste homem, Leonino Ramos Caiado e Kleber Farias Pinto, entre outros, se prepararam e foram de encontro a ele. O homem era o empresário José Ermírio de Moraes, o patriarca fundador do grupo Votorantin, que admirado com as idéias de progresso colocadas pelos Arqueanos, fez doação à Casa do Estudante da Escola de Minas para construção de duas moradias estudantis, onde uma delas é o atual porto seguro da República Arca de Noé, desde 1958 (Rua Xavier da Veiga, 164 - Centro Histórico de Ouro Preto).

REPÚBLICA ARCÁDIA: A República Arcádia surgiu em 1977 da união de estudantes de cursos variados que com o mesmo objetivo resolveram alugar uma casa, dividir as despesas e assim diminuir o custo de vida. Nascia o que poderia ter sido apenas mais uma república particular em Ouro Preto. No entanto, essa república, desde seu nascimento, já demonstrara contornos de sua especialidade, pois até então, não era comum que estudantes de cursos variados convivessem organizados nas tradicionais repúblicas de Ouro Preto. Entretanto, o sonho de uma casa própria não estava distante. A cada dia, a cada semestre e a cada novo vestibular os mais jovens moradores foram contaminados por um sentimento de amizade, respeito e tradição. Hoje a Arcádia está existindo numa casa adquirida pelos ex-alunos, um sonho antigo realizado.

REPÚBLICA ARTE & MANHA: A República Arte & Manha foi fundada em 19 de Setembro de 1982 e fica localizada no Campus Universitário do Morro do Cruzeiro. Sua fundação foi profundamente marcada pela participação de seus fundadores no movimento estudantil da década de 80. O nome Arte & Manha foi resultado de um processo democrático. Os fundadores optaram por fazer uma festa na qual os convidados sugerissem um nome para a república. Foram selecionados três nomes: Cabaré Barroco, Wiltaker e Arte & Manha. Esse último venceu por unanimidade entre os moradores. A república diferenciava-se das outras por ter como fundadores alunos de todos os cursos, pelo fato de aceitar estrangeiros e na origem era masculina. A transição para mista não resultou de problemas da república vizinha como acreditávamos. Ocorreu que duas meninas dessa república vieram passar dois meses na Arte & Manha, essas não tinham onde ficar até se transferirem para Belo Horizonte. Este fato serviu de precedente para que algum tempo depois outras duas meninas, Cláudia e Laura, muito amigas dos moradores de então, viessem morar temporariamente; elas também passavam por dificuldades com relação à moradia, como o relacionamento estabelecido foi positivo, os moradores decidiram por efetivar Cláudia e Laura como moradoras, no dia 22 de Junho de 1986.

REPÚBLICA ARUANDA: As moradoras Rita, Célia, Beth e Ana Paula, que moravam em uma república perto da Castelo dos Nobres, se desentenderam por causa de uma briga, quando os meninos enfiaram até uma faca na mesa em uma festa. Depois disso elas foram para a República Penitenciária. Ficaram por lá em um quartinho até o final do período. Depois foram morar em uma casa de fundos no bairro cabeças, praticamente ao lado da Rep.Saudade da Mamãe. No segundo semestre de 1986 Fufu entra na República por indicação do seu irmão que morava na Penitenciária. Ritão, irmão de Rita depois foi morar na

Penitenciária também. Do bairro cabeças, se mudaram para uma casa no bairro Pilar, neste caso as condições de moradia eram bem melhores. Posteriormente, a república passou a se localizar nas lajes e a proprietária era tia da Rita, nesta casa as primeiras ex-alunas se formaram. O nome foi escolhido pela Giovana. O motivo não sabemos. Mas eis o significado de Aruanda: É uma colônia específica no plano espiritual, onde residem espíritos de muita luz, constituídos em sua maioria de Pretos Velhos e Caboclos, e que são os responsáveis espirituais pelo o que nós conhecemos aqui na terra por Umbanda.

REPÚBLICA AVALON: A República Avalon foi fundada no dia 15 de setembro de 1995, em uma casa na Rua Manoel Isaías de Carvalho 27, Barra, pelas alunas Fábria, Patrícia e Silcéia, todas estudantes de nutrição, por Fabiana, estudante de Farmácia e Alessandra, estudante de Direito. As quatro primeiras já moravam juntas em outra casa, quando resolveram fundar uma república em que a meta mais importante a se alcançar era transformar a nova república em um segundo lar, não só para as fundadoras, mas também para as calouras que iriam chegar, procurando sempre respeitar a individualidade de cada uma e ao mesmo tempo viver com espírito coletivo. O nome foi inspirado na Mitologia Grega, onde Avalon é uma ilha habitada por deusas, sendo que essa ilha é considerada o paraíso na terra só sendo superada pelo Olimpo. Segundo a Mitologia Grega, um deus chamado Belorofonte, antes de chegar ao Olimpo teve que passar por várias provações, percorrendo ilhas cheias de obstáculos e monstros até que superou tudo e chegou a Avalon, encontrando somente paz e beleza. Em maio de 1997 a República muda de endereço para a Rua Professor Antônio de Paula Ribas nº 67/30, Água Limpa. Em 1998, pela primeira vez, a Avalon ganha o Miss Bixo em que as calouras se vestiram de capetinha e freira atentada. Atualmente a República Avalon está

situada a Rua Clodomiro de Oliveira nº 23, Pilar. Neste ano de 2010 completamos 15 anos.

REPÚBLICA BANGALÔ: Em meados do primeiro semestre de 1976, em 26 de abril, uma segunda-feira, jovens estudantes da Escola de Minas de Ouro Preto, vindos da cidade de São Sebastião do Paraíso-MG, tiveram a honra de fundar uma nova república em Ouro Preto, situada à Rua das Mercês, 247. Vieram eles, em grupo de nove pessoas, pois já moravam juntos, nos fundos de uma casa, em quartos alugados, no então "Beco dos Bois". Era uma época em que faltavam casas e sobravam estudantes. Ao saberem da intenção da Reitoria em adquirir algumas casas, começaram a "batalhar", de todas as formas, a obtenção de uma delas, conseguindo após algum tempo realizar aquele grande sonho de morar em uma república da Escola de Minas, vindo a residir nesta casa que a princípio seria destinada a professores. Nascia, assim, a república. Nos últimos anos surgiu uma grande novidade na casa: a "Festa dos Pais". Nesta ocasião, todos os familiares dos atuais moradores vêm até a república para rever seus filhos e irmãos. Assim, acabam por sentir o sabor de viver, por alguns dias, a incrível condição de ser um aluno da Escola de Minas de Ouro Preto.

REPÚBLICA BASTILHA: Surge em 1982 como a primeira república a ocupar uma das casas do Campus Universitário. A mudança aconteceu no dia 13/04 e a casa foi formada a partir de três outras repúblicas: Bastilha, Sonho de Virgem e Alambick. O nome Bastilha foi eleito com o consentimento de todos os moradores e foi escolhido como símbolo a Guilhotina. Houve uma festa de inauguração da placa no dia 30/04 com muito foguetório e algumas reclamações dos vizinhos. Em 1983, a República Bastilha ganha um de seus personagens mais ilustres: D. Geralda, a "cumadre" que trabalhou na casa "tomando" conta de todas as gerações de Bastilhanos.

REPÚBLICA BAVIERA: Fundada em 1958 e com sua localização inicial na Rua São José, a República Baviera começaria sua história e de seus moradores, no endereço atual em meados dos anos 1960. A compra da casa na rua dos Paulistas foi concretizada em 1960, com o dinheiro partindo do Sindicato do Ferro, no qual o pai de um dos fundadores fazia parte, sendo que o pedido para a compra fora feito pelos próprios fundadores da república. No início a casa ainda não pertencia a Escola de Minas e mantinha-se em condições precárias, mas no ato da saída do último dos fundadores, esta foi entregue aos cuidados de uma entidade associada a Escola chamada Casa do Estudante, com o intuito de que esta promovesse, além da reconstrução da casa uma forma de moradia para os estudantes que optaram pela cidade de Ouro Preto para concluírem seus estudos. A casa praticamente foi reconstruída no período de 1964-1965, justamente um dos períodos mais marcantes da nossa história, pois o golpe que marcou gerações foi sentida na pele pelos estudantes que residiam na república. Na época a Baviera mantinha-se envolvida o movimento estudantil. Em uma de suas várias “abordagens”, comuns nesse período paranóico de conspirações, a polícia tomou a casa de madrugada e conseguiu deixar atônitos todos os moradores, que se viam de mãos estendidas encostados na parede enquanto suas coisas eram reviradas em busca de sinais que constatassem algum envolvimento dos estudantes com a política anti-governamental. Recentemente a Baviera veio a sofrer um incêndio, mas foi reconstruída com a solidariedade de muita gente, principalmente seus ex-alunos.

REPÚBLICA BEM NA BOCA: Em 1990, a casa que se localizava na Rua Diogo Vasconcelos 87C no bairro Pilar, local mais conhecido como “brejo”, começou a ser alvo de disputa por estudantes. Após dois anos de negociação e graças à participação

das primeiras moradoras na Comissão de Moradia Estudantil ocorreu um sorteio. Como havia muitas repúblicas femininas e pessoas isoladas pleiteando o local, as repúblicas particulares Água na Boca e Bem-me-Quer fizeram um acordo: elas se uniriam caso alguma fosse sorteada. E foi o que aconteceu. Nascendo assim a BEM NA BOCA, em 28 de abril de 1992, com a junção dos nomes das duas repúblicas. A primeira geração fez sua parte conquistando a casa, começando a lutar pelas adaptações que deveriam ser feitas. No começo não puderam colocar calouras, pois todas as vagas já estavam preenchidas. À segunda geração coube o início da nossa tradição, ou melhor, a República Bem na Boca era a primeira casa de todas elas. Daí, enfatizava o trote para entrosar quem estava chegando e as festas foram eternizadas como: a comemoração do aniversário da república, quando ex-alunas se reencontram para viver um pouco (e agora com a gente) da lama estudantil, revivendo a nostalgia ouro-pretana.

REPÚBLICA BICHO DO MATO: Nossa república surgiu da iniciativa de três pessoas montarem seu espaço particular com mais liberdade e comodidade. Fernanda, Marlene e Simone sabem que para chegar a essa conquista foi preciso muita luta... Na pensão onde moravam sonhavam juntas na casa que, um dia, poderiam dividir suas emoções e experiências numa SELVAGEM família que hoje chamamos BICHO DO MATO. A república Bicho do Mato foi fundada em 18 de setembro de 1991, abrigando consigo mais três moradores: Elenir, Silmara e Júnior. No início, as coisas foram difíceis, mas com o tempo cresceu o respeito, a compreensão e o sentimento carinhoso uma pelas outras. O nome BICHO DO MATO foi primeiramente apelidado pelos amigos da república Pasárgada, que achavam as moradoras muito meigas e tímidas, além de serem naturais da cidade de Caratinga, interior de Minas Gerais, porém SELVAGENS. E assim foram...uma longa batalha até se

consolidar como uma república com tradição, costumes, companheirismo, amizade, uma verdadeira família. A República Bicho do Mato possui 32 ex-alunas e 7 amigos homenageados. Atualmente, a mansão Bicho do Mato comporta 12 pessoas, sendo 8 dessas moradoras. Para se tornar uma Selvagem, a caloura deve batalhar a vaga, sendo a batalha um meio de escolha. Um meio de manter o contato entre ex-alunas, moradoras, familiares e amigos são as comemorações anuais, como a festa da família, festa das crianças, aniversário da república e a ceia. Hoje, nossa amada República Bicho do Mato já faz parte da história de Ouro Preto, sendo a república mais tradicional da Bauxita. Há 19 anos exaltando o espírito republicano e o cultivando em novas gerações. “... *Que nos perdoem as demais, mas ser SELVAGEM é fundamental!*”

REPÚBLICA BICO DOCE: Em 1978, o número de Repúblicas femininas em Ouro Preto era muito pequeno, por essa razão, cinco amigas que cursavam Farmácia, Silvânia Magda Oliveira Silva, Rosana Mourão Coutinho, Margaritha Elizabeth Lafuente, Helenice da Cunha Oliveira e Ana de Fátima Rosa, alugaram a casa de número 100 na Praça Juvenal dos Santos, bairro do Pilar, inaugurando, em 06 de Outubro de 1978, a República Bico Doce. O fato de ser uma casa alugada, tornava difícil manter o mesmo endereço, assim, em 1982 a República mudou-se para a Rua Bernardo Vasconcelos, número 45 no bairro Antônio Dias. Desde então, a Bico Doce mudou três vezes de endereço, tentando manter-se no mesmo bairro. No ano de 1988, a República mudou-se para a casa de nº 98, na mesma Bernardo Vasconcelos, permanecendo nesse endereço até julho de 1997, quando foi transferida para a casa da frente, número 99. Apesar das dificuldades que sempre enfrentou, por ser uma República particular, a República se supera. No início a República era só para alunas do curso de Farmácia, mas com o passar do tempo viu-se a necessidade de abrir para outros cursos.

REPÚBLICA BOITE CASABLANCA: Quem nunca se emocionou com a história de “Humphrey Borgart” no filme Casablanca. Pois bem, a magia desta história veio parar num lugar não menos mágico: Brasil - Minas Gerais - Ouro Preto - Mundo. A origem do nome da casa foi inspirado no clássico “CASABLANCA”, sendo um dos símbolos da casa, quadros do referido filme. O interessante é que na república não existe nenhuma boate (ao contrário das demais repúblicas). Na placa original da república constava da seguinte inscrição: Boite Casablanca (Dia e Noite). Desde sua fundação é comum, encontrarmos pessoas (estudantes, turistas, nativos, etc.) dentro ou fora da casa perguntando: “Cadê a Boite?” Situada na parte central de Ouro Preto, a Boite Casablanca, nasceu em algum lugar da Rua Getúlio Vargas e era uma república multidisciplinar, por abrigar estudantes da Escola de Minas, de Farmácia, Escola Técnica e dos Colégios Arquidiocesano e Alfredo Baeta. Eram então moradores: Célio Pessoa Magalhães de Coronel Fabriciano - MG; Rômulo Alves Carvalho de Ipatinga Luiz Fernando Bueno - “Maracá-; Afonso Vaz de Oliveira e Gilberto Magalhães de Abreu). Porém, como a casa encontrava-se em péssimas condições de conservação, decidiram mudar. Havia uma casa muito boa na Ponte dos Contos, mas a dona não queria alugar para estudantes. O “Tequila”, que trabalhava no Império das Pedras, um cômodo alugado debaixo do sobrado, se juntou a “moçada” e convenceu a senhora a alugar o tal sobrado. No segundo semestre de 1963 a República mudou-se para a Rua São José, 9. Juntaram-se à turma: Luiz Henrique Coelho (“Tequila”), Edmundo Magnus da Cruz Costa e Carlos Cruz Santos (“Caneco”). O Tequila, assim, assegurou o fio condutor para a negociação do aluguel. Outra leva de estudantes se juntou ao grupo para fundar a república.

REPÚBLICA BUTANTAN: A República Butantan foi fundada em 08 de outubro de 1962, criada por quatro estudantes de Engenharia Geológica (Maurício Marcone Pereira Cunha, Marcos Donadello Moreira, Emmanuel Dutra Leal e Carlos Alberto H. Trindade), que se reuniram em uma modesta casa na Rua Getúlio Vargas, próxima a Igreja do Rosário, a República Butantan era uma casa com ocupação máxima de quatro pessoas. No ano de 1966 a Escola de Minas, sensibilizada com o grande movimento realizado pelo DA (Diretório Acadêmico), decidiu investir em algumas casas adquiridas e transformá-las em repúblicas, entre as quais a Butantan era uma delas, que no início de fevereiro de 1967 passou a ter sede a Praça Barão do Rio Branco, 44, ao lado da Igreja do Pilar. Casa esta que pertencia anteriormente a tradicional família ouropretana, que é a Trópia. No início a nova casa contava com cinco quartos, sendo construídos por seus novos moradores dois outros quartos, na parte dos fundos da casa, e assim aumentando a quantidade de estudantes a residir na República. Os moradores sempre tiveram a preocupação de zelar pela melhoria da República, fazendo reformas e novas construções na casa.

REPÚBLICA CAIXOTINHO: A República Caixotinho, república feminina tradicional de Ouro Preto, foi fundada no dia 15 de abril de 1978. É uma das repúblicas femininas que manteve até os dias de hoje a luta das estudantes em prol do protagonismo republicano, com várias gerações de ex-alunas e um caminho percorrido que orgulha o sistema de repúblicas estudantis de Ouro Preto.

REPÚBLICA CANAAN: A República Canaan foi fundada em meados da década de 30. A data exata de sua fundação se perdeu no tempo devido a falta de registros. Alguns de seus primeiros ex-alunos e fundadores foram Wilson de Bello, Sebastião Magalhães Carneiro e Geraldo de Oliveira. Pertenceu à antiga

Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP) até 1976, quando foi doada a Universidade Federal de Ouro Preto (em doação duvidosa, com o intuito que a recém criada Universidade pudesse manter a casa em boas condições, já que a CEOP não tinha condições adequadas). Sua localização inicial foi na Rua das Flores, depois foi transferida para a Praça Tiradentes e em seguida para onde se encontra à pelo menos 54 anos, na rua Xavier da Veiga, nº 29, ao lado da casa que abrigava o antigo Arquivo Público Mineiro, atualmente uma hospedaria. O nome “Canaan” vem da palavra “Cana”, de cachaça, pinga, aguardente, ou como queiram. Foi esse nome dado à república, pois essa que é a mais popular bebida brasileira, que era a maior companheira daqueles primeiros moradores para enfrentar as frias noites ouropretanas, cuja a fidelidade a ela persiste até hoje. Mas hoje o nome é também associado à Canaã, que na Bíblia Sagrada, era a terra prometida por Deus a Moisés e seus seguidores. A Canaan esteve presente fortemente na história do movimento estudantil na década de 1960 quando, os estudantes acuados pela repressão, faziam reuniões escondidas no porão da casa. Eles chegaram a ser chamados de comunistas pelos vizinhos. No início de 1970, Tunai (famoso cantor e ex-aluno da Canaan) montou um bar no porão da casa onde cantava e abrigava os visitantes da noite boêmia nos primeiros festivais de inverno de Ouro Preto. Hoje este bar virou a “boite” da república.

REPÚBLICA CASANOVA: Fundada no dia 21 de Abril de 1973, situada inicialmente na Praça Juvenal Santos, 31, próximo à matriz do Pilar, o prédio que seria para alojamento de professores da UFOP foi ocupado com o apoio do DAEM (Diretório Acadêmico da Escola de Minas) por estudantes de Engenharia e Farmácia. Sendo o prédio de dois andares e em função da má distribuição de seus cômodos, o mesmo foi dividido em duas novas repúblicas: sendo o andar superior a

Casanova e o andar inferior a Cassino. A partir daí, tendo como novo endereço a Praça Barão do Rio Branco, 46, passou então a fazer parte das chamadas “Repúblicas da Praia do Circo”. A República teve como fundadores Antônio Carlos de Matos, Antônio Carlos Teixeira Pizziolo, Caio Antônio de Carvalho, Celso Machado, Ciro Gonçalves Sobrinho, Eônio Milagres, Eliseo Mário, Grimaldo Dutra dos Santos Leal, Jorge Adílio Penna, Gilson Borges, Mozart de Alcântara, Pietro Sciavicco, Sebastião Scaramuzza, Silvério Furtado Rosa e Robertson Abdala. O nome Casanova foi dado em homenagem ao grande e lendário conquistador Gionanni Giacomo Casanova (1725-1798), nascido em Veneza, Itália. Entre suas atividades foi seminarista, jornalista, escritor, diplomata, músico, empresário, espião, soldado, presidiário, bibliotecário e fugitivo.

REPÚBLICA CASSINO: Dentre as mais de oitenta repúblicas de Ouro Preto, destaca-se a República Cassino, fundada no dia 21 de abril de 1973. O local antes fora ocupado por antigos professores da universidade. Como o privilégio era a ocupação estudantil, houve uma revolta entre os estudantes da época tendo como vitória a tomada da casa para que ela hoje se tornasse o que é. Com o passar dos anos, houve a necessidade de nomear a república, e como os moradores tinham como passatempo o jogo de cartas, tiveram a idéia de chamá-la de CASSINO. Até hoje a tradição do jogo é passada de morador para morador. Às vezes são realizados campeonatos de baralho dentre os “cassinenses” valendo a mesada do mês. Há casos em que moradores experientes no jogo davam como pagamento das dívidas republicanas, dinheiro ganho destas apostas. Os primeiros momentos de “calouro” são difíceis, a famosa fase de “BIXO”. Rala-se muito, pois a pessoa tem que merecer a casa, ou melhor, o título que lhe é outorgado, nesse caso, de cassinense. Ao final da batalha é chegado o momento da escolha. Muita pinga, bagunça e é claro, muita animação. Momentos inesquecíveis, a

chegada da reta final, tudo é festa, porém existe grande tristeza por parte daqueles que partem.

REPÚBLICA CASTELO DOS NOBRES: Em seu *Guia de Ouro Preto*, Manuel Bandeira, porta-voz das lacunas loucas da memória, nos leva por caminhos que para o tatear dos olhos já se perderam; “*no caminho das Lajes note-se o belo sobrado, que foi residência da família Mota. Pertenceu ao barão do Saramenha e abrigou uma República de estudantes, O Castelo dos Nobres*”; mas que de alguma forma, insiste desde 1919 em permanecer. Sobretudo nas memórias do velho professor Krüger, que na altura de seus anos nos conta pirrelhas dos idos de trinta; colocando sentido em nomes que aparecem ao longo das primeiras décadas do século: Miguel Maurício da Rocha, Alderico Rodrigues Albuquerque, Ulisses de Almeida e outros tantos formados pela antiga Escola de Minas, celebrada ainda hoje no mês de outubro, no dia doze. Mas que hoje, bem como antes, é sempre necessário olhar para trás, ver que os números no papel não significam simplesmente mais de oitenta anos, porque como tatuagens, os anos recobrem a pele dizendo algo que os ângulos e cálculos jamais perderão seus instantes de silêncio e profunda confusão.

REPÚBLICA CHEGA MAIS: A república Chega Mais foi fundada em 19 de agosto de 1994 por oito estudantes da UFOP que lutaram pela conquista da casa. Como foi um imóvel cedido pela própria Universidade, desde a fundação convive parede a parede com um setor administrativo da própria instituição. Suas estudantes procuram manter e preservar com máximo cuidado a casa mantendo o espírito republicano de Ouro Preto, pois passou quase uma década como o último imóvel cedido pela própria UFOP para se tornar uma república, o que aumentava a responsabilidade das moradores com a administração do prédio público.

REPÚBLICA CIRANDINHA: Antes de ser Cirandinha era Mulheres de Atenas, e ficava na Rua Quintiliano, nº 180. Como já havia outra República com esse nome e a casa era perto da Vila dos Tigres, veio a idéia de Cirandinha, já que seria rodeada por Repúblicas masculinas. Esse nome também surgiu pela influência da minissérie *Ciranda Cirandinha* que estreava naquele ano (1977). A Cirandinha foi fundada em 1º de abril de 1977, por nove moças estudantes da UFOP, e sua primeira casa foi na Rua Conselheiro Santana. Num momento de sua História teve a oportunidade de se transformar em Federal, só que isso somente seria permitido pela UFOP se houvesse uma fusão com outra República feminina, o que não foi possível devido à incompatibilidade de unir duas identidades, o que faria com que, no mínimo, uma delas perdesse suas características, deixando de lado toda história vivida para dar início a uma nova casa, uma nova história. As histórias de alegrias, declarações de amizade - e suspiros de saudades daqueles que por aqui passaram - estão registrados em três livros de atas que estão preservados.

REPÚBLICA CONSULADO: Em 1936, os jovens Nabor Wanderley Nóbrega, Paulo Ayres Cavalcanti, Sílvio Vilar Guedes e Edson Vinagre de Azevedo, todos da Paraíba tiveram a idéia de fundar uma nova República em Ouro Preto. Nome escolhido: Consulado da Paraíba. Inicialmente, com o endereço na Rua dos Paulistas. Migrando-se para várias ruas de Ouro Preto fixou-se à rua das Mercês número 89, onde se encontra até hoje. O nome atual da República foi resumido a Consulado, mas a história da república jamais negligenciou sua origem. Em 1941, criaram o Livro Sagrado da República Consulado - o Alcorão - onde, até hoje, são registrados todos os eventos de importância da história desta casa estudantil. Dentre estes eventos, encontra-se o aniversário da Escola de Minas, comemorado no dia 12 de Outubro. Nesta data, a república se

prepara para receber os ex-alunos, que têm a oportunidade de retornar à casa onde viveram, rever os amigos, relembrar alguns momentos e fazer aquela tradicional curriola de Ouro Preto. Também são feitas homenagens aos ex-alunos que por ventura venham a fazer aniversário de um, cinco, dez, quinze anos (assim por diante) de formatura. É uma confraternização muito importante, visto que há um encontro de gerações de Cônsules (Cônsul - nome dado a todo morador e ex-aluno da República Consulado).

REPÚBLICA CONVENTO: A República foi fundada em abril de 1969 por Maria das Graças Pequeno, Maria das Graças Rigueira, Rosângela Peixoto, Urquiza Dolabella, Maria da Glória Almeida, Maria Imaculada Fontinelle, Élade Ferreira, Viviane Lion, Marina Eleusa, Dirlene Bastos Cabral e a comadre "Totó" (considerada a mãezona), sendo a primeira feminina de Ouro Preto. Nesta época, como todas entraram juntas na República, exceto Dirlene, que entrou em agosto do mesmo ano, não existia hierarquia como nos dias de hoje, que é por ordem de chegada. No início, localizava-se na Rua da Escadinha. Era uma casa nos fundos e tinha uma corrente de ar muito grande, por isso, as moradoras deram o nome "Com Vento", onde permaneceu até ser transferida para a Rua Professor Rosalino Touciano Gomes e de lá para a Rua dos Paulistas. Nesta época ainda era uma república particular e todas as moradoras cursavam Farmácia e, como relatam, eram muito discriminadas, tanto por ser a única feminina da época quanto pelo seu curso. Nem o restaurante dos estudantes (REMOP) podiam usar, por ser propriedade da Escola de Minas. Um fato engraçado que ocorria era a parada de procissões comandadas pelo Padre Simões em frente à casa, onde os participantes rezavam pela "alma das pecadoras". Por outro lado, alguns moradores das repúblicas da rua do Paraná tinham o hábito de observar as Conventinas quando estas tomavam banho de Sol. Com a instituição da Universidade

Federal de Ouro Preto, um sorteio realizado em 1982 para determinar quais repúblicas ocupariam as casas recém-construídas pela UFOP no Campus, a República foi finalmente transferida para seu atual endereço e com o nome de "Convento".

REPÚBLICA COSA NOSTRA: A História da República COSA NOSTRA teve início no ano de 1988, com a notícia dada pela universidade sobre a construção de novas repúblicas federais na área do Campus Universitário. As vagas para as mesmas seriam cedidas aos estudantes através de sorteio a ser realizado no CAEM. A nova república seria mista, com número igual de homem e mulheres em sua formação. Era grande a expectativa em torno do sorteio, visto que a nova casa iria abrigar várias pessoas que talvez nem se conhecessem. Ocorrido o sorteio, foram premiadas dez estudantes, dentre estes é preciso citar o nome dos cinco que são hoje os fundadores da mesma: Ivonaldo Aristeu Gardingo, Fernando Rocha dos Santos, Emilson F. Bicalho, Mozart Batista de Araújo, Edimar Miranda. Além destes figuravam no quadro de moradores outras cinco estudantes do sexo feminino. Finalmente a nova república já tinha sua cara. Tudo corria “bem” nos primeiros meses. O ano era de 1989. Porém, por se tratar de uma república que se formou com pessoas que não se conheciam plenamente, começaram a ocorrer alguns atritos entre os moradores. Mais especificamente entre os moradores do sexo masculino e os do sexo feminino. O clima de hostilidade entre os dois grupos só foi aumentando, até que, após de cinco meses, ocorreu a maior discussão de todas entre os dois grupos. Neste momento, já era impossível a convivência e ambos queriam ter a república para somente um dos sexos. Um dia, ao voltar para a casa após mais um dia de aula, os moradores Edimar, Aristeu, Emilson, Fernando e Mozart foram impedidos de entrar em casa. O grupo feminino havia feito uma acusação de tentativa de estupro por

parte dos mesmos e conseguiu com isso mobilizar outros moradores de várias repúblicas para que não permitissem a entrada dos moradores na casa e, logo depois, que fossem expulsos. Porém, após uma conversa com autoridades em uma delegacia, ficou provado que nenhuma tentativa de estupro havia ocorrido e que tudo não passava de uma farsa para por os estudantes para fora da república. O impasse estava criado e teria que ser resolvido com urgência. Mas como? Nesta época existia no campus a Associação dos moradores das repúblicas do campus universitário (AMORECU). Esta Associação ficou responsável pela decisão do destino da república. Cada república integrante, após uma reunião interna, mandaria um representante para uma reunião geral onde seria decidido qual dos dois grupos permaneceria na casa. O impasse estava perto do seu fim. Em uma reunião geral com todos os representantes das repúblicas e com os dois grupos de moradores, foram ouvidos, os motivos pelos quais se chegou àquela situação. Essa reunião começou às 21 horas e só foi terminar às 7 horas do outro dia. Com oito contra sete votos, o grupo masculino garantiu o direito de morar na república. Fim do problema da casa. Porém, após tudo isso, os moradores decidiram por adotar um regime de batalha de vaga, para os que viessem a morar na república, com o que só ao final de um período de adaptação e avaliação por parte dos veteranos, seria dada resposta ao bixo. Foi decidido também que o novo nome seria Cosa Nostra, em virtude da relação de amizade e fidelidade existente entre os integrantes da famosa Máfia Siciliana. A data de fundação ficou sendo 21 de abril de 1989.

REPÚBLICA COVIL DOS GÊNIOS: A fundação da República Covil dos Gênios no Morro do Cruzeiro se realizou com a união da República Covil com a República Bordel (ambas particulares na época) e mais alguns alunos que moravam em pensão, formando assim um grupo de treze pessoas. A formação desse grupo se deu após sucessivas reuniões no CAEM, sob

coordenação do DCE. Após a conclusão da construção das quatorze casas no Morro do Cruzeiro, foi realizado um sorteio, onde seriam sorteados os grupos que iriam morar nessas casas. O grupo fundador da república foi sorteado em quarto lugar e o ano da mudança foi 1982. Da República Bordel vieram os moradores Bertoldo, Arthur, Birigui; da República Covil vieram Alfredo, Gordo, Trinta, Coelho, Marcelo e Tucano e, dos que moravam em pensão, vieram Marcos, Gurgel, Sagioratto e Zé Cláudio. O nome atual da república se deu após algumas reuniões, mas não se chegou a um consenso e somente depois de pedidos dos ex-alunos da antiga Covil (Clênio, Ado...) resolveu-se então colocar o nome de Covil dos Gênios e a idade da casa é contada a partir da data de inauguração da antiga Covil, que foi em 1975.

REPÚBLICA CRUZ VERMELHA: A República Cruz Vermelha foi fundada em 22 de março de 1971. O estudante de Farmácia Alquinha foi o fundador. A Cruz Vermelha sempre foi uma República de Farmácia, apesar de no decorrer da sua história ter acolhido por algumas vezes estudantes de História, Letras, da Escola Técnica Federal de Ouro Preto e também cascudos (pré-vestibulandos), que ajudaram a fazer a história da casa. A Cruz Vermelha é uma República particular que vem fazendo parte do contexto ouropretano, sobrevivendo a algumas dificuldades desde a fundação, sejam elas financeiras (sendo uma República particular), ou mesmo com relação à estrutura da casa. Porém, sempre tentamos melhorar a República a cada dia, mantendo o espírito republicano de perseverança, amizade e companheirismo. Apesar de existir como República desde 1971, há registros apenas da fundação, embora somente a partir de 1982 houve registro de “causos” e a disponibilização dos “quadrinhos” com as fotos dos ex-alunos que passaram.

REPÚBLICA DOCE MISTURA: A república Doce Mistura foi fundada pela união de algumas moradoras de pensão,

juntamente *com* mais duas outras repúblicas localizadas no centro de Ouro Preto: República Mistura Fina, representada pelas Finíssimas e República Bomboniere, representada pelas Bombons. Daí surgiu o Nome doce Mistura, fundada em 17 de Abril de 1982. As doçuras fundadoras foram: Ana Luzia M. Souza, Denise Natali Kumaira, Elisa da Silva Lemos, Girlândia Aparecida Alves, Ivana Márcia F. de Oliveira, Jacqueline M. Laranjeiras, Kátia Reis Dutra, Maria Ângela Castro Paes, Maria Cristina Alves Fontes, Maria Tereza de Fátima Costa, Maria Januária de O. Profeta, Maria Tereza F. Fialho, Selma de Fátima Melo, Silvana da Silveira, Solange Duarte, Vera Cristina Vaz Lanza e Virgínia Rodrigues C. Resende. Para se tornar uma DOÇURA, esta deve ser eleita por unanimidade, na presença de todas as doçuras. Isto após uma batalha de vaga que dura em média um período.

REPÚBLICA DOCE VENENO: A República Doce Veneno nasceu há 25 anos atrás no dia 26 de Agosto de 1985. A Fundadora Patrícia Brunow Diniz Ribeiro Barbosa que na época cursava Engenharia Civil na Universidade Federal de Ouro Preto, se reuniu com algumas amigas, com o intuito de formar uma república onde os ideais se combinassem. A República se situava na Rua Cláudio Manoel, nº 130, no bairro Centro da Cidade de Ouro Preto- MG. O nome da República, surgiu com ajuda de dois amigos da Patrícia, Wagner Lopes, na época apelidado de Mala, atual ex-aluno da República Pulgatório e Erivelto Luis de Souza, conhecido como Alto-Falante, ex-aluno da República Aquarius. Segundo eles, o nome se referia a fusão da fragilidade e da força inerentes nas pessoas que ali estavam. Após posteriores mudanças, hoje a República Doce Veneno se encontra na Rua Argemiro Sanna, nº 21. Onde se estabilizou nos últimos 9 anos. Alguns anos após a fundação houve sérias divergências entre as moradoras, levando a uma cisão da república. Mesmo assim, a Doce Veneno persistiu, levando a um

fortalecimento da casa e conseqüentemente dando a base para que a história pudesse ser contada. Houveram momentos de muita luta para manter a república, a procura por calouras dispostas a dar continuidade aos pensamentos iniciais, as mudanças de endereços, entre outros problemas. No ano de 2008 nos tornamos uma associação com cadastro de pessoa jurídica, onde as principais regras estão estabelecidas em um estatuto, assim, além dos valores morais, a tradição e o valor sentimental da República Doce Veneno em nossas vidas, passamos a ter também o valor burocrático perante a sociedade. Prezamos pela boa convivência com a comunidade, pela harmonia dentro de casa, o respeito pelas ex-alunas e tentamos sempre auxiliar os calouros que chegam na UFOP. Alcançamos nossos 25 anos de história repletos de alegrias, vitórias e muito amor. Superamos obstáculos, desafios e também o tempo.

REPÚBLICA DOS DEUSES: A República dos Deuses tem fixada como data de fundação o dia 11 do mês de outubro de 1963. Mas, na verdade, em 1960 alguns estudantes de Engenharia, hoje fundadores da república e ex-alunos, estavam conversando na Praça Tiradentes quando descobriram que existia na Rua do Ouvidor, uma casa abandonada, e decidem invadi-la, fundando assim a república. Quanto à origem do nome República dos Deuses, é devido ao apelido dos republicanos, que tinham nome de um Deus do Olimpo. E já com o nome criado decidem fazer a placa da república, em cujo logotipo haviam doze Deuses, referentes aos doze republicanos-moradores. Os republicanos, já instalados na casa da Rua do Ouvidor, ao saberem que a Escola de Minas havia comprado várias casas, decidem, assim, invadir uma das casas que foram compradas. Casa que é hoje a atual sede da república, que localiza-se à rua Bernardo Guimarães, 11, no Bairro Rosário. A casa invadida estava em péssimas condições de moradia, sem luz elétrica e outras necessidades, e foi com o tempo sendo reformada pelos

moradores, instalando luz elétrica, esgoto e outras necessidades básicas.

REPÚBLICA ECLIPSE: A República Eclipse foi fundada no dia 26 de maio de 1996 sendo as primeiras moradoras Luciana, Marília, Ana Paula, Andreza e Maria Regina . A nossa primeira casa foi na rua José Moringa, 107, Bauxita, onde começou a eterna amizade com a República Kome Keto que residia na casa de baixo. O nome surgiu em uma festa com a República UPA (Unidos por Acaso) em uma noite de eclipse total, durante a festa de culto ao fenômeno espacial, surgiu a festa da Eclipse, batizando uma casa que cresceu com muita dificuldade e amor. Hoje estamos na nossa terceira casa, "A Mansão", desde janeiro de 1999. Nela moramos em 14 mulheres, que seguem a ideologia de união e amizade. Com a parede enfeitada com os quadrinhos das ex-alunas e amigos que construíram parte dessa história e a esperança de também fazer parte dela, temos orgulho de sermos Eclipsianas!! A República Eclipse participa da famosa tradição republicana de que calouros da UFOP (aqui em Ouro Preto conhecidos como "BIXOS") passam por uma etapa de experiência na república em que escolheu para morar, e essa fase é chamada Batalha. A batalha varia de uma república para outra, mas tem como principal objetivo o de fazer crescer em todas as calouras a vontade de manter sempre viva a República e suas tradições. O tempo de batalha é de geralmente um período da universidade, e durante esses meses as calouras devem andar de "plaquinha". É nesse período que as moradoras observam a iniciativa da caloura e seu entrosamento com a casa. No fim, quando as moradoras observam que a caloura está apta a ser uma Eclipsiana, ela é "Escolhida".

REPÚBLICA ESPIGÃO: A República Espigão surgiu da separação da República Marragolo, que também era composta da República Casablanca, por volta dos anos 60. Durante um

intervalo de aproximadamente oito anos, a República Espigão era chamada de Marragolo II. A mudança do nome da república ocorreu após a assinatura do Estatuto da República Espigão, em 18/08/1975. Após insistente luta dos fundadores (Guerra, Ceará, Frango, Caixeta, Dindé) a república consolida-se como uma “República Federal”. O nome “Espigão” vem do fato de um dos moradores do período de fundação ter grande semelhança física com o protagonista da novela da época, Milton Moraes, que se chamava “O Espigão”. A partir daí, a república tornava-se um sonho concretizado.

REPÚBLICA FAVINHO DE MEL: Em 1º de setembro de 1979 juntaram-se seis amigas que se auto intitularam ex-gracetes por morarem na pensão de Dona Gracinha. Seus nomes eram Nilza, Geralda, Edna, Rita, Darcy e Alzira. Depois de muito procurar, finalmente, encontraram uma casa (“casinha”) que na ocasião se localizava na rua Costa Sena, próxima à Escola de Farmácia. Neste dia haviam combinado de se encontrar logo pela manhã para limparem a casa. Depois de muito trabalho, com ebulidor emprestado, caneco e colher comprados na hora saiu o primeiro cafezinho. Tomá-lo juntas, ao mesmo tempo, era impossível, sabe porquê? Na casinha só tinha um copo, mas o café não deixava de ser gostoso mesmo assim. Ao final do dia estavam todos cansados: as seis fundadoras e o amigo Epitácio que viera ajudar as meninas na mudança. Enfim tudo terminado, na hora de dormir uma surpresa duas ex-gracetes não estavam na “casinha”, gandaia logo na primeira noite, vejam só, e assim começou a vida republicana das seis jovens amigas. Começa uma nova e importante preocupação, qual seria o nome da república. O trabalho foi intenso, até cartaz no Remop foi colocado e as idéias foram as mais variadas possíveis, mas nenhuma delas se encaixou como um bom nome para a “casinha”. Surgiu uma relação com casinha de abelha e depois com favo para se chegar ao seu nome. Depois de batizada a

Favinho de Mel começou a ser conhecida nas melhores rodas estudantis e até mesmo recados no Remop eram deixados para as abelhinhas. Apesar de tudo estar indo muito bem ainda faltava muita coisa para a república e como a grana de todas era curta decidiram fazer uma rifa. O dinheiro arrecadado não foi muito então as abelhinhas hospedaram as primeiras cascudas para o vestibular na Favinho de Mel.

REPÚBLICA FG: A República FG foi fundada em 1965 e está situada na rua Conselheiro Quintiliano, 350. Essa casa foi adquirida pela Fundação Gorceix para instalar uma antiga república de professores da Escola de Minas. Os mesmos alegando falta de calçamento e muita poeira, resolveram não mais residir no local. A Fundação Gorceix resolveu, então, transformá-la numa república de estudantes. Seus primeiros moradores, considerados como fundadores, foram: João Borges, Marcelo Bento de Carvalho, Roberto Soares Nogueira (Xeré), Nícias Chaves Pimenta (Nipicha), Antônio de Oliveira Xavier (Belo Antônio), Franklin Teixeira (Chico Galinheiro), Jório Coelho, João Kalil Kattar, Paulo Emílio Marcarenhas Borba (Bimba), Reinaldo da Costa Farias. Essa primeira turma pagava aluguel à fundação, exceto o Belo Antônio, que recebeu a função de administrador da casa pela fundação. Alguns Efigeanos lecionavam na Escola Técnica, fundaram o cursinho pré-técnico Tibiriçá e, posteriormente, o pré-vestibular Tibiriçá, que viria a ser o mais procurado e campeão em aprovações. (Fica uma homenagem póstuma e sentida ao fundador Rogério Oliveira Cardoso - “Rogerinho”). Certa vez, a república recebeu da Fundação Gorceix carta de despejo, para desocupação do imóvel no prazo de 30 dias. Inconformados os moradores recorreram aos Conselheiros da Fundação e foram apoiados. O Superintendente elogiou tal atitude acolheu a causa e revogou a medida. O fato da fundação querer de volta a casa tornou-se parte da história da república.

REPÚBLICA FORMIGUEIRO: A república foi fundada em 15/04/1951. Recém chegados da Aracaju - Sergipe, para cursar o 3º ano científico (hoje 3º ano do Ensino Médio) no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, dirigido pelo Padre José Filgueiras Rocha e Curso Anexo da Escola de Minas os estudantes KLEBER FARIAS PINTO, FRANCISCO CARLOS PINHEIRO FARO, ARNOBIO ALVES UANUS, SILVIO LEITE NETO convidaram o mineiro GUIDO DEODORO JACQUES PENIDO para desistir de procurar lugar em repúblicas. Nenhuma delas aceitava admitir “bichos” não universitários. O negócio era fundar uma república. A maioria composta por Kleber, Faro e Arnóbio, morava na Pensão Central, do senhor Carlos, na Rua São José (bem em frente ao local onde morava Tiradentes e depois o terreno foi salgado para que nem vegetação pudesse ali viver) numa casa com térreo e dois andares. O 3º andar ruiu anos depois e a restauração se deu só no térreo e primeiro andar. Todos ali chegaram na madrugada de janeiro de 1951 após sete horas de viagem na “Maria Fumaça” procedente de Belo Horizonte. Foi localizada, disponível para aluguel, a casa da Rua Xavier da Veiga, 13, geminada à 15, de propriedade do Sargento Pimenta, dona Ercília Pimenta, Ana Pimenta e Maria José Pimenta. Tal localização trazia o inconveniente (ou vantagem) de ter seu acesso através da zona de prostituição - Caminho Novo. Ali pontificavam grandes amigas como a Professora Jacyra, Maria Forte (posteriormente elevada à categoria de governanta e cozinheira do Formigueiro - durante o dia), Maria Gasolina, Hilda, Maria Roxinha e o inesquecível Argemiro do botequim “PITO ACESO” e do “Caixote em Pé”. Instalada a república coube ao Faro sugerir o nome Formigueiro, talvez por sua localização. Em 1958 foi construída a nova Formigueiro com recursos da VOTORANTIN doados pelo Engenheiro e Senador José Ermírio de Moraes (pai do empresário Antônio Ermírio)

com projeto e execução dos colegas Darcy Germani, Jaime Cohen e outros.

REPÚBLICA GAIOLA DE OURO: A república foi fundada em 28 de novembro de 1977, quando ocorreu a entrega da casa aos novos “Pássaros da Gaiola de Ouro” pela UFOP. São fundadores: Antônio Eymard Rigobello (Galopim ou Benga), Cláudio Batitucci (Nativão) Nora (Vadim), Domingos Sávio Rodrigues (Pacote), Farnese Mendonça da Cunha (Gravatinha), Francisco Nogueira Porto (Ron-Ron), Gilmar N. Golveia Jarreta, Gilvan Adivincula Abreu (Fuinha), Herman Sávio de Souza, Issamu Endo (Japonês), Jorge Abdulla Adum (Zebrão), José Carlos Mendes Ferreira (Zé Grandão), José Jorge Guimarães (Mamão), Marcos Pereira Gonzaga (Lesmão), Odair D. de Oliveira (Bispo ou Veio), Sergio Antônio Manso (Bonito). No início, foi sugerido para esta casa o nome de “República Casa do Visconde”. Esse nome derivaria do fato de que nesta casa viveu o Visconde de Ouro Preto. Contudo a república consagrou-se mesmo com o nome de Gaiola de Ouro. O Livro de Atas relata com detalhes cada passo da “vida da Gaiola de Ouro”. No início, como não havia hierarquia, os quartos foram sorteados e os primeiros móveis da casa, foram comprados a partir do dinheiro arrecadado em função de uma rifa, que foi vendida entre amigos e familiares dos fundadores.

REPÚBLICA HOSPÍCIO: Em 1948 a República, que era composta por alunos da Escola Técnica Federal de Ouro Preto, funcionava na atual Casa Paroquial da Rua Bernardo Vasconcelos. Posteriormente mudou-se para outras duas casas, na mesma rua, e, um pouco mais tarde, passou a funcionar na casa onde hoje se localiza a República Castelo dos Nobres. Em 1951, após uma troca imobiliária com a Castelo dos Nobres, a Hospício passou a funcionar na rua Felipe dos Santos, onde está até hoje. Eram moradores da época José Libêncio, Jairo

Gonçalves (Jairo KW), Francisco Lizardo (Xico-Fufa), João Batista, Reinaldo (Baiacu), Dietrich Witt (Nazista Motoqueiro), Thomáz de Aquino Arantes (Kceta), e Uk Mendonça de Lima, o fundador da República Hospício.

REPÚBLICA JARDIM DE ALÁ: A república surgiu no ano do golpe civil-militar de 1964. A idéia de reunir um grupo de estudantes do Curso pré-vestibular (Anexo) da Escola de Minas, que até então moravam na pensão Maia (também conhecida como Sétimo Céu) para formarem uma república começou no segundo semestre de 1964, com o aluguel de um imóvel, sito à Rua Coronel Alves, 65, pertencente a uma conhecida figura da época, senhorita Thaís Andrade, vulgo “Moby Dick”. Os principais idealizadores foram o estudante de engenharia Antônio Alonso Ribeiro, o Baixo, e os cascudos Roberto Rocha Borba, o Faraó; Eduardo Batista Sarcinelli, o Siri que arregimentaram Antônio Bruno, o Ave, Homero Ferreira Jr. e Antônio Rocha Abelha, o Taca, para juntos cotizarem o aluguel da nova casa. Estava aí a primeira fornada do pedigree da dinastia dos sultões. No decorrer do ano de 1964, novos sultões foram convocados, móveis foram doados e adquiridos e, em 1965, num dia de verão, os republicanos receberam a visita inusitada de belas modelos fotográficos, provenientes da capital para uma campanha publicitária de calçados de uma grande loja. Entra a República na mídia, e sobram goteiras no telhado, pois as fotos foram feitas sobre o velho casarão. Nesse mesmo ano a Escola de Minas comprou o imóvel e os novos calouros deixaram de pagar aluguel. Em 1968, com a idéia de criação da Universidade e a nova reitoria à ser instalada na antiga casa do Dr. Fleury da Rocha, ao lado da República, a Escola de Minas resolveu transferir tal corja de estudantes para um outro imóvel seu à Rua Amália Bernhauss, 44, atual endereço. Era um sobrado simples de cinco quartos, cozinha com fogão à lenha, quintal

com um galinheiro vizinho e a sombra do Chico de Baixo. Em 1971, construíram mais cinco quartos.

REPÚBLICA JARDIM ZOOLOGICO: Em 1958 um grupo de estudantes moradores da Pensão do Senhor Valdir, situada na rua Direita nº 10, resolvem mudar de casa devido a condições precárias de vida na pensão. Alugam uma casa e fundam a República Jardim Zoológico, situada na “rua nova”, nº 25, ao lado da Escola de Minas (perto da República Serigy). Os fundadores são os seguintes: José Wilson Teixeira, Carlos Rodrigues da Costa, Hermes Paranhos, Oscar Jaime Filho, Adilson Fonseca e Márcio Antonio Catini. O nome “Jardim Zoológico” se dá devido à condição de “bichos da Escola de Minas” de seus fundadores na época. Em 1969, devido às dificuldades para pagar o aluguel da casa, os estudantes reivindicam uma casa à Escola de Minas. A República então muda-se para uma casa situada no “Beco dos Bois” (hoje República Maria Bonita). No início de 1973, os então moradores tiveram que pegar suas mudanças deixadas pela Escola de Minas na República Pulgatório e se mudar para uma casa alugada no Bairro Antonio Dias, pois a casa do “Beco dos Bois” foi cedida para um professor da Escola de Minas. Em outubro de 1974, os moradores festejam o retorno à casa do “Beco dos Bois” cedida de novo a eles pela Escola de Minas em razão da queda de paredes da casa de Antonio Dias causada por uma forte. Foi em novembro de 1975 que a República se muda para uma casa da Escola de Minas situada na Rua das Escadinhas, 76, Bairro do Pilar (onde permanece até hoje). Antes da mudança, foi feita uma reforma na casa, quando então surgiram a escada que liga os dois andares, a primeira churrasqueira, a caixa d’água e os bancos de cimento do terreiro que até hoje são testemunhas de um bom bate-papo nos finais de tarde.

REPÚBLICA KOXIXO: A República Koxixo teve sua fundação aos dezessete dias do mês de abril do ano de 1982, com quinze fundadoras no ato de sua fundação, que foram as seguintes: Renata de Andrade (8º período de Nutrição), Luci Rosângela Domingos (8º período de Nutrição), Maria do Rosário de Assis (8º período de Nutrição), Cléia do Reis Costa (6º período de Nutrição), Rita de Cássia Maria Bessa (4º período de Letras), Irene Soares Giroto (7º período de Nutrição), Deiziluci de Queiroz Moreira (4º período de Nutrição), Maria Aparecida Luiz Pinheiro (6º período de Farmácia), Maria Luiza Yoshiko Yao (2º período de Farmácia), Modesta Maria Trindade Neta (4º período de Letras), Edna Márcia do Nascimento (2º período de Nutrição), Efigênia Maria Leal de Oliveira (6º período de Farmácia), Maria Luisa Peixoto (2º período de Farmácia), Rosane Virgínia Lopes Leny (7º período de Nutrição), Rosângela Aparecida Aranda (8º período de Nutrição). A República Koxixo nasceu em meio a grandes reivindicações pela construção de um número maior de repúblicas federais femininas. Naquela época dava-se maior relevância à construção de repúblicas masculinas, tendo em vista o reduzido número de mulheres estudantes na UFOP. Atendendo a essas reivindicações foram construídas no campus da universidade quatorze repúblicas federais. A partir daí iniciou-se o processo de seleção dos estudantes para então realizar-se a ocupação das repúblicas. Para ocupar as repúblicas havia uma necessidade de um número mínimo de vinte pessoas. Entretanto, as quinze garotas retromencionadas conseguiram bravamente promover a fundação da república sem o número mínimo. E curiosamente essa fora a primeira república feminina a surgir no campus universitário. Foi assim que no dia 17 de abril de 1982 surgiu a então República Koxixo. Ainda que a república tenha surgido no dia 17 de abril, seu aniversário passou a ser comemorado no dia 21 do mesmo mês, juntamente com as demais. O nome Koxixo surgiu devido ao fato de que as moradoras que ali moravam, viviam em meio a

um ambiente amigo e de muito companheirismo e que por isso falavam bastante entre si, ou mesmo "koxixavam", daí o motivo do nome. A República Koxixo foi uma das pioneiras a agrupar pessoas de cursos diferentes, tendo como moradoras estudantes de quase todos os cursos existentes na UFOP na época, como Nutrição, Farmácia, Letras, excetuando somente estudantes de Engenharia.

REPÚBLICA LUA AZUL: A república Lua Azul, fundada em três de março de 1989 por Elizabete Perez construiu, durante esses vinte e um anos com ajuda de suas 19 ex-alunas, moradoras e amigos, um lar repleto de histórias e emoções. O Fenômeno da Lua Azul designa a ocorrência de duas Luas Cheias no mesmo mês, uma no início e outra no final. "Lua Azul foi escolhido por mim e pela Rossana, dentro de um ônibus, onde uma lua intensa brilhava no céu e iluminava todos os corações. A idéia era essa, quem não se acalma diante de uma Lua Cheia lindíssima?". Essas foram as palavras da fundadora da república. Enfrentando em decorrência das dificuldades de morar em Ouro Preto pagando aluguel, a Lua Azul já foi em cinco casas diferentes e agora está no endereço Rua José Costa de Carvalho, nº25, Bairro Rosário. Apesar das mudanças, a república permanece firme e forte com a ajuda das ex-alunas, atuais moradoras e bixos, que com amor, irmandade e companheirismo, seguem juntas para manter esse lindo lar. A intenção da república é acolher meninas que tenham amor pela casa e por suas irmãs lunáticas bem como ajudar as calouras que acabam de chegar em Ouro Preto a enfrentar a mudança de vida que é entrar na faculdade. Para isso é preciso um bom convívio entre todas e uma convivência tranqüila. A Lua Azul é uma família para todas que já passaram, e aquelas que ainda vivem nela. A república faz rocks do tipo: escolhas, formaturas, aniversário da república, festa da família, ceia de Natal. História segundo a ex-aluna Eurídece Maria Carvalho (Ide): "A república

ficava na barra. Quando me mudei pra lá o trem passava e balançava a casa toda. Depois de uma enchente não passou mais. Depois de um tempo pintaram o muro de branco, ele era vermelho. E, por último, derrubaram o muro e em protesto, subi nele e fiquei lá um tempão chamando a atenção de todo mundo que passava.”

REPÚBLICA LUMIAR: A República Lumiar foi construída no ano de 1982, juntamente com as Repúblicas Arte & Manha, Palmares e Vira Saia, que compõem a chamada quarta ala. Ela foi ocupada por suas fundadoras na data de 14 de setembro do mesmo ano. Eram elas: Leila, Ângela, Nilde, Telma, Rosângela, Catarina, Itzel, Nair, Amélia, Keila, Marta, Rosane, Magda, Regina, Rose, Ilma. Alguns dias após a ocupação foi feita uma festa em comemoração à nova casa. Para que as fundadoras pudessem ocupar a casa era preciso, antes fazer inscrições na Escola de Farmácia, de onde eram selecionadas as futuras moradoras da casa. Coincidência ou não a maioria das fundadoras estudavam numa mesma sala de aula do curso de Farmácia, apenas uma cursava História, a Ângela. As moradoras mantinham a capacidade máxima de ocupação, com 20 pessoas morando na casa, sendo duas pessoas por quarto. Uma vez formada a República, era necessário um nome para ela. Várias foram as sugestões, mas a que mais agradou foi o nome LUMIAR. A idéia do nome foi da fundadora Leila. Segundo ela própria, a sugestão foi devido à música do cantor Beto Guedes, que era da mesma cidade que ela, Montes Claros. A música fala de um lugar maravilhoso, idealizado, cheio de paz e harmonia, onde tudo que é bom acontece e pode acontecer. A República Lumiar seria assim, um lugar maravilhoso, onde tudo seria possível. Como o nome já havia sido decidido, uma “placa” com o nome da república era preciso ser feita. A fundadora Nair desenhou a placa e a mandou fazer e esta permanece até hoje. A inauguração dessa placa coincidiu com o feriado de 21 de abril

do ano posterior à fundação. E a partir dessa data o aniversário da república ficou sendo comemorado no dia 21 de abril de todos os anos.

REPÚBLICA MARACANGALHA: A MARACA - como é carinhosamente conhecida - foi fundada no dia dez de outubro de 1955, encontrando-se atualmente na Rua do Ouvidor, nº 129. Desde a sua fundação, na MARACA só residiram alunos do Curso de Farmácia. O vínculo com a profissão farmacêutica pode ser notado através da observação da bandeira da República, a qual possui as cores verde e branca e traz no centro, o símbolo da Farmácia - o cálice com a cobra enrolada em torno deste. A REPÚBLICA MARACANGALHA conta hoje com cerca de duzentos ex-alunos registrados. Este grande número de ex-alunos pode ser explicado devido a uma peculiaridade que ocorria na REPÚBLICA MARACANGALHA há tempos atrás, que era chamada de batalhar vaga por fora. Nesta situação o calouro, devido a falta de vaga na República, residia em outra república ou mesmo em pensão, onde apenas dormia, e passava o dia inteiro na República batalhando sua vaga da mesma forma que o calouro que estava morando na casa, passando pelos mesmos trotes. O amor pela casa, seja de morador ou amigo, é único, algo nem sempre explicável.

REPÚBLICA MARIA BONITA: A casa localizada na rua Dr. Cláudio de Lima nº 109 era utilizada pelo reitor da universidade para receber convidados. Várias pessoas participaram da assembléia reivindicando a doação da casa para a formação de uma república federal. Realizou-se um acordo com o reitor, que fez um levantamento dos móveis que existiam na casa e a doou para as estudantes mais carentes que participavam da assembléia. Logo após a mudança das primeiras moradoras para a casa, o reitor retirou todos os móveis existentes nela. As estudantes escolhidas para receber a casa foram: Creusa (História), Simone

(Nutrição), Mercedes (Nutrição), Mônica (Engenharia de Minas), Yara (Nutrição), Jussara (Nutrição), Marta (Engenharia Geológica), Ana Lúcia (História) e Daniele (Engenharia Geológica). Como a maioria das estudantes veio de uma república particular chamada Maria Bonita, no dia 08 de março de 1987 foi fundada a república federal com o mesmo nome. Desde então, todas as calouras que chegaram, tiveram que passar por um processo de adaptação conhecido como batalha, até ser realizada a sua escolha. Um dos fatos não ocorrido inicialmente foi a tradicional inauguração de quadrinhos que já existia na época em praticamente todas as repúblicas federais. Desde a adoção dos quadrinhos na república, muitas moradoras tiveram o prazer de inaugurar os seus, e mais as amigas que foram convidadas a se tornarem inesquecíveis na nossa história. Tendo como vizinha a República Saudade da Mamãe, a convivência nem sempre foi pacífica, mas sempre muito engraçada. Muitos acontecimentos durante esse longo tempo de convivência marcaram as duas casas.

REPÚBLICA MARRAGOLO: A República Marragolo tem seu início em meados de 1967 numa casa alugada por alunos da Escola Técnica. Neste mesmo ano, a Escola de Minas adquiriu várias casas, entre elas a que havia sido do Doutor Fleury. Estas casas estavam em condições precárias e as reformas iniciaram-se lentamente. No ano de 1968, vários estudantes fizeram manifestações reivindicando vagas em repúblicas ou em casas pertencentes à Escola de Minas. Alguns destes estudantes, entre eles, Sérgio Jurgensen (*Serjão*), Eromir Urbano Sponqueado (*Botiô*), Jair Eustáquio (*Jajá*), Eugênio Borges Ferreira (*Gulu*) e Antônio Carlos foram convidados a morar na Marragolo, onde já moravam outros alunos da Escola de Minas, como Malão e Cristiano, além de Alexandre e William, que eram alunos da Escola Técnica. Em agosto de 1968 a Escola de Minas autorizou a mudança de alguns alunos para a casa do Doutor Fleury, um

grande casarão localizado na Rua Coronel Alves, 55. A Marragolo ocupou o segundo andar da casa e, como o Alexandre e o William eram da Escola Técnica, saíram dois dias depois. O terceiro andar foi ocupado pelos moradores da República Casablanca. Após a mudança, os calouros Edson Gomes *Borba*, Maurício, Reginaldo, João Luiz *Armelim* e *Cremilda*, além de outros que perderam - se no tempo, foram para a Marragolo. As reformas na casa estavam num ritmo lento e as condições de moradia não eram muitas boas, muitas vezes sem luz e água. Somente em 1970 as reformas foram concluídas, um ano antes a República Casablanca já havia se transferido para outro lugar. Em 1971 a Escola de Minas pediu a casa e ofereceu outras duas casas em troca. Uma delas, localizada em frente ao Hotel Colonial, foi ocupada pelos moradores do primeiro andar, que batizaram na de Marragolo 2 e, posteriormente, de República Espigão. A outra casa, localizada ao lado da Escola de Minas na Rua Prof. Rosalino P. Gomes, antigo Beco da Ferraria II, foi ocupada pela Marragolo, desde então a atual e eterna casa. Nesta transição para a nova casa a Marragolo era composta por Maurício (formando), *Armelim*, *Cremilda*, Reginaldo, *Jajá*, *Botiô*, *Gulu*, José Lamas, Edilberto Biasi (*Nino*), *Butão*, *Xinxá*, *Borba* e *Carcamano*. No início de 1972 foram escolhidos os *bixos* *Mané Coco* e *Jamelão*. Assim, dos fundadores da Marragolo que ficaram até a formatura, temos: Maurício Ribeiro de Andrade, João Luiz Armelim, Eromir Urbano Sponquiado (Botiô), Edson Gomes Borba, Jair Eustáquio Gomes (Jajá), Luiz Geraldo Ribeiro (Cremilda), José lamas Chaves (Zé Brem), Eugênio Borges Ferreira (Gulu), Marcos Rogério Carneiro Lemos (Butão) e Celso Antunes de Almeida Filho (Xinxá). A Marragolo é reconhecida pela *Atitude* - uma barrica de pinga que está sempre ao lado dos moradores e dos *bixos* para lhes dar conselhos e tomar uma atitude, é claro!- bem como pelo seu “*Povo da Marragolo: Quem Bebe Morre, Quem Não Bebe Morre, Vamos Beber Putada*”, muitas vezes exclamado,

principalmente no CAEM. Outra marca da República é a coleção de garrafas, em torno de duzentas, que se encontra na sala e atrai a atenção de todos.

REPÚBLICA MATERNIDADE: O início da república se deu a partir de um grupo de estudantes de engenharia em uma pensão, situada na rua dos Paulistas, 136, Antônio Dias. São fundadores: Adão Vieira de Faria, Flávio Stort, José Antônio Diniz Faria, Mário Ricardo Soares e Luís Humberto F. Matos. Com o término do contrato do locador com a dona do pensionato, os estudantes resolveram alugar a casa e transformá-la na República Maternidade, particular masculina; isso ocorrendo em 04 de maio de 1975. A origem do nome “Maternidade” não é baseada em apenas uma história, sendo a mais plausível a seguinte: conta-se que a dona do antigo pensionato, senhora distinta, que muito zelava pelos seus hóspedes, recebeu o amável título de “a grande mãe”. Com o fim do pensionato e conseqüentemente a inauguração da república, os moradores decidiram homenagear “a grande mãe” batizando a moradia com o nome que ostenta até hoje. Sendo assim, a partir dessa data todos os que viessem a se tornar republicanos passariam a ser chamados respeitosamente de “bebês”. Os estudantes fundadores cursavam Engenharia, quadro que se manteve até dezembro de 1980, quando houve a escolha do primeiro morador diferente ao curso. Passou-se, então, a haver uma miscigenação de cursos, procurando-se manter o equilíbrio, valorizando o indivíduo independentemente da área que cursava. Durante toda sua história os “bebês” procuraram transformar o caráter particular da república para o de moradia federal. A primeira tentativa foi em 1985, por meio de documento assinado pelo reitor da época, Fernando Antônio Borges Campos, no qual, os “bebês” se propuseram a se empenhar numa campanha para angariar recursos para aquisição de uma casa. Amparados por uma lei do governo Sarney, de incentivo à doações para

entidades de utilidade pública, os moradores procurariam doadores, sendo estes beneficiados com abatimento no imposto de renda. Como esta tentativa, apesar de interessante para os dois lados, não surtiu o efeito esperado. Em 1991 um outro grupo liderado pelo decano “carioca” invadiu uma casa situada no Brejo, destinada aos professores da UFOP, porém, o movimento foi retaliado com força policial a pedido da reitoria, e acabaram todos presos. Já nessa época a república se encontrava diferente, pois em 1988 ela passou a ser mista, portanto, não mais apenas de caráter masculino. Nos anos de 1992/1993 a república se encontrou fechada devido a problemas enfrentados pelos antigos moradores. Reaberta por Ludmila Neto Carvalho, a república voltaria a ser masculina logo após a formatura desta última, em 1996.

REPÚBLICA MINAS DAS MINAS: A república Minas das Minas , particular, feminina,foi fundada em março de 1989 por cinco estudantes de Nutrição. Inicialmente elas não tinham o propósito de dar continuidade à República. Porém, foi-se criando um espírito republicano, as tradições foram sendo incorporadas e desde então a república se mantém unida prezando suas ex-alunas, moradoras e amigos. A república nasceu na rua Xaxier da Veiga, próxima a Escola de Farmácia, posteriormente residiu próximo ao Clube Guarani,depois mudou-se para o bairro Antônio Dia, ao lado da Igreja Nossa Senhora da Conceição e desde de 2004 voltou a se localizar na rua Xavier da Veiga, próxima a Pousada Arcádia Mineira.

REPÚBLICA MIXURUKA: Até 1960 somente duas Repúblicas pertenciam à Escola de Farmácia: Maracangalha e Pronto-Socorro. Na necessidade de uma nova moradia estudantil, por intermédio do aluno Agostino de Oliveira Dias, que era membro do diretório acadêmico, foi comprada uma pequena casa próximo a estação da rede ferroviária. De comum acordo foi

escolhido um nome para essa nova casa e, devido ao seu tamanho, foi proposto o nome de *República Mixuruka* pelo morador e fundador Jacinto Tomás Martins da Costa. Em 04 de Abril do mesmo ano foi inaugurada a República, data esta em que se comemora o aniversário da República Mixuruka. Na ocasião os moradores e fundadores foram Orlando Casarin Filho, José de Barros Neto, Hert Bastos de Novaes, Luis Fernandes, Edmar de Faria Pereira, Alciminio Araújo Dornellas e Jacinto Tomás Martins da Costa. Como a casa era muito pequena, necessitava de uma ampliação que foi realizada em 1972 construindo mais quartos, uma nova cozinha, mais um banheiro e uma área onde são feitas as festas. A reforma foi idealizado pelo morador Floriano Silveira (Beto Baiano), e os demais moradores Joaquim Batista Toledo, José Getúlio Azevedo, Vicente G. T. Coelho e Francisco Calais Almeida. Em 1977 formam-se os alunos Fredy Tanus Lopes e Robério Mansur Láuar, falecido em 1998 - grande perda para a família Mixurukana por ser um ex-aluno amigo e presente - tal qual o Fredy, que em sua época recebeu grandes personalidades, tais como Caetano Veloso e João Bosco. Outra reforma foi feita em 1992 com os seguintes alunos: Maurício Silva Carmo (Passoka), Mário Alessandro Gontijo (Fraudinha), José Miguel da Silva Moura e Veiga (Mormaço, único aluno estrangeiro natural de Nova Lisboa, Angola), Fábio Lasmare Costa (Alf) e Ricardo José de Mendonça (Pancinha).

REPÚBLICA NASCENTE : A república Nascente foi fundada em novembro de 1984 pelas ex-alunas Roseana de Fátima Carvalho (Mãe) e Maria Selme (Ninha). O nome Nascente foi inspirado na música de Milton Nascimento de mesmo nome e que era de grande sucesso na época. E como nascia uma nova república, não havia nome mais apropriado. A capa deste disco deu origem ao logotipo da república. A Nascente foi fundada por ex-alunas de Nutrição, mas ao longo dos anos já abrigou e abriga

alunas de vários outros cursos. Por ser uma república particular, uma das maiores dificuldades é manter um endereço fixo. O primeiro endereço da república foi à rua Carlos Thomas, no Centro de Ouro Preto. Uma outra dificuldade em se manter uma república particular são os gastos. Houve um tempo que, dentre sete moradoras, três se formaram numa mesma época, ficando as demais em uma situação difícil. As despesas ficaram altas, porém, a vontade de manter a república, na época com treze anos, era maior e fez com que essa dificuldade fosse superada. A convivência com pessoas de opiniões e costumes diferentes fez com que cada moradora que passasse por ali deixasse um pouco de si e levasse um pouco da Nascente consigo. A Nascente tem histórias, fatos e manias. A casa no Pilar, por exemplo, era mal assombrada. Durante uma novena de Natal, portas de armários emperradas se abriram, cortinas ficaram na horizontal sem nenhum vento, causando medo e muito choro entre as moradoras. Outras vezes, objetos sumiam e apareciam nos lugares menos esperados.

REPÚBLICA NAU SEM RUMO: A República Nau Sem Rumo foi fundada em 1968. Seus fundadores: José Cristiano Machado Milton Rodrigues Fiúza, Jaime Dias Leminescata Luis Paes dos Santos (Lua), Antonio Fortunato Schettini Paulo Henrique T. de Siqueira (PH), Jaime Clemente (Jaimico) e Marcio Moreira. A primeira casa que abrigou a república situa-se na rua Camilo de Brito 07, no bairro das Lages; o nome foi dado depois de uma festa regada a vinho. Foi justamente este vinho, chamado Nau Sem Rumo que batizou a república. Consta que desde 1963 já haviam moradores nesta casa, tais como Paschoal Schetinni, Antonio Fortunato Schetinni, além de outros que se mudaram para outras repúblicas ou se formaram. Mais tarde, no segundo semestre de 1968, depois de uma série de dificuldades os fundadores passaram a reivindicar junto à Escola de Minas (a UFOP ainda não havia sido fundada) moradia

adequada e gratuita. Com a negativa, os fundadores resolveram tomar uma atitude mais drástica: acamparam na Praça Tiradentes, numa demonstração de coragem para que seu direito à moradia fosse respeitado. Depois de muita insistência essa reivindicação foi atendida, sendo cedida a casa onde até hoje é a república. O dia 26 de março de 1966 é de profunda importância para a Nau Sem Rumor, pois essa data marca o início da criação do estatuto da república pelos seus moradores da época. Ainda no bairro das Lages, hoje dita muitas das regras sobre o andamento de assuntos relacionados à casa e marca definitivamente a fundação da república Nau Sem Rumor. Um fato que deve ser lembrado neste levantamento, é o caráter inovador da República Nau Sem Rumor, que foi a primeira república da Escola de Minas a abrir suas portas a estudantes de todos os cursos da universidade, pois julga-se que a integração entre pessoas de diversos cursos gera um aumento do senso crítico e amplia as idéias e as opiniões sobre vários assuntos que são abordados com diferentes pontos de vista. Dentro desse fato é muito importante lembrarmos o ano de 1988, que marcou definitivamente essa abertura com a escolha do primeiro estudante de um curso que não era Engenharia: Enio Gualberto Rocha, hoje ex-aluno da república, formado em Farmácia.

REPÚBLICA NECROTÉRIO: A República Necrotério foi fundada em maio de 1958 por: Nélio Coura Cenachi, Marcos Tadeu Vaz de Melo, Luciano Tavares Siqueira, Jonas dos Reis Fonseca e Antônio Alves de Carvalho Coursin. A princípio era uma república particular e localizava-se numa casa que havia sido necrotério da Santa Casa de Misericórdia, na rua Padre Rolim, quase em frente à Santa Casa, este é o motivo pelo qual a república se chama Necrotério. A república possui uma placa de identificação onde há um desenho relacionado com o nome da mesma. No caso da República Necrotério, o símbolo é um esqueleto que traz, em uma de suas mãos, o próprio crânio e, na

outra mão, uma garrafa. Logo abaixo do símbolo uma frase em "latim": *Cum Poto Sine Mente*, que significa: *Com a Garrafa e Sem a Cabeça*. A Necrotério era uma república não só de alunos da Escola de Minas, tinha também um aluno da Escola de Farmácia. No final do ano de 1965, fortes chuvas derrubaram o morro ao lado da Santa Casa e a república ficou bastante afetada. A Escola de Minas havia comprado a casa número dois da Rua do Pilar e a cedeu aos alunos que moravam na República Necrotério; a partir daí, apenas estudantes de Engenharia passariam a morar na república; porém a casa estava em reforma e os moradores se instalaram em um alojamento da Escola de Minas onde se localiza a atual república Gaiola de Ouro, na rua Direita. No final do ano de 1966 os alunos passaram para a rua do Pilar, número 2. O primeiro caixão foi feito em janeiro de 1966, para o enterro da República Necrotério da rua Padre Rolim afetada pelo desmoronamento. Durante o enterro, o caixão e dois moradores (Nelson Chabam e Wladimir Santos) foram presos. O resto do pessoal continuou a farra sem o caixão e os companheiros. Depois desse enterro, todos os anos, o caixão saía às ruas nas festividades do 12 de Outubro, após o baile (após as 5 horas da madrugada). O bloco do Caixão saiu às ruas seculares de Ouro Preto pela primeira vez lá pelos idos da década de 1970, mais precisamente, no mês de outubro, quando estava acontecendo a famosa festa do Doze (12) de Outubro. Um grupo de moradores da República Necrotério naquela época, lá pelas altas horas da noite, resolveram sair às ruas batendo em garrafas de cerveja, latas e panelas, enfim, fazendo a maior algazarra e, bem na frente do cortejo, quatro pessoas conduziam um "caixão de verdade". Vale lembrar que todos estavam vestidos à rigor. O problema é que os ouropretanos nada gostaram daquilo e resolveram, então, acionar o Clero, que por sua vez interferiu sobre aquele ato considerando-o desrespeitoso. Se os ouropretanos e o Clero, não gostaram daquilo, imaginem então, o que teriam dito aqueles que já haviam ganhado o "reino dos

céus"!?!... pois é, o negócio é que com a interferência da igreja, o caixão que era de verdade teve de ser aposentado. Em seu lugar, entrou um outro caixão, só que desta vez era de mentira, porém, seguindo as mesmas características de um verdadeiro. Muitos gostaram da idéia, colocando-a em prática somente no carnaval. Em fevereiro de 1976 foi criado o bloco do caixão que a partir de então veio contagiando o Carnaval de Ouro Preto. No princípio, o bloco contava com poucas pessoas. Em janeiro de 1977, a República Necrotério voltou à rua Direita (para o alojamento da Escola de Minas) para outra reforma da casa, onde ficou algum tempo. Após essa reforma, até os dias atuais, a república não saiu mais da rua do Pilar número 2.

REPÚBLICA NINHO DO AMOR: Ninho feito de pedra, pau e barro que tomam sólidas suas paredes, assim como sólidas são as lembranças e a gratidão de quem um dia por lá pousou. Esta história de união de vidas teve início em 1957, na rua São José, em frente à Casa dos Contos, onde os nove estudantes da Escola de Minas Bernardo Piquet, Ricardo Villela, Fabiano Alves, Francisco Fontenelle, Cícero da Paixão, Fausto Pena Chumioque, Fernando Sarcinelli, Clóvis Silva Araújo, Cristóvão M. Gomes, fundaram a República Ninho do Amor, atualmente localizada na Rua do Paraná. A princípio tratava-se de uma república particular, sustentada apenas por seus moradores, mas com o passar do tempo as dificuldades financeiras apareceram e tornaram insustentável o sonho de morar naquela casa. Foi então, que devido à uma ordem de despejo, os pássaros se viram obrigados a sair em debandada e abandonar aquele primeiro “Ninho”. Os pássaros, sem destino, espalhados por Ouro Preto, foram se virando enquanto aquela situação não se resolvia. Alguns se alojavam na casa de amigos, outros em repúblicas e houve até pássaros que como forma de protesto e até mesmo como única solução passaram a viver acampados em barracas improvisadas no chafariz em frente ao cinema. Foi então que no

dia 9 de Novembro de 1967, sensibilizada com aquela situação, a Escola Federal de Minas de Ouro Preto, através do seu diretor geral, Sr. Dr. Pinheiro e com o apoio do colega Lincoln Viana (presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Minas.) comprou uma casa na rua do Paraná e colocou-a à nossa disposição; aquele era o nosso segundo e definitivo “Ninho”. Era uma casa velha, mas a partir daquele dia, os moradores tiveram a certeza de que a república seria uma realidade. Ao final da década de oitenta, aquela casa velha se encontrava em condições “precaríssimas”. A república se assemelhava à uma casa mal assombrada ou até quem sabe, muito bem assombrada! A sua estrutura estava comprometida, os cupins reinavam, os três andares da casa se confundiam com um só, era o único lugar em Ouro Preto onde se podia tomar um banho à luz do luar e das estrelas. Esta foi uma época de muita provação, eram poucos os moradores e precisávamos urgentemente de uma reforma. Depois de muita luta, em 1988, foi aprovada junto à Escola de Minas a tal reforma, que só teve início dois anos depois. Seu término se deu em 1995 e durante estes cinco anos passamos por maus momentos. É importante citar a garra de três pássaros que sobreviveram em meio aos escombros e muita poeira, para nunca deixar de lado aquele lar conquistado. São eles: Jaburu, Cegonha e Carreteiro.

REPÚBLICA OVELHA NEGRA: Foi fundada em 27 de abril de 1988 por: Marly, Batatinha, Vanéria, Albanise, Ivana, Amélia, Dina, Miki, Francini e Eufrazia. As fundadoras reuniram-se para morar na Ovelha através de um sorteio feito pela Universidade após a construção da casa; elas não tinham qualquer vínculo ou contato entre si antes da formação da República, o que causou alguns problemas de adaptação entre elas, pois com personalidades totalmente diferentes, às vezes o convívio, que deveria ser de total irmandade não foi possível e por isso, das fundadoras, somente três tornaram-se ex-alunas e a

batalha de vaga foi instituída. O nome "Ovelha Negra" foi escolhido devido à localização da República; ao contrário das outras repúblicas do Campus, a nossa foi construída longe das alas; ficando um pouco isolada das outras. Como as fundadoras perceberam, para se morar numa República, a compatibilidade de idéias e principalmente o respeito entre todas as moradoras devem ser parte do cotidiano da casa, e algumas divergências foram surgindo e muitas meninas entraram e saíram até que surgiu o primeiro bixo da Ovelha Negra, Vânia, que ao entrar em 18/03/1993, saiu três dias depois, após seu primeiro "vento". Pelo fato da República ser a "isolada" do Campus, a Ovelha já foi alvo de várias tentativas de assaltos, o que sempre gerou terror entre as moradoras, por isso; após vários empréstimos de cachorros; pois pela Ovelha já passaram vários cachorrinhos emprestados para nos proteger; em 09/08/1999 decidiu-se comprar um filhote de Pastor alemão, o macho oficial da casa, o Pastor de Ovelhas.

REPÚBLICA PALMARES: Em 1982, Ouro Preto vive um momento de contestação política onde a população estudantil protesta contra a situação vigente no país e particularmente contra a repressão existente na universidade. Inicia-se uma mobilização estudantil que mais tarde suscitaria numa greve de seis meses. Nessa greve protestava-se contra a desocupação do alojamento, de taxas na D.E.N e exigia-se a manutenção do transporte gratuito e bandejão de qualidade. O movimento estudantil cria uma comissão de moradia e quatorze casas são entregues no campus para serem ocupadas por estudantes. Nesse contexto surge a primeira experiência de república mista em Ouro Preto. Uma lista foi deixada no R.U e logo depois foram sorteadas vinte pessoas que ocupariam as vagas nessa república. Foi então fundada, em setembro de 1982, pelos universitários: Jacimária Ramos Batista (Engenharia de Minas), Cidinha (História), Silvânia (História), Simone (Nutrição), Kênia

(Farmácia), Magda (Farmácia), Maria Luiza (Farmácia), Carlos Ricardo Rosa (Engenharia), José Eduardo Domingues (História), Agostinho Lélis, Mário Pereira dos Santos, João Carlos de Souza Ribeiro, Ricardo de Paula, Jorge Paulo Prazeres Ribeiro, Élcio Hirano Hayasaki (Engenharia Geológica), Sérgio Augusto Morais Machado (outros dados de mais fundadores não foram obtidos). Vários nomes são sugeridos: Astecas, Pingo d' água, Casa grande, Angola, Palmares. O nome Palmares surge no sentido de resgatar o movimento libertário, uma vez que a universidade era administrada de forma autoritária. Em novembro de 1982, a Universidade Federal de Ouro Preto, através do Reitor Maurício Lanski, exige que os homens desocupem a casa, sendo ameaçados de desligamento desta instituição de ensino. Permanece ainda os moradores José Eduardo, Mário e João Carlos que se recusavam a aceitar a imposição feita pela UFOP. Um painel foi pintado na parede da república e ali permanece até os dias de hoje. Essa gravura, feita por Carlos Magno, faz menção à cultura negra, os guerreiros do quilombo dos Palmares. Os últimos homens que resistiram deixaram a república. Alguns tomaram outros caminhos. José Eduardo continuou a luta como diretor do D.C.E. ajudando a conquistar casas que viriam a ser sede de outras repúblicas. A República Palmares torna-se então uma república feminina.

REPÚBLICA PARAÍSO: A República Paraíso surgiu no dia oito de setembro de 1986, fundada por Dênia Cristina Braga Lima. No endereço Rua dos Inconfidentes nº5 na Barra, localizava-se a República Saudade da Mamãe e o aluguel da residência era custeado pela UFOP, e foi nesta mesma casa que nasceu o sonho de uma nova república feminina. Quando a República Saudade da Mamãe se mudou para a antiga casa dos professores na Rua Dr. Cláudio de Lima 111, as estudantes Dênia, Iucléia, Késia, Irca e Sandra ocuparam a residência situada na Barra. Logo depois Renilda, Flávia e Valéria, foram

acolhidas na recém criada República Paraíso. A universidade continuou custeando o aluguel durante certo tempo, e depois que esta verba foi abolida, a República se mudou para o nº99 nesta mesma rua. Na nova casa, surgiram novas moradoras Luciana, Marcia, Gleice, Andréia, Luci Mara, Sônia e Elza. O proprietário desta casa, seu João (na época residente em Cachoeira do Campo, hoje falecido) ajudou financeiramente, afinal de contas as dificuldades eram inúmeras. Sem condições de comprar móveis para montar a casa, algumas estudantes dormiam no chão, o dinheiro da comida era economizado para o aluguel, a ajuda mútua entre as meninas, conciliada ao poder da amizade e apoiada na vontade de consolidar essa nova família, foi capaz não só de montar uma casa materialmente, muito mais que isso, montaram um lar, conhecido como República Paraíso. Enquanto algumas formavam, outras chegavam e se identificavam com o modelo seguido pela república..... *falar sobre a terceira casa na barra, se possível, como foi feita a aquisição dos móveis, a casa perto do posto e nossa atual casa.*

REPÚBLICA PASÁRGADA: No dia 14 de abril de 1982 é formada uma das tradicionais repúblicas de Ouro Preto: a República Pasárgada. Dentre seus fundadores estão: Cassiano José Vieira Neto (Degas), Ivanir Luiz de Oliveira (Costelo s), Sérvio Túlio Portela (Tulipa), José Daniel Gonçalves Vieira (Formigão), Marcelo Tardin Alves (PDS). O nome Pasárgada vem do poema do grande Manuel Bandeira: “Vou-me embora prá Pasárgada”. Bandeira escreveu esse poema para materializar o que ele consideraria como paraíso na terra; onde todas as coisas são feitas para deixar todos felizes. É como diz o verso: “Vou-me embora pra Pasárgada/Lá sou amigo do rei”. É dentro desse contexto que foi formada a ideologia da República. Receber as pessoas bem faz com que a República se torne mais forte e mais alegre, acolhendo todos que estão dispostos a fazer amizades. Alegria é o que move as festas da República. As festas

tornaram-se o motivo de grande integração entre as repúblicas irmãs de Ouro Preto.

REPÚBLICA PATOTINHA: Sua primeira casa foi no bairro Antônio Dias. Era uma pequena casa de fundo onde moravam quatro estudantes do curso de Farmácia. Em agosto de 1979, a república mudou-se para o bairro Rosário, na Rua Getúlio Vargas. Era um sobrado alugado só em cima, tinham três quartos, duas salas, um banheiro e uma cozinha pequena. No fundo havia um quintal grande com vista para a Igreja, local onde funcionava a rodoviária. Nesta casa moravam sete estudantes, quatro de Farmácia e três de Nutrição. Após um ano, o proprietário pediu que fosse desocupada, e as estudantes ficaram durante as férias todas procurando um lugar para morar, o que era difícil na época, pois havia muitos estudantes e poucas residências para alugar. Muitos proprietários também não alugavam para estudantes. Nessa época, procurando por uma casa no bairro Antônio Dias, as estudantes se depararam com uma completamente abandonada e com o telhado caído e havia funcionado uma antiga Funerária. Quando buscaram mais informações, descobriram que a casa pertencia à UFOP, e seria usada para administração de algum setor. As moradoras, então, decidiram “batalhar” a casa. Foram à Diretoria de Ensino, marcaram audiência com o Reitor Fagundes e explicaram a situação. O Reitor cedeu o advogado da UFOP para negociar com o proprietário da casa da qual seriam despejadas. Ainda assim elas continuaram indo à Diretoria todos os dias até conseguir as chaves e olhar a casa. A UFOP alegava que o telhado estava caindo e que não poderia arcar com as conseqüências. A insistência das estudantes foi tanta, que decidiram entregar as chaves, e mandaram junto um engenheiro para examinar o local. A fundadora da Patotinha, Maria Aparecida de Assis Coelho, Bia Morena, foi quem tomou a frente dos contratos e toda parte burocrática, sempre muito

simpática e brincalhona, conquistou o respeito e admiração das demais durante o período de transição. Quando finalmente conseguiram a casa, a UFOP estava passando por um período difícil. Os estudantes estavam em greve por melhores condições de moradia, alimentação, ensino e professores. Em uma das assembleias gerais, determinaram que a Reitoria é quem decidiria a quantidade de vagas e indicaria as estudantes para morar na Patotinha. Porém, as moradoras não concordaram e afirmaram que o critério de escolha seria delas e a casa comportaria 13 pessoas. Naquela época, só existiam duas Repúblicas Federais Femininas: a Rebu e a Patotinha.

REPÚBLICA PENITENCIÁRIA: A república foi fundada em 1976. Os registros de um ex-aluno quanto ao nome da república está aqui bem resumido: “PENITENCIÁRIA seria uma conscientização de que realmente são presos. Cada um deles (em âmbito geral) carregava grades invisíveis ao seu redor. Apesar disso, em conjunto ou individualmente cada um luta por sua liberdade interna. Na República não existem normas a seguir. Os moradores fazem as leis, dependendo do caso. Para os mesmos casos podem existir leis distintas”. O mesmo ex-aluno informou como foi conseguida a casa: “Depois de muita briga e conseqüentemente vontade, a casa foi cedida pela Escola de Minas. O dia da entrega da chave foi 22/03/76, à noite, debaixo de chuva, onze dias depois, após conversações, a turma da república Asteca, veio morar aqui. Mas como humanos racionais nos demos muito bem e estamos ai pro que der e vier. Por enquanto moramos em treze cabeças completamente diferentes na essência. O que dá vazão a muita discussão, muito bate papo, alternância de emoções, enfim: VIDA” (um ex-aluno, 27/03/77).

REPÚBLICA PERIPATUS: A República Peripatus foi fundada no dia vinte e um de Abril do ano de 1982. Foi formada pela união de duas repúblicas particulares, cujos nomes eram

Scorpions e Suigeneres. A república foi batizada pelo nome Peripatus em homenagem a um “bichinho”, na verdade um elo da evolução, considerado a transição da classe dos *Anelídios* para a classe dos *Artrópodes*, esse “bichinho” é conhecido pelo seu nome científico, *perypathus accacioi*, e pertence à classe dos *onicofaros*. As mais recentes pesquisas sobre essa espécie relatam que o *perypathus accacioi* é encontrado apenas na Reserva do Tripuí, localizada na região da cidade de Ouro Preto, daí origina o nome Peripatus. Quando foi fundada, a República Peripatus havia vinte moradores, que hoje são denominados pelos moradores atuais de “ex-alunos fundadores”. A república abriga estudantes de todos os cursos de graduação da UFOP. A “Peri”, nome o qual é carinhosamente chamada, é uma república federal masculina cuja manutenção fica a cargo dos próprios moradores, os quais tem o dever de zelar, preservar e manter toda uma tradição.

REPÚBLICA PIF-PAF: A república foi fundada em 14 de abril de 1946. Os primeiros moradores desta República, que “foi criada para a eternidade” foram: Fernando Homem da Costa, Caio Vierno Leão, Geraldo de Almeida Fonseca e João Batista Sabino sendo convidados mais cinco estudantes; dentre eles dois da Escola de Minas: Gilberto Lenoir Dias e Augusto de Almeida Lira (1º ano) e três mais restantes: Salvador Sabino, José Alves Gouveia e Dinancy Almeida Santos, todos cascudos e repugnantes asnos. Formaram eles o quadro dos servidores dos grão-senhores daquela soberana República. Depois de sua fundação à rua do Ouvidor 17, transferiu-se para o belo casarão com detalhes em pedra de cantaria localizado na Rua da Fé nº 1, bairro Pilar. A residência foi adquirida em 18 de setembro de 1948 pela Casa do Estudante de Ouro Preto junto à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, representadas na ocasião pelos ilustres professores Antônio Moreira Calaes e Monsenhor João Castilho Barbosa. O nome da República foi escolhido Pif-Paf devido ao

repúdio dos fundadores para com o governo na questão da proibição dos jogos de cartas no Brasil. Quanto ao escudo, foi feita uma paródia com relação ao brasão da Escola, sendo acrescentadas à parte superior do escudo as cartas de baralho, bem como a mudança do lema: ao invés de “*Cum Mente et Malleo*”, “*Cum Potu et Mulieribus*”, que significa “Com copo e mulheres”, retratando todos os desejos daqueles que nesta casa começarem a sua história.

REPÚBLICA POLEIRO DOS ANJOS: A República Poleiro dos Anjos, uma das tradicionais moradias estudantis da Escola de Minas de Ouro Preto, abriga aqueles que vêm à Ouro Preto com o intuito de concluir seus estudos, mas acima de tudo, acabam se tornando anjos. Contemplada com uma das mais belas paisagens de Ouro Preto, a república mudou-se para o atual endereço, à rua Santa Efigênia, 27, Antônio Dias, em 06 de junho de 1969. Até essa data tinham se formado José Carlos Tambeline, vulgo “Gordo”, José Oscar Costa, vulgo “Zé Arigó” e Marcelo Gonçalves Drumond, “Loca” em Engenharia Metalúrgica, e Áder Chaves Coelho, vulgo “Português” e Rogério Miranda Nogueira, vulgo “Baixinho”, ambos em Engenharia de Minas. Os nomes dos outros ex-alunos se perderam na mudança do antigo endereço à Rua da Escadinha, 11, Pilar, para o atual. Uma das características mais marcantes da República foi a “abertura” à outros cursos da UFOP no final da década de 80, sendo uma das primeiras repúblicas federais a acabar com o monopólio Engenharia-Farmácia, abrindo vagas para estudantes dos demais cursos. Antes só moravam na casa alunos dos cursos de Engenharia. O primeiro a se formar em outro curso foi Carlo Guimarães Monti, vulgo “Carlô”, no curso de História, em 1995.

REPÚBLICA PRONTO-SOCORRO: Fundada em 04 de abril de 1953, a República Pronto Socorro é uma moradia de estudantes da Escola de Farmácia de Ouro Preto, a mais antiga da América Latina (fundada em 04/04/1839). O terreno onde hoje está localizada a República Pronto Socorro pertencia ao Sr. Carlos Cunha, o qual vendeu uma parte para o judeu Salomão Myssior construir a casa onde hoje se encontra a república. Em 1953 havia em Ouro Preto apenas casas onde moravam estudantes de vários cursos, entretanto nestas repúblicas, a maioria dos seus moradores sempre foram os estudantes de Engenharia. Diante deste quadro, um grupo de estudantes do curso de Farmácia, com o apoio do centro acadêmico livre de Farmácia, começaram a promover eventos, com o intuito de arrecadar dinheiro para a compra de uma casa que futuramente seria uma nova moradia somente para alunos de Farmácia. Com os eventos, estes estudantes conseguiram juntar parte do dinheiro e a outra parte foi doada pela Escola de Farmácia, resultando na quantia de \$4 contos de reis, que foi o valor pago pela casa. O grupo de estudantes era formado por Altair Pires de Moraes (1953), Cassimiro Gabriel da Silva (1953), Descio de Abreu Brandão (1953), Ernani Ferreira (1953), João Batista Rodrigues da Silva (1953) e Nei Franco (1953). Estes estudantes tornaram-se os primeiros moradores da República Pronto Socorro, no ano em que a Escola de Farmácia estava completando 114 anos. O nome da República surgiu de uma lista que constava os possíveis nomes para uma moradia de estudantes de Farmácia. A partir daí, a escolha de novos moradores era feita por sorteio. Nesta época, a república era administrada pelos moradores e pelo Centro Acadêmico, evoluindo para a administração exercida nos dias atuais. A República Pronto Socorro está localizada na Praça Juvenal Santos, 21, bairro do Pilar, mais precisamente na Praia do Circo. Este nome surgiu da presença dos circos que passavam pela cidade e se fixavam na área.

REPÚBLICA PULGATÓRIO: Até 1967 o sistema de vestibular das escolas superiores somente permitia o ingresso dos estudantes que, além de se classificarem dentro do número de vagas previstas, também obtivessem nota mínima de aprovação em todas as provas - geralmente em torno de 50%. Isto gerava uma situação perversa para o país, uma vez que havia uma grande carência de mão-de-obra qualificada de um lado e ociosidade de vagas disponíveis de outro. Até esta época, era comum a Escola de Minas patrocinar vestibular para cem vagas e aprovar apenas vinte candidatos. Basta olhar para os quadros de formandos daquela geração e de gerações anteriores: era normal uma turma de formandos de apenas uma dúzia de engenheiros. Em alguns anos, a quantidade de formandos era até mesmo quase igual à de homenageados - paraninfos, diretor, professor, funcionário, etc. A lei foi mudada - passou a ser obrigatório o esgotamento das vagas. O reflexo na Escola de Minas foi imediato: passaram a se formar turmas de vinte engenheiros e a ingressar na escola levou de mais de cem alunos. Isto, para uma sociedade que há dezenas de anos já se acostumara ao padrão anterior causou um sério problema: onde alojar este excedente? De início, houve um processo de cada um tentar buscar a sua solução - muitas casas de família passaram a ser alugadas para os estudantes que as transformavam em repúblicas, mas já havia a previsão de que no ano seguinte a tendência era a de que o processo deveria tornar-se mais crítico ainda, pelo efeito bola-de-neve. Começou então um grande movimento na escola por novas moradias para estudantes, liderado pelo então tesoureiro do Diretório Acadêmico, Cesar do Cuzão (ou César Maia) - que quase veio a ser expulso, por obra do Decreto-Lei 477. Ele foi exilado no Chile. O objetivo deste movimento era político, isto é, mostrar aos estudantes que o DA existia e, de outro, era o de alertar as autoridades para o drama dos EST - “estudantes sem teto”. Para isto era necessário dar visibilidade ao movimento. Não bastava sensibilizar a opinião

pública ouropretana - esta já conhecia o problema - o importante era atingir o noticiário nacional a partir de uma cidade, como Ouro Preto, que estava à margem da vida política do país. A solução encontrada foi a de montar um acampamento na Praça Tiradentes nos mesmos moldes que são hoje os acampamentos dos sem-terra. A reação foi rápida: a Escola de Minas, dona de uma das maiores verbas do Ministério da Educação, comprou diversas casas - muitas delas na rua do Paraná, onde estão hoje as Repúblicas Pulgatório, Aquarius, Nau Sem Rumo e Ninho do Amor - para transformá-las em moradias para estudantes. A Ninho do Amor, assim com a Nau Sem Rumo, já existiam como repúblicas em outros locais, porém ocupando imóveis em condições precárias, por isto foram premiadas pela Escola de Minas com os imóveis que ocupam até hoje. Na Pulgatório o processo foi diferente. Diversas repúblicas em situações precárias reivindicaram o imóvel em que hoje se encontra a Pulgatório, mas a Escola de Minas mostrou-se muito vacilante no atendimento destes pedidos. Diante desta hesitação, a casa, que já se encontrava em condições de habitabilidade, foi invadida por três repúblicas que a desejavam: a Pulgatório, a Tropicália e a Buraco Quente. A reação da diretoria da Escola de Minas foi rápida: convocou uma comissão de invasores para se explicarem. O objetivo era óbvio: a escola desejava a desocupação do imóvel e para isto estava disposta a pressionar os estudantes que se opunham à sua vontade. Estavam em três e a reunião foi com o próprio Pinheirinho. Foi perguntado ao primeiro deles sobre qual a sua situação na escola. Era o Malão e ele estava repetindo algumas cadeiras do primeiro ano. A mesma pergunta foi feita ao segundo. Era o Babalu e ele estava cursando o segundo ano. O terceiro respondeu que era jornalista e estava apenas cobrindo os fatos. Certamente, receoso da repercussão na mídia, Pinheirinho arrefeceu seu ímpeto. Mas o terceiro não era nenhum jornalista - era o Caiafa. Mas valeu a intimidação e a escola “esqueceu” de pedir a desocupação do imóvel.

REPÚBLICA PUREZA: A República Pureza foi fundada em setembro de 1939, por alunos oriundos da república Fuzarca, recém desfeita. A data oficial escolhida como de sua fundação foi 12 de Outubro, em homenagem a data de fundação da Escola de Minas (12/10/1876). São fundadores: Antônio Júlio de Almeida, Luiz Pereira de Rezende, Franklin de Andrade Gomes, Dagoberto Lobo da Silveira e Newton Pereira de Rezende. A primeira casa estava situada à rua Camilo de Brito nº 6, na esquina com a rua dos Paulistas. A casa ostentou por alguns dias em sua porta uma placa com o nome da República Dantzig por sugestão do Antônio Júlio. Depois da chegada do Luiz, em consenso final, a nova república passou a se chamar República Pureza. Pureza é um título de um romance do escritor José Lins Rego, publicado em 1937. Uma peça de teatro: Pureza, com enredo baseado nesse livro, estava sendo exibida no Rio de Janeiro, tendo como ator principal Procópio Ferreira. O Franklin, bem informado, foi quem fez a proposta. Concorde todos com a escolha, um dos companheiros ainda brincou: "Isto mesmo, meus amigos! Saímos da Fuzarca e fomos para Pureza. Somos agora homens sérios." E a República ficou com o nome definitivo de Pureza. No fim de 1941, ocorreu a primeira mudança da Pureza para rua Camilo de Brito, nº3. No princípio de 1948, foi alugada a casa nº 16 do Lago de Antônio Dias, ao lado da Matriz, a república Pureza passou a ter esse endereço. Os moradores da época eram os irmãos Newton, Décio e Hugo Rezende, o primo Antônio Vieira de Rezende e o Carlos Walter Marinho Campos. E nesse mesmo ano o José Abrão e o Javert Gribel. Em 1956, a República muda-se definitivamente para a Rua das Mercês n.º 212, onde passa a pertencer à Casa do Estudante da Escola de Minas de Ouro Preto (CEOP).

REPÚBLICA QUARTO CRESCENTE: A República Quarto Crescente foi fundada em 15 de abril de 1982, tendo como

fundadoras: Alina, Amélia, Ana Maria, Cízia, Cláudia, Denise, Eneida, Kátia, Narla, Rita, Rossi, Silvânia e Sônia. A QC, como é chamada carinhosamente por todos, recebeu este nome após terem sido sugeridos vários outros, entre eles “Tarântulas”. O nome escolhido foi Quarto Crescente. Das vinte fundadoras, apenas treze permaneceram até se formarem. No início, o relacionamento era difícil, pois as pessoas ainda não se conheciam. As reuniões eram constantes e intermináveis. Tudo era motivo de reunião. Motivos muitas vezes fúteis. Os móveis e eletrodomésticos foram adquiridos aos poucos com dinheiro de rifas e festas. As dificuldades enfrentadas pelas fundadoras eram muitas. Hoje, a República encontra-se totalmente mobiliada e com vários bens considerados supérfluos por outros, proporcionando conforto e entretenimento para as moradoras. Com relação aos trotes, eles existem desde a fundação da República. Os trotes são uma forma das calouras se entrosarem com as moradoras, e destas avaliarem as reações daquelas. Historicamente os trotes mais comuns são: seminário sobre a História da República e farras das ex-alunas, esconder roupas com charadas, ventos e varal de roupas. As moradoras conservam o espírito da República QC que é de muita felicidade, amizade e companheirismo. Dividem-se problemas, alegrias, dores, esperanças e risos. Dessa forma, aprende-se a conviver em grupo, a trocar experiências, enfim, proporciona-se tanto o crescimento individual quanto coletivo. No aniversário da República, 21 de abril, muitas ex-alunas retornam com vontade de reviver um tempo *inesQCível* que tiveram na casa; colocar as fofocas em dia, encontrar amigos que conquistaram e festejar muito o aniversário com as moradoras e amigos.

REPÚBLICA QUASE NORMAL: A República Quase Normal foi fundada no primeiro período 1990, a partir de uma divisão da República Nascente, por Ana Paula, Cacá (Ana Cláudia), Verinha e Adriana. As primeiras anormais juntaram os “cacos”

herdados da antiga república e foram fazendo novas aquisições, como um belíssimo guarda-roupas com lindas portas que não fechavam nem a porrete. Com o tempo, a casa foi se estruturando, mas ainda se assistia a uma televisão ecológica (verde e branco) e as roupas tinham que ser lavadas no tanquinho. Entre as tantas festas de Ouro Preto, merecia destaque a Festa Baranga, onde todas as anormais marcavam presença e arrasavam com modelitos inacreditáveis! Novas moradoras iam chegando e, além da casa, os conceitos também iam mudando. Uma pobre caloura (Letícia), vendo todos os seus coleguinhas com suas plaquinhas, fez um apelo dramático: “todo mundo usa placa, menos eu...” A Quase Normal resolveu então fabricar uma placa para ela e outra para sua companheira de batalha, a Elva, que ficou muito satisfeita. Além da oportunidade de exibir uma placa, as calouras tiveram também a oportunidade de exibir suas performances no Miss Bixo. O trote mais polêmico para as anormais foi o vento, que depois de longas discussões nas reuniões, finalmente foi liberado. A Dani (caloura) e a Jane (formanda) tiveram a honra de estreá-lo.

REPÚBLICA QUITANDINHA: A República Quitandinha foi fundada no segundo semestre do ano de 1945. Foram seus idealizadores: Tasso Crespo de Aquino, Antônio Linhares, de Miracema, José Duarte de Macedo, Salim Frayha e Aldo Aquino. Foi objetivo fundamental dos idealizadores: a fraternidade, o respeito mútuo e a vontade de vencer. Sua primeira “sede” - casa - foi situada à rua dos Paulistas (esquina da rua dos Paulistas com a travessa que vem por trás do Centro Acadêmico atual, antigo fórum), esta casa se chamava Chalé de Maria Rosa, casa ampla, bonita e tinha janelas superiores na parte central da frente. Maria Rosa, em 1948, pediu o retorno da casa, razão pela qual a “Quitandinha” entrou no sorteio da casa atual (rua Teixeira Amaral), que se denominava “casa de Camilo Abelo” ganhou o sorteio, a transferência de casa foi realizada em

1949. A casa pertencia à entidade, Antigos Amigos de Ouro Preto”. A casa estava para ser vendida, e logo no princípio do ano de 76 (março), uma imobiliária de Belo Horizonte, anunciava, com uma faixa pregada na fachada principal, a sua venda, ou melhor, que estava à venda. Começaram então a batalhar junto à reitoria, uma república para morarmos. A ‘febre “era requerimento por parte dos alunos da escola, sem alojamento, para conseguir uma casa. Três casas eram as mais visadas, uma na Água Limpa, outra na Vila dos Tigres (Mercês) e a Quitandinha que estava na fase de acabamento”. Fizeram um requerimento, com dez assinaturas (inclusive com dois alunos de Farmácia, pois um dos assessores do Magnífico era da Farmácia e dava força, mas era cascata) e uma carta. O certo é que com isso o “PS”, assim apelidado, sempre que passava dava aquele alô. Pela primeira vez os moradores foram ao Reitor, com uma planta da casa, cedida pelo Prefeito da cidade universitária, que por sinal muito os apoiou. Depois de uma série de idas ao Magnífico e ao Prefeito Universitário, conseguiu-se a confirmação de que o prédio fosse da Quitandinha. A mudança ocorreu no dia 22 de Setembro de 1976.

REPÚBLICA REBU: A História da República Rebu começou em meados do ano de 1974, quando algumas alunas do Curso de Engenharia, “cheias das malvadas donas de pensões ouropretanas”, resolveram procurar o Diretor da Escola de Minas, na época, o Professor Wagner Colombaroli com o intuito de que a mencionada Escola comprasse uma casa e a transformasse em República da Escola de Minas. Inicialmente foi muito difícil, pois, não acreditavam que aquelas meninas fossem persistentes o bastante para encontrar um imóvel em boas condições; porém, andando “nas quebradas da madrugada”, encontraram na Rua do Pilar a tão esperada casa. Assim, uma vez encontrada a moradia ideal, as estudantes retornaram à Escola de Minas, informando ao Professor Wagner o achado;

porém, muitos empecilhos foram sendo criados para a aquisição da casa; primeiro seria necessário o croqui, depois a visita técnica de um Engenheiro, e por fim, o proprietário do imóvel não poderia saber que o comprador seria a Escola de Minas. Desta forma, as garotas convenceram o “dono da casa” de que os compradores seriam os seus pais e enganaram o velhinho. Posteriormente, a Escola de Minas entrou no negócio, alegando que os pais haviam desistido e que ela mesma efetuará a compra. Surgiu então, uma das primeiras repúblicas federais para mulheres; inicialmente foi muito difícil, pois, a casa era pouco arejada e escura, além da dificuldade de relacionamento entre as moradoras, que não se conheciam muito e foram todas aglomeradas naquela casa. Existiam as turmas “de cima” e a “de baixo”, era uma bagunça, um verdadeiro rebuliço, o que deu nome à casa que se passou a chamar República Rebu. As primeiras a serem nomeadas “Rebutantes” foram Martão, Vanjão, Pirinha, Bernadete, Júlia, Léa, Raquel, Sandra, Martinha, Ângela, Itza (gringa), Carminha, Lívia e a primeira “BIXO” chamava-se Help.

REPÚBLICA REINO DE BACO: A República Reino de Baco foi fundada em 1951, com o apoio de empresas que se uniram formando uma entidade, que tinha como intuito a construção de casas para estudantes de Engenharia da Escola de Minas de Ouro Preto. A casa foi fundada por Jadir Portes Bartolomeu, Paulo Goyatá Albanese, Alípio da Silva Costa, Darcy José Germani, Edward Pinto de Lima e Antônio Rodrigues de Campos. Com o passar do tempo estas gerações mudariam, com a entrada de novos moradores na casa e com a saída de outros finalizando o curso de Engenharia.

REPÚBLICA SAÚDE DA MAMÃE: A República Saúde da Mamãe foi fundada no mês de outubro de 1976, no 100º aniversário da Escola de Minas de Ouro Preto. A Iniciativa

partiu de um grupo de estudantes de Engenharia da própria Escola. Inicialmente instalada numa casa particular, localizava-se à Rua Bernardo de Vasconcelos, Bairro Antônio Dias, em frente a República Castelo dos Nobres, passando depois para a Rua dos Inconfidentes, Barra pois tratava-se ainda de uma república particular, sendo freqüente a mudança de endereço devido a dificuldade em pagar os aluguéis da época. No ano de 1985, levados pelos ideais estudantis e pelo fato de ser de conhecimento geral os inúmeros imóveis ociosos que possuía a Universidade, uniram-se os \$audosos à moradores dissidentes da República Necrotério, invadindo as casas onde hoje se encontram a atual República \$audade da Mamãe e a sua co-irmã República Maria Bonita. Tendo os \$audosos compreendido os problemas de moradia que assombavam os estudantes da época, cederam gentilmente às moçoilas a casa que atualmente residem as “Marias”, e ficaram com a casa onde hoje é a atual República, fundando-se assim a \$audade da Mamãe Federal, Livre, Fraternal e Igualitária.

REPÚBLICA SENZALA: Alguns anos atrás a Universidade estava construindo no campus novas casas e necessitava de um número mínimo de pessoas para formarem uma república. Sendo assim, a partir da união de duas outras Repúblicas, a Berimbau e a Alcatraz, criou-se a República Senzala. No princípio de 1982 ficaram prontas as dez casas do morro. Cada república candidata deveria apresentar ao DAEM (que cuidou da distribuição das casas, pois ainda não existia DCE) a lista com os vinte nomes. Era preciso um nome para identificar a turma, que ficou sendo “República Mansão”. Domingo à tarde foram selecionados na Escola de Minas os seus novos moradores por meio do sorteio para a nova casa. Era a casa 6A. Os sorteados eram moradores da Alcatraz e da Berimbau que, juntos com outros estudantes, formariam a república. A partir daí eles próprios passariam a decidir a melhor forma de promover o entrosamento. A UFOP

fez com que os moradores assinassem um tal de "Contrato de Comodato" que exigia qualquer mudança no quadro de moradores. Os moradores assinaram, mas isto nunca funcionou. Era preciso dar um nome a República, que era conhecida pelo nome provisório - Mansão - ou pelo número da casa 6ª. Foram feitas inúmeras reuniões, mas estava difícil. Fez-se uma reunião sem a presença do Sucrão, que fazia estágio em Carandaí, chegando a dois nomes com o mesmo número de votos. Quando ele chegasse, ele desempataria e ficaria escolhido o nome da República. Opiniões e sugestões não faltavam. Uns achavam que a República deveria chamar ou Alcatraz ou Berimbau; outros eram a favor de um nome que lembrasse as Repúblicas extintas, nomes como BERINTRAZ, ALCABAU, ALCATRAZ-BERIMBAU E BERIMBALCATRAZ; um terceiro time queria um nome que não tivesse nada com BERIMBAU ou ALCATRAZ. Esta opinião foi ganhando adeptos e acabou vencedora. Já estava mais fácil escolher, estava definido o que não se queria. Foi aí que choveu sugestões de nomes: MANSÃO, ANHANGÁS, MEGANACAS, SANTO-MÉ, ITAMARANDIBA, ARAPUCA, KI-LOMBO, SENZALA e outros. Finalmente no dia 04 de Junho de 1982 foi os moradores chegaram aos nomes finalistas: SENZALA e ARAPUCA. Mas na finalíssima SENZALA ganhou por 11 a 04.

REPÚBLICA SERIGY: O nome Serigy é uma homenagem ao Cacique Serigy, um bravo guerreiro indígena que lutou na emancipação do Estado de Sergipe. Como os primeiros moradores da casa eram sergipanos eles resolveram prestar uma homenagem ao conterrâneo. Em todos seus anos de existência, a Serigy já abrigou estudantes de todas as partes do país. Todos os estudantes formados na Serigy, assim como acontece em outras repúblicas de Ouro Preto, têm suas fotografias colocadas na sala de retratos da república, uma espécie de sala de troféus. No início do ano de 1948 moravam em uma pensão, na Rua

Alvarenga nº 4, os sergipanos Alberto do Prado Barros, Manuel Alves Souza, Nicanor Carvalho e José de Melo Monteiro. A eles se juntou um outro sergipano, o José Francisco Barreto e o mineiro de Ponte Nova, João Rezende de Castro Monteiro. Os seis fundaram uma República que teve seu primeiro endereço na Praça Américo Lopes, nº 17 e o nome da Serigy escolhido pelos sergipanos em homenagem ao bravo cacique que tinha esse nome e muito se destacou na luta pela colonização do Estado de Sergipe. A casa não tinha o mínimo conforto, mas todos se sentiam felizes por deixar a pensão e ter sua República. Imaginem que não tinha água quente... o chuveiro estava colocado no fundo de uma lata de querosene de 18 litros e era acionado por um barbante que pendia até o chão e terminava num pedaço de madeira como se fosse um acelerador de automóvel. Quando se pisava na tábua, abria-se o chuveiro e caía aquele jorro de água fria em cima dos republicanos. Talvez fosse por isso que os moradores se mudaram logo que o inverno começou a apertar, para a rua da Escadinha. Aí o conforto era notável. Uma casa grande e com água quente. Pelo fato de ser grande juntaram-se aos seis fundadores dois mineiros, Sebastião Peixoto Toledo (de Ubá) e Rubens Vieira Brant (de Manhumirim). Em 1951, a Serigy mudou-se para a rua Henry Gorceix, 93, onde está até hoje. Primeiro foi alugada e depois a Casa do Estudante comprou o imóvel.

REPÚBLICA SINAGOGA: A República Sinagoga foi fundada em sua atual casa em 1949 pela junção de duas outras Repúblicas anteriormente existentes: a *Favela* e antiga *Sinagoga*. Nesta oportunidade foi feito sorteio entre os moradores para a escolha do nome oficial. A casa foi comprada por uma instituição filantrópica de ajuda e amparo aos estudantes, assim como várias outras Repúblicas tradicionais de Ouro Preto, garantindo moradia gratuita aos universitários da UFOP. Situada no centro histórico, a República Sinagoga é considerada uma das

mais tradicionais de Ouro Preto. A manutenção da casa é feita pelos próprios moradores através de arrecadações com hospedagens e contribuições de seus antigos moradores. Passando por amplas reformas promovidas pelos seus moradores e ex-alunos nos anos de 1986 e 1998, a casa atualmente conta com uma infra-estrutura de estudo e diversão.

REPÚBLICA SNOOPY: A república foi fundada em 18 de março de 1983, passando por endereços em locais como Centro, Vila São José, Vila Aparecida, Antônio Dias e Rua Nova. Sempre morando muitas estudantes, chamadas Snoopyanas, suas moradoras conseguem cumprir o objetivo para o qual foi fundada: ser a sua casa fora de casa. Dos estudos ao lazer, conta hoje com estudantes dos mais diversos cursos da UFOP. Tem também time de futebol, bandeira, hino e uma boa infra-estrutura, resultado do esforço de suas ex-alunas e atuais moradoras. A República Snoopy, é mais uma demonstração de que a história de Ouro Preto, de sua Universidade e de suas Repúblicas, deve perpetuar-se no tempo, para que no futuro os estudantes que a Ouro Preto chegarem, sintam-se honrados por morar em uma dessas eternas Repúblicas e fazer parte também dessa história.

REPÚBLICA SPARTA: A República Sparta, foi fundada em 04 de abril de 1941 pelos seguintes alunos da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto: Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato, Paulo Barbosa Arantes, Bento Romero Viana e Waldemar de Albuquerque Assis. Foi instalada inicialmente na rua Getúlio Vargas, 19, onde funcionou até outubro de 1955, quando foi transferida para o endereço atual, rua Conselheiro Quintiliano, nº 370. Consta na sua ata de fundação que a Sparta poderia abrigar qualquer aluno da Escola de Minas, à época as engenharias Civil, Metalúrgica, Geológica e de Minas. Ao longo dos seus quase sessenta anos a Sparta já abrigou e formou mais

de 100 ex-alunos que na sua maioria, mantém um estreito vínculo com a República comparecendo às festividades do Doze, aniversários e demais comemorações da República. No início do ano de 1999 a Sparta passou por um dos momentos mais críticos de sua existência. O casarão que abrigava a República necessitava a muito tempo de uma ampla reforma estrutural, nas partes elétricas, hidráulicas e principalmente o telhado que ameaçava desabar. Desde 1996 tentava-se angariar fundos para estas reformas, e não sendo mais possível retardá-las, iniciou a reforma do telhado que era a mais urgente.

REPÚBLICA TABU: A República TABU está situada na Rua Direita, 166, no Centro Histórico de Ouro Preto. Foi fundada no segundo semestre de 1950. Na época, segundo Abdias Veras Filho - um dos fundadores -, a entidade “Casa do Estudante” dispunha de três imóveis para servir de moradia estudantil. Os candidatos organizaram-se em vários grupos para concorrer às casas e a escolha foi feita por sorteio. O nome TABU vem de uma música da época. O aniversário da República é comemorado junto com o da Escola de Minas, no dia 12 de outubro. Nesta data, é grande o número de ex-alunos que retornam à casa, quando os atuais moradores homenageiam os que estiverem completando 10, 20, 25, 30 e 40 anos de formados. Desde sua fundação, a República TABU vêm acolhendo diversas gerações de estudantes da Escola de Minas e atualmente da UFOP, com o espírito de luta, união e amizade, o que faz da TABU algo muito maior do que uma simples República.

REPÚBLICA TANTO FAZ: Tudo começou em 1986, com a dificuldade enfrentada pelos estudantes da UFOP de não ter onde morar. Dificuldade gerada por diversos motivos: as repúblicas existentes eram (e continuam sendo) masculinas, a maioria, e exclusivas para os alunos da Escola de Minas; quanto ao aluguel

de casas, além de difícil e caro, elas se encontravam em más condições e afastadas do centro. O país passava por uma recessão econômica. Para solucionar este problema o DCE criou uma “Comissão de Moradia”, que negociaria algumas casas com a universidade. A comissão pediu a ela que “hospedasse” alguns estudantes na então “Casa de Hóspedes”, vazia a tempos, localizada próxima à reitoria. Porém, o pedido foi negado. A única coisa que se conseguiu foi que a UFOP alugasse uma casa no Alto das Cabeças, o que era insuficiente para o número de pessoas que precisavam de um lugar para morar. Diante disso, a comissão de moradia decidiu que caso a reitoria não cedesse a casa, ela seria invadida na próxima reunião, marcada para o dia 23 de março de 1987. Neste dia concentrou-se no pátio da reitoria um grande número de estudantes à espera de uma resposta. Sendo esta negativa, eles invadiram a casa, aberta com um pontapé dado pelo estudante de História Zé Eduardo. A “Casa de Hóspedes” se transformava na “Casa Invadida”. A ocupação foi feita de forma organizada, séria e com muita união dos estudantes. Foram formadas várias comissões, como de *Invasão* (que permanecia o tempo todo na casa) e a de *Apoio* (que trazia comida, material de limpeza, etc). À noite fazia-se rodízio de turmas para vigiar a casa, estavam preparados para a possibilidade de uma ação policial, com o telefone de todas as repúblicas. Caso chegasse, todos os estudantes se concentrariam ali e se fosse preciso prender uma pessoa, deveria prender todos os alunos da UFOP - o que era impossível por falta de espaço na cadeia. Foi um momento de muita emoção, entusiasmo, tensão, agitação, angústia, medo, vontade. Mas o espírito aventureiro falou mais alto. A intenção era “ir até o fim, fosse ele qual fosse”. O importante era lutar para realmente conseguir a nova república. E permaneceu-se assim até o dia que a reitoria retirou os móveis que restavam na casa e entregou a chave, dando a vitória aos estudantes. Surgiu, então, um novo problema (simples se comparado com o primeiro): como distribuir as vagas da nova

república? Havia muita gente precisando de moradia e batalhando pela casa, o que fazer? A maneira mais democrática e imparcial era fazer um sorteio com todas aquelas pessoas - de ambos os sexos e de qualquer curso. E assim foi feito. Foram sorteados 16 nomes, por força do destino, todas mulheres: Andréa (Farmácia), Aurora (Farmácia), Cristina Musseli (Engenharia Civil), Eliana Saralha (Nutrição), Irene Ávila (Nutrição), Izabel (História), Lícia Gonçalves (Letras), Maria Conceição - Sãozinha (Farmácia), Rita Vieira (História), Silene Monari (Farmácia), Sônia Bomtempo (Nutrição), Valéria Silva (História), Vera (Nutrição), Walquíria (Nutrição) e Wanderléia (Nutrição). Por fim, a “Casa Invadida” precisava de um nome. Suas novas moradoras tinham uma lista enorme de opções, que foram sendo eliminados até que restassem apenas dois nomes: “Batalha Viva” e “De Repente”. Mas o nome escolhido foi um terceiro TANTO FAZ, pois “Tanto Faz um, ou outro nome, Tanto Faz uma república ter ou não um nome, Tanto Faz morarem só mulheres ou ser mista, afinal, Tanto Faz”. O mais importante era ter onde morar, onde construir uma república, um lar para estudantes. Hoje a Tanto Faz continua a sua história no seu cotidiano de batalhas, vitórias e persistência a exemplo de sua conquista. Conquista de estudantes para estudantes que foi e é parte da luta pelo direito de ter um ensino público, gratuito e de qualidade. Nesta luta não existe “tanto faz”.

REPÚBLICA TERRITÓRIO XAVANTE (TX): A história da República TX não se faz diferente das demais ao que diz respeito à sua criação e estruturação. Foi no dia 21 de Setembro de 1961 que à Rua da Escadinha nº 31, sete estudantes vindos em sua grande parte do Estado de Mato Grosso, de uma região pantaneira próxima de uma tribo de índios Xavantes, se uniram para o surgimento da República. Logo em seguida, precisamente em 1964, a República Território Xavante se transfere para a Rua das Lages, hoje Conselheiro Quintiliano, nº 294, onde

permanece até os dias de hoje cada vez mais amadurecendo a sua história. De fato, a história se sustentou com o passar dos anos, e o que “Carabina”, vulgo Sebastião Dias do Carmo, “Duvidoso”, Aldo Wany Ribeiro Grossi, “Tororó”, Elmer Prata Salomão, “Tiú”, Idair Alves Brandão, “Hipotenusa”, Agildo Alves Peixoto, “4-Rodas”, Frederico Pereira Laier e “Pombo”, Jorge Salomão Filho fizeram para consolidar a existência da casa, persiste ainda entre os atuais moradores, fortalecendo a identidade dos republicanos. A união já era consagrada e em 1967, com a ajuda do xavante “Pombo”, a República passa a pertencer à matriarca Escola de Minas e se integra de uma vez por todas ao contexto de Ouro Preto.

REPÚBLICA TIGRADA: A Tigrada surgiu inicialmente no Centro de Convergência do Campus Universitário, onde se encontra o alojamento. A TIGRADA se apresenta como uma república consolidada e integrante da história de Ouro Preto. Seu início teve marco no ano de 1977, quando os estudantes invadiram o prédio do Centro de Convergência, inicialmente destinado à moradia de professores e estudantes de pós-graduação. Pode-se citar nesta invasão, entre outros, os Tigres Miguel, Kaxú, Kakão e Geba. Por não estar de acordo com a vontade do reitor da época, muitos foram os problemas enfrentados no início, como a falta de água, de energia elétrica, e uma certa resistência por parte da reitoria, que não aprovava a sua permanência no prédio. Só mesmo necessidade e garra para lutar contra a reitoria e continuar morando no Centro de Convergência. Desde o início tiveram que buscar meios custosos para se manter. Para suprir a falta de energia elétrica, ligações clandestinas foram efetuadas e o abastecimento de água era feito mensalmente através de caminhões-pipa. Conquistado em definitivo o espaço, os primeiros moradores do alojamento começaram a se organizar de forma curiosa. Havia um pessoal que adorava uma cachoeira, acampamentos e “viagens

psicodélicas”- eram os Barões. Havia aqueles mais ligados ao evangelho, mais conhecidos como Crentes. Mas foram o futebol, a cachaça e o CAEM os ingredientes que colaboraram para a união dos personagens principais desta história - os TIGRES. Com o mesmo espírito de aventura, de farra, sagacidade e amizade, se uniram para dar início a mais uma república estudantil de Ouro Preto. Ocupando inicialmente a ala 7 e outros quartos espalhados pelas demais alas do alojamento, aos poucos os Tigres foram conquistando novos espaços até se concentrarem também nas alas 5 e 6. Com o tempo percebeu-se a necessidade de se ter um espaço comum para diversos eventos como reuniões, festas, etc. E o aproveitamento deste espaço para abrigar a galeria dos ex-alunos. Então foi criado na ala 6 um quarto com TV, som e fone. Foi o ponto de encontro dos Tigres, onde aconteciam as festas, o carteado e contavam-se as velhas histórias. Na atual gestão da reitoria da UFOP, a Tigrada obteve uma casa junto às demais repúblicas do Campus do Morro do Cruzeiro.

REPÚBLICA TOKA: No ano de 1972 algumas jovens estudantes de Farmácia (Beatriz, Beatriz Soares, Magda, Marisa, Ana Rita, Maria Aparecida e Eli) decidem montar uma república, alugando uma casa com recursos próprios. Surgia, então, aquela que tinha o apelido de “Maraquinha”, por ser vizinha à República Maracangalha. Dois anos depois, muda-se para a rua vereador José Leandro, nº 44, onde permaneceu até dezembro de 1997. E foi nessa casa que a república adotou o nome de “Toka”, pela difícil visualização da entrada, que ficava nessa mesma rua e as janelas dos quartos estavam voltadas para a rua do Paraná. São peculiaridades de Ouro Preto. A princípio as repúblicas femininas não adotavam o uso da “plaquinha” com o nome, pois denegria a imagem de suas moradoras. Quando a primeira federal adotou esse método, a Toka também colocou, porém, logo em seguida teve que se tirar, pois a casa ficava

próxima a um bordel e, na saída de seus usuários havia uma perturbação da parte deles, pois não sabiam de que se tratava de uma república de estudantes.

REPÚBLICA UNIDOS POR ACASO (UPA): Em 1982, após diversas manifestações foram criadas novas repúblicas, estas, agora, situadas no Campus Universitário. Para a ocupação delas foi realizado um sorteio entre os estudantes interessados. Alguns moradores, da então recém-criada Xequê-Mate, optaram pela moradia no Campus. Entretanto, estes não ocupariam todas as vagas de uma das casas, o que permitiu a vinda, também, de quatro moradores da República Revertério, sendo todos do curso de Farmácia. Ocorreu, desta forma, o encontro de dois grupos bem diferentes quanto aos seus estilos de vida, o que, de certa forma, explica o nome “Unidos Por Acaso - UPA”. Surgiu, desde então, um verdadeiro “Espírito de República” na UPA, que se consolidou, ainda mais, com a vinda, alguns anos depois, de D. Tereza. Ela com certeza é uma pessoa muito importante para todos que por ali passaram. É uma espécie de segunda mãe.

REPÚBLICA VATICANO: Depois da formatura de Geraldo Parreiras e Targino Pereira da Costa, em 1932, e logo depois, a de Fernando Porto e Henrique Mayall, a República Ocajaras já não podia continuar, pois o aluguel nas Lages era caríssimo e os irmãos Augusto e Eduardo Mayall optaram em alugar uma casa no Caminho Novo, para onde levaram todos os pertences da antiga República. Para quem não conhece o “Caminho Novo” era a “Zona” boêmia de Ouro Preto. Mesmo com todas as maledicências, os irmãos Mayall não temiam, pois acreditavam que sua casa seria como uma rosa desabrochando entre os espinhos. Sabendo da existência de uma República onde as despesas seriam menores devido ao aluguel mais barato, os amigos Eudes Prado Lopes (mineiro de Belo Horizonte), Vitor Dequech (paranaense) e Murilo de Andrade Abreu (mineiro de

Juiz de Fora) se juntaram aos Mayall, mas não demorou muito para os seis estudantes da EMOP perceberem que o que chamavam de “decantadas virtudes” estavam se tornando viciadas e resolveram mudar para um endereço mais perto da Escola de Minas. Foi então na Rua: Nova (também conhecida como Henri Gorceix) número 7, que no frio de Abril (em Ouro Preto) de 1935, estes estudantes se estabeleceram na nova casa em plena Semana Santa. Precisavam agora de um nome para a República. As opiniões se dividiram entre Vaticano e Kremlin. Depois de vários dias de discussão, chegaram a um consenso: o nome seria República Vaticano. O próprio *Papa* eleito, Murilo Abreu justificou a decisão dizendo que o espírito piedoso dos republicanos havia prevalecido sobre o materialismo. Como já era de costume usar um emblema na porta, os republicanos não demoraram muito para criar um. Houve o palpite de todos, mais a idéia que lhes pareciam mais aceitável foi a do Vitor Dequech, que se inspirou nos versos de *A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, muito em voga e polêmico na época. Apesar de ser um “pouco” arrojado, pintaram sobre uma antiga caixa de descarga de privada, de ferro fundido várias alegorias inspiradas nas ilustrações do livro de Junqueiro, onde é mostrado no centro o Padre Eterno ou Papão, sustentando um globo e apontando para os céus com o dedo do destino. A República Vaticano está situada na Rua das Mercês, número 198, na conhecida Vila dos Tigres.

REPÚBLICA VERDES MARES: Em 15 de maio 1943 a república foi fundada por um grupo de estudantes cearenses: José Amaury de Aragão Araújo, José Lins de Albuquerque, José Penha Cisne, José Lourenço Mont`Alverne, Raimundo Lins de Albuquerque e Francisco das Chagas Pinto Coelho. A República Verdes Mares teve como primeiro endereço a Praça Antônio Dias. O nome da República foi inspirado em torno das praias de Fortaleza recebendo o nome de Verdes Mares. Em 1944, a

república foi transferida para a Praça Tiradentes, 19. Em 1947, a república voltou a mudar de endereço, passando a instalar-se na Rua Xavier da Veiga, 8. Em 1950, novamente a república voltou a mudar de endereço, e agora por mais duas vezes: Rua Antônio Dias e depois Rua do Ouvidor, 18. Em 1952, a partir desse ano a Casa do Estudante de Ouro Preto constrói na Praça Juvenal Santos, 34 (Pilar) a casa em que está instalada até hoje. Em 1957, formaram-se os estudantes: Helder Parente Prudente, João Geraldo P. Evangelista e Manoel Moacélio de A. Mendes, que juntamente com outros quatro alunos da EMOP foram chamados de “Os Sete Samurais”, quando foram fazer especialização no Japão para finalmente voltar ao Brasil e comandar grandes empresas do setor industrial.

REPÚBLICA VIRA SAIA: Como personagens ativos do contexto conturbado do início dos anos 1980, duas repúblicas com necessidades e objetivos comuns unem-se no início de um grande projeto. As repúblicas Seminário e Vira Saia, oriundas do bairro Santa Efigênia, localizadas no beco do Vira Saia, vêm para formar a primeira geração dos Canalhas que eternamente habitarão a casa 4D do Campus Universitário do Morro do Cruzeiro. No alvorecer da história virassaiana, muitas dificuldades tiveram que ser superadas, o entrosamento dos moradores de ambas repúblicas, a estruturação do espaço físico da casa e a mais séria e difícil tarefa do sistema de moradia de república: a formação de um grupo de moradores com o conseqüente processo de escolha. Em meados dos anos 1980, com um grupo já caracterizado e passadas as primeiras dificuldades, a Vira Saia vive sob um regime de normas consensuais, democráticas e não hierárquicas; fundamentos básicos passados a todos os que venham a serem moradores. Espera-se sempre dos atuais e futuros moradores o compromisso com a alegria de morar nesta casa. Todos imbuídos da mesma certeza que um dia moveu um cidadão que trabalhava nas casas

de fundição cujo nome era Antônio Francisco Alves, o Vira Saia. Conhecido como o Robin Hood de Vila Rica, Vira Saia sempre avisava aos habitantes de Vila Rica o destino do próximo carregamento de ouro pronto para sair, virando um santo que ficava na sua janela na direção a ser tomada pela diligência. Durante muitos anos ele e seu bando retomaram o ouro que se destinaria à Coroa Portuguesa, dividindo entre a população pobre de Vila Rica, acreditando que assim o mundo de seus irmãos que ao seu lado moravam seria melhor. Descoberto foi preso, torturado e esquartejado, porém hoje ele renasce no pensamento dos virassaianos, na certeza de que a formação de verdadeiros seres humanos é a melhor alternativa para tornar esse mundo cada vez melhor.

REPÚBLICA VIRADA PRA LUA: O ano de 1991 foi decisivo para a moradia feminina na UFOP. O ingresso na Universidade Federal de Ouro Preto foi durante muito tempo privilégio quase que exclusivo dos homens; com o tempo este quadro foi mudando, fato este ignorado pelas autoridades universitárias, e no primeiro semestre de 1991 sobravam vagas nas repúblicas masculinas e faltavam vagas e repúblicas femininas. Num encontro entre um militante universitário, o Lula, e três estudantes, Karla, Alessandra e Anne, durante a invasão do IAC, surgiu a idéia de se criar uma Comissão de Moradia Feminina. Tal Comissão espalhou faixas pela universidade convocando as universitárias “sem teto” a se organizarem para negociar com o reitor a liberação de uma das casas da UFOP, que se encontravam ociosas. No dia 19 de abril de 1991, um grupo de nove universitárias mudaram para a nova casa que haviam conseguido junto à universidade. Eram seis calouras e duas veteranas. Havia conseguido a casa e agora faltava o nome, o fogão, a geladeira, a TV, etc. Então, fizeram uma festa no antigo Shangrillá para arrecadar fundos e quem sugerisse o melhor nome para a nova república ganharia um

jantar num restaurante da cidade. O nome vencedor foi Atrás da Lua; mas, pensando bem, passando no vestibular, numa universidade federal, em Ouro Preto e conquistando uma casa linda para morar, o que se percebia é que as moradoras eram mesmo VIRADAS PRA LUA. A Sheila fez um quadro de avisos e pregou uma lua, a Anne encontrou uma foto no jornal de uma apresentadora numa posição “bem virada” e pregou bem embaixo da lua; o que mais tarde veio originar a nossa placa de madeira, presente de um amigo da república.

REPÚBLICA VOLKANA: A República Volkana surgiu em meados de outubro de 1992 quando algumas moradoras da república Doce Veneno, por conta de um desentendimento, decidiram sair da antiga república e montar uma nova casa no bairro Antonio Dias. É uma república feminina que abriga estudantes da UFOP. A batalha de vagas é aceita até o 4º período do curso do “bixo”. A data oficial de fundação da Volkana é 01 de maio de 1993, data em que a república mudou sua sede para um novo endereço, desta vez no bairro Água Limpa, onde permaneceu durante 10 anos. Nesta data também surgiu o nome Volkana. Este é o nome de uma flor que nasce em detritos, e para as fundadoras que são: Lilian P. Soares Galdino, Lilia Maria de Oliveira, Luciane Bresciani, Mônica Ribeiro Serra e Fernanda Gama, representava a esperança diante das dificuldades. O sistema de admissão na casa é parecido com o que está ativo até hoje. A república tem um estatuto que é lido para as calouras (bixos) já na primeira reunião e deve ser seguido por todas, sempre. No carnaval de 93, a então moradora, Luciane Bresciani se disponibilizou a receber, sozinha, um grupo de turistas durante este período de festividades. Com os fundos arrecadados durante o evento a república comprou seu primeiro fogão. De lá pra cá, as hospedagens em eventos como o carnaval, 12, eventos científicos e etc foram de muita valia para que a república conquistasse o patrimônio existente hoje.

REPÚBLICA VOLÚPIA: A república Volúpia foi fundada em 16 de agosto de 2000, no morro do Cruzeiro. Desde o início de sua fundação as três meninas (Alessandra, Pâmela e Karabina) já sonhavam em transformar o ambiente de estudantes em uma família. Cada moradora com sua personalidade, seu estilo e sua atitude foi aos poucos dando um perfil à esta nova família e registrando uma marca em Ouro Preto. Não foi fácil ... No início sobrava sonhos e vontade de fazer mas faltava dinheiro. Aos pouquinhos a moradora Pâmela foi convencendo a todas que deveríamos nos mudar para o centro histórico, pois assim, teríamos condições de receber turistas e com todo o dinheiro arrecadado conseguiríamos montar a estrutura que faltava a nossa república! O amor pela família Volúpia era tão forte e presente entre nós que com o primeiro dinheiro arrecado não foi investido no conforto da casa, mas sim no nosso sonho! Compramos para a nossa casa uma bandeira, ou melhor, uma das maiores bandeiras de Ouro Preto. Desta forma, todo o tamanho do nosso orgulho pela Volúpia estava representado nas dimensões daquela bandeira! Com o passar do tempo, muitas dificuldades foram surgindo, mas o sonho de tornar a família Volúpia em uma casa de moradoras educadas sob a filosofia tradicional ouropretana foi muito maior e capaz de superar todos os obstáculos! Todos! Hoje a nossa família permanece VIVA e DIVINA! Nós aprendemos que sonhar não é fantasiar, que as dificuldades engrandecem e o que o nosso valor está na força de sermos uma família. O sonho não pode parar jamais!

REPÚBLICA XAMEGO: A República Xamego foi fundada em 07 de abril de 1977. Suas fundadoras foram: Mariângela, Mary Moreno, Eliana, Cyntia, Rosângela e Heloísa. A primeira casa foi no Pilar, na Rua Clodomiro de Oliveira, nº 74. As fundadoras já residiam em Ouro Preto quando resolveram fundar a Xamego. O nome foi escolhido após decorrido um certo tempo

de convivência. Na década de oitenta a Xamego era sinônimo de luta estudantil, as Xameguetes participaram ativamente dos debates sobre a desativação do REMOP, o passe livre para os estudantes e outros assuntos mais, que foram motivos para que um período inteiro fosse perdido, devido ao impasse nas negociações entre a reitoria e universitários. Quanto ao movimento Diretas-Já, enquanto Maluf e Tancredo travavam a disputa eleitoral, em plena Praça Tiradentes, as meninas da Xamego criaram a alegoria Diretas e Retas para o famoso Carnaval Ouropretano. O rol de amigos da Xamego sempre foi extenso, além das amizades com diversas repúblicas, incluía-se nele também a amizade do fantasma Saturno que, além de brincalhão, fornecia previsões sobre o futuro das moradoras, bem como o rato Godofredo, que costumava passear pelo cano do chuveiro nas altas horas da madrugada, e o sapo Sebastião, que insistia em assustá-las sempre que voltavam do CAEM. Por ser uma República particular, a Xamego enfrentou sérios problemas de moradia, já esteve em vários lugares. No dia 10 de março de 1984 a Xamego, com ajuda da caminhonete da UFOP, foi para uma segunda casa, no Largo Musicista J. A. Costa, número 2.

REPÚBLICA XEQUE-MATE: A República Xeque-Mate foi fundada em março de 1981, porém, essa data só foi descoberta de fato em 1999, tendo sido utilizada a data de 19 de abril de 1982 (primeira informação documentada), por muito tempo, como a data de fundação e por conveniência esta ficou estabelecida como data comemorativa da fundação. Os fundadores da República foram Renzo Vieira Lessa, conhecido como “Mequinho”, Carlos Ângelo Nunes, conhecido como “Jacaré” e Benedito Silvestre Coura Filho, conhecido como “Bené”. A República inicialmente foi fundada com o nome “República Socialista Xeque-Mate”, cujo nome foi dado pelo fundador Renzo pelo fato de na ocasião ter sido campeão

brasileiro e bi-campeão mineiro de xadrez. Com o decorrer do tempo a República passou a se chamar apenas “Xeque-Mate”. Renzo, já como xequemateano, foi campeão do 1º torneio de xadrez “cidade do aleijadinho” e campeão brasileiro universitário por equipe em 1983. A República foi fundada na rua Prof. Antônio de Paula Ribas nº161, bairro Água Limpa. Em 1982, alguns integrantes da Xeque-Mate participaram da fundação da República Unidos por Acaso (UPA), mas logo em seguida retornaram à Xeque-Mate.

TERCEIRA PARTE

AS REPÚBLICAS DESDE OS ANOS 1920: DEPOIMENTOS E MEMÓRIAS

Estudar em Ouro Preto nos anos 1920: a conquista de um ideal maior

Antônio Moreira Calaes - Ex-morador da República Madame Satan

Meu nome completo é Antônio Moreira Calaes. Nasci no dia dois de abril de 1911, na cidade de Juiz de Fora. E cheguei em Ouro Preto no dia 20 de janeiro de 1928.

Ir estudar em Ouro Preto naquela época significava a conquista de um ideal maior: estudar para adquirir competência em benefício da Nação. E lutamos, quando estudantes, contra a efetivação das cátedras universitárias de Professores não-concursados. Tais Professores, sem exceção, vieram a se submeter aos respectivos concursos. E todos foram aprovados, porque eram realmente competentes.

Na década de 1930 a 1950, a Escola de Minas se destacava no cenário nacional pela excelência de seus cursos, notadamente nas áreas da Matemática, Ciências Naturais, Geologia e Metalurgia.

A Escola de Minas tinha então poucos alunos, cerca de cento e dez, o que permitia maior aplicação de Professores e alunos. Não obstante, ocorria certos casos anômalos, como o de alunos que levavam de dez a onze anos para se diplomarem em um curso com a duração de seis anos.

Tínhamos também um Diretório Acadêmico atuante e responsável que sofreu muita represália, principalmente por parte da Diretoria da época. Portou-se galhardamente. Entendia que seu papel de representação responsável seria o ideal, embora na relação entre o Diretório Acadêmico e a direção da Escola de Minas tivesse muita discordância e represálias.

Com muita dedicação e apoio da sociedade ouro-pretana conseguimos fazer renascer o Centro Acadêmico de Ouro Preto, notadamente através da conquista de uma sede própria. Pois que ele, sobretudo, por falta de uma sede própria estava a extinguir-se, inexoravelmente.

Modestamente destacamos aqui a nossa laboriosa participação nesse episódio de reerguimento, no exercício da Presidência do Centro Acadêmico de Ouro Preto, por dois mandatos anuais sucessivos, quando, tradicionalmente, a sua Diretoria era renovada anualmente. Com a criação (por força de lei) das Diretorias Acadêmicas da Escola de Minas e da Escola de Farmácia de Ouro Preto, a presença e atuação do Centro Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto junto à Sociedade ouro-pretana mais se realçaram.

Quanto à vida em república no meu período de estudante posso dizer que era uma maravilha, dada o espírito de liberdade e camaradagem então reinantes, ressalvados alguns excessos. Creio que havia, realmente, alguma semelhança com as Repúblicas da cidade de Coimbra, antiga cidade portuguesa.

Vale aqui recordar um episódio. Por volta de 1960 a Escola de Minas foi visitada por uma comitiva de alunos de uma das Faculdades da Universidade de Coimbra. Eles se apresentaram devidamente uniformizados, com boinas e tudo mais. Foram

recebidos pelos alunos da Escola de Minas de forma jovial. À falta de um uniforme oficial, os nossos recepcionistas portavam, galhardamente, lindos lençóis brancos!

Morei em república durante quatro anos (nos dois primeiros do meu curso morei em pensão). Ela foi fundada em 1931. Ela não mais existe. Chamava-se Madame Satan, que é uma denominação bizarra a exigir justificativa. Quando de sua fundação estávamos a procura de uma denominação para designá-la, como tradicionalmente se fazia. Então um dos nossos "republicanos" alvitrou que consultássemos a própria sociedade, o que então foi feito mediante consulta epistolar junto às moças da cidade. Pois sucedeu que uma dessa moças se contactou conosco com muita espiritualidade e se identificou: "Madame Satan". Daí a denominação preferida, embora inadequada.

Lembro-me dos nomes de algumas repúblicas do meu tempo de estudante, mas creio impossível relacioná-las todas de memória. Assinalo algumas: Madame Satan, Dos Lindos, Dos Nobres, Bagaceira, Verdes Mares, Do Soviete, Sparta, Vaticano, Pif-Paf, Consulado, Arca de Noé, Cemitério e tantas outras.

A Fundação da Aquarius: um caso de ocupação

Antônio Moreira Campolina - Ex-morador da República
Aquarius

Em 1968, em pleno regime militar, o então Ministro da Educação Jarbas Passarinho aumentou por decreto em 50% as vagas nas Universidades federais. Foi natural, portanto, a dificuldade de moradia dos estudantes que chegaram nos anos seguintes, de 1969 e 1970. As repúblicas da Escola de Minas e as repúblicas particulares encontravam-se então abarrotadas. Os dirigentes da Escola de Minas, representados pelo seu Diretor, o Professor Antônio Pinheiro Filho, tentavam de todas as formas criar mais vagas nas repúblicas e até construir novas repúblicas. Desta forma, na Rua Paraná, 26, uma casa considerada de grande

porte se encontrava em ampliação e reforma para ser a maior república de Ouro Preto.

O momento era de “calmaria” na vigência do AI-5, após o episódio do seqüestro do embaixador norte-americano e da libertação para o exílio de presos políticos negociados naquele episódio, tais presos foram mandados para a Argélia, razão por que os “gozadores eméritos” da época queriam apelidar a República de Argélia, pois de uma certa forma para lá foram alunos da escola que por excesso de concorrência não conseguiram vagas em outras repúblicas. A ocupação da casa se deu antes mesmo de completar a construção, a casa ainda se encontrava na fase de reboco e ante a ameaça de invasão e por insistência e necessidade absoluta de alguns alunos, o senhor Diretor, cansado do “xororo” de alguns mais necessitados autorizou a ocupação precária do prédio, isto no mês de fevereiro de 1970. Foram então pela ordem de ocupação: Evandro Bomtempo, Roberto Brandão, Botiô, Campolina e Teófilo (que aí começaram juntos e ainda estão juntos até hoje, só que em casas diferentes), Norival, Luiz Romano Russo, Quinquinha, José Wilson, Pinga, até completar trinta felizes e necessitados republicanos, todos com uma vontade imensa de conviver, criar um ambiente propício, fazer a história. E assim se deu, primeiramente por que o nome pejorativo da época de “Argélia” (lugar de deportados, rejeitados) foi substituído pelo que havia de mais empolgante na época, todos falavam e pensavam na Era de AQUARIUS.

Portanto, a República nasceu para o futuro. Enganaram aqueles que não acreditavam que pudesse ser viável uma república tão grande, sem os métodos tradicionais de seleção de seus moradores, formada por pessoas das mais diferentes origens, onde o critério protecionista, de conhecimentos passados, de apresentação de um e de outro, não prevaleceu e não foi adotado na ocupação daquela casa. Uma coisa porém foi relevante: todos queriam estabelecer um nível mais feliz de

relacionamento, a República então surgiu como uma casa aberta, alegre sem nenhuma herança cultural, a não ser a rica vivência que cada um dos republicanos trazia dos mais longínquos rincões das Minas Gerais, e deste Brasil imenso.

Foi assim então que nos diversos lances de criatividade poético/musical que Teófilo José Fernandes (Tiufim), o único violeiro de Ouro Preto da época e capaz de fazer sombra ao então astro que despontava, o poeta e compositor João Bosco, já parceiro de Aldir Blanci, compôs o que poderia ser chamado de primeiro hino da República:

“ Ah, Ah, Ah....Ah, aqui, iiiiii.

Sempre há lugar

República melhor não há

Já contamos com bom batalhão

Índio, escoteiro e malões.

A verdade sempre é está: Nesta casa tudo é festa

Sou do Norte...sou do Sul....sou do Leste...sou do Oeste

Sou brasileiro.

Fui artista-vendedor fui lojista-comprador

Já trabalhei o ano inteiro

E hoje estou a me formar

Adeus Escola de Minas

Adeus meninas

Paisagem De Ouro Preto

Fernando Brant - Compositor

Da janela lateral do quarto de dormir

Vejo uma igreja, um sinal de glória

Vejo um muro branco e o vôo pássaro

Vejo uma grade, um velho sinal.

Estas palavras de “Paisagem da janela”, canção que fiz em parceria com Lô Borges, não foram escritas em algumas das repúblicas de Ouro Preto, mas poderiam ter sido. Pelo tema e por nossa presença constante na cidade no tempo em que a fizemos. Eram os primeiros festivais de inverno enchendo as ruas de Ouro Preto de criatividade e juventude. Ali conheci e convivi com pessoas importantes para a minha vida. Ali dei meus primeiros passos como repórter da revista “O CRUZEIRO”, cobrindo com emoção e prazer os meses de julho da velha Vila Rica, as igrejas cheias de tradição e História recebendo, com o frio da noite e o sol das manhãs, a alegria dos jovens que vinham de todo o país respirar liberdade e arte. O passado das ladeiras e casas e o presente das repúblicas eternizam, em Ouro Preto, os sonhos maiores dos homens.

Alferes¹

João Bosco (compositor e ex-Aluno da República Sinagoga e Aldir Blanc (cantor e compositor)

Alferes, Vila Rica em sombras
Espera pelo batizado,
E a derrama pesa sobre as lajes e a procissão.
Vila Rica reza rente aos muros da guarnição.
O por do sol apagou os sinos:
Dez vidas dar.
Ai Marília, as liras e o amor
Ninguém consegue enforcar
E a mesma voz virá
De muito além do desterro e do sal,

¹ Essa foi a música composta em 1972, quando era ainda estudante na Escola de Minas e morador da República Sinagoga, que foi gravada no disco ‘João Bosco’ da RCA Victor em 1973” (João Bosco):

Mais do que foi.
Alferes, Ouro Preto em sombras
Espera pelo batizado,
Ainda que tarde sobre a morte do sonhador
Ainda que tarde sobre as bocas do traidor.
Raios de sol brilharão nos sinos:
Dez vias dar;
Ai Marília, as liras e o amor
Não posso mais sufocar
E a minha voz irá
Pra muito além do desterro e do sal,
Maior que a voz do rei.

Nasce a Pulgatório - o mundo que se cuide!

José César Caiafa Junior - Ex-morador da República Pulgatório

Da iniciação da república

Toda república precisa ter uma personalidade, isto é, uma característica que a torna diferente das demais e por isto a torna querida e desejada, justamente por aqueles que se identificam com esta característica. Assim é que, quando o estudante se identificava com o futebol, sua primeira opção era a Pif-Paf, quando a identificação era com a zorra, a opção era a Pureza. A Pulgatório não levava a qualquer referência específica - a república não tinha uma personalidade definida. A primeira tentativa de se dar uma personalidade à república aconteceu em 21 de abril de 1969.

Naquela época as repúblicas mais tradicionais já tinham seus nomes divulgados em diversos locais do Brasil: eram pessoas que já haviam estado em Ouro Preto, haviam gostado da cidade e também da hospitalidade da república em que estiveram. Esta

hospitalidade era divulgada em seus meios sociais e não poucas vezes acabava fazendo com que aquelas pessoas retornassem a Ouro Preto com parentes, amigos e até mesmo excursões, para se hospedarem em uma república que mal podia acolher aos seus moradores. Se, em algumas repúblicas mais antigas sobravam interessados, na Pulgatório sobrava espaço. Naquele 21 de abril a Necrotério estava para receber uma turma de garotas de Muriaé. Não havia espaço suficiente para alojá-las, o jeito foi verificar se algumas poderiam ficar na Pulgatório. É óbvio que aceitamos! E assim a Pulgatório recebeu o seu primeiro

Como é de praxe, nos dias 21 de abril, a capital do Brasil é transferida simbolicamente para Ouro Preto, para lembrar a Inconfidência Mineira. Em 1969, o país passava por um dos períodos mais turbulentos de sua vida política. A capital foi transferida simbolicamente para Ouro Preto, mas a quantidade de policiais e militares que apareceu na cidade naqueles dias não tinha nada de simbólico. Chegou um grande carregamento de mulheres para se hospedar na república. Ao todo eram dezesseis: quinze meninas, sendo que a mais velha deveria ter no máximo dez anos e a vovozinha de uma delas, que era a responsável pela integridade física e sexual do grupo.

Como uma das meninas era sobrinha (ou sobrinha-neta, não sabemos ao certo) do vice-governador do estado (Pio Canedo), a Pulgatório não foi invadido pela polícia, a exemplo de outras repúblicas, mas ficou muito bem vigiada. Pela frente e pelos fundos. Em alguns momentos houve até a necessidade dos republicanos mostrarem os seus documentos pessoais para poderem entrar em sua própria casa. Para tornar o ambiente melhor ainda, a vovozinha decidiu “por ordem” na república, protestando contra o hábito dos republicanos beberem cachaça, o que para ela era um absurdo e um desrespeito total.

Domingo, 20 de abril de 1969, duas horas da tarde, já devidamente calibrados por doses maciças de cachaça, Claudim Putero, Zé Maria Ramos e Caiafa, sozinhos na república, faziam

uma serenata para si mesmos e discutiam as “deliberações” da vovozinha. À discussão seguiu-se a indignação. Neste momento bateram à porta. Claudim continuou tocando o seu violão(coisa que ele viria a aprender a fazer efetivamente uns quatro anos depois), Zé Maria foi atender. Abriu a porta. Eram duas das meninas - talvez a mais velha tivesse uns nove anos. Assim que entraram, Zé Maria fechou a porta e gritou: “cerca lá !” As meninas subiram as escadas correndo, uma vez que estavam alojadas no andar superior da casa. Ninguém foi atrás das meninas e a serenata voltou a rolar, agora sim com muito mais humor e gargalhada. Pouco depois bateram à porta novamente. Do lado de fora havia uma multidão composta de moradores da Pulgatório, da Necrotério, polícia e sabe-se lá mais o quê. O mínimo que se pretendia era o linchamento dos estupradores. A discussão foi áspera, mas por fim entendeu-se que o estupro nada mais era do que uma versão fantasiosa da vovozinha para justificar ou fortalecer os seus argumentos, as meninas sequer foram tocadas.

História e Memória das Moradias estudantis do Campus do Morro do Cruzeiro da UFOP: Breve relato sobre a fundação da República Arte & Manha

Duarte M. Barbalho - Ex-morador da República & Manha

Esse texto foi escrito com o objetivo de fornecer algumas informações e dados sobre as origens da formação da República Arte & Manha, da qual, como um dos seus primeiros moradores e fundadores, tive a oportunidade de vivenciar.

Tentei focar aqui também aqueles anos iniciais da vida nas repúblicas recém-inauguradas do campus do Morro do Cruzeiro da UFOP, contribuindo, dessa maneira, para o resgate da memória de algumas experiências vividas por aquela geração de

estudantes, nos efervescentes e politizados anos, do início da década de 1980, do século passado.

O contexto histórico era o do final do Regime Militar com a reorganização da sociedade civil, processo que desembocou na redemocratização do país. As lutas políticas nacionais (e mesmo internacionais) faziam parte do cotidiano e da vida estudantil, despertando paixões, debates e manifestações bastante concorridas na velha urbe setecentista.

Um aspecto que mobilizava bastante o movimento estudantil eram as transformações por que a própria UFOP estava atravessando com a consolidação do Campus do Morro do Cruzeiro, através da inauguração do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB) e do Restaurante Universitário (RU), bem como com a inauguração das primeiras repúblicas (Quarto Crescente, Convento, Unidos Por Acaso, Bastilha, Doce Mistura, Pasárgada, Covil dos Gênios, Koxixo, Senzala e Peripatus).

Foi também o contexto da implantação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) em um campus na cidade de Mariana, onde funcionavam os cursos de História e Letras.

Em 1982 aconteceu a entrega para o Movimento Estudantil, a fim de serem preenchidas, as primeiras repúblicas do campus citadas acima. Muitas delas foram formadas a partir da junção de duas ou mais repúblicas particulares do centro histórico e outras já eram repúblicas consolidadas, mantendo inclusive a tradição de só aceitarem alunos do curso de engenharia. Mas a maioria optou por uma diversificação de alunos de vários cursos na composição da república.

As primeiras repúblicas foram inauguradas no primeiro semestre de 1982 (daí porque a maioria optou por comemorar o aniversário de fundação no feriado de 21 de Abril). Iriam ser entregues pela UFOP outras quatro casas, correspondentes à ala 4 do bloco de repúblicas, no segundo semestre de 1982. Essas são atualmente a Lumiar, a Arte & Manha, a Palmares e a Vira Saia.

Embora, àquela época, Ouro Preto contasse com um grande número de repúblicas, a UFOP tinha poucos cursos. Mesmo assim, os estudantes recém-aprovados nos vestibulares sempre sofriam muito com a questão de falta de moradia estudantil.

Dois problemas novos surgiram: primeiro, o fato de os períodos básicos dos Cursos de Exatas e Biomédicas terem sido transferidos para o campus; segundo, os ‘bixos’ da área de Humanas ficariam isolados no campus de Mariana sem nenhuma infra-estrutura.

Porém, o que mais incomodava o movimento estudantil da década de 1980 era a tradição oitocentista da rivalidade entre os estudantes da Escola de Minas e os da Escola de Farmácia. Existia discriminação e humilhação muito grande para com os alunos recém-ingressados na UFOP, com trotes exagerados e costumes de hierarquização do meio estudantil. Daí o porquê da opção de muitos alunos que estavam nos períodos iniciais e dos ‘bixos’ de procurarem abrigo nas novas repúblicas recém-criadas no Campus - no intuito de criar ali um ambiente universitário e estudantil menos hostil, sem as tradições arraigadas das repúblicas do centro histórico. Muitas das novas repúblicas optaram pela diversificação de alunos de vários cursos na sua composição.

Outra discriminação que acontecia era relativa aos estudantes do ICHS, pois, na concepção de alguns estudantes da EMOP e da Escola de Farmácia, esses deveriam residir em Mariana e não em Ouro Preto. Muitos dos estudantes do ICHS não concordavam com essa solução, pois isso só contribuía e reforçava ainda mais a “guetarização” da UFOP, impedindo a consolidação de um espírito universitário entre os estudantes.

Para a ocupação das quatro novas casa da ala 4 que estavam sendo construídas, foi criada uma comissão integrada por futuros moradores da A&M: Duarte de Magalhães Barbalho, Carlos Magno de Araújo, José Donizete e outros interessados. Essa

nova comissão ficava no hall do REMOP, colhendo os nomes dos estudantes interessados em ocupar as novas moradias.

Ao final do processo de coleta de pretendentes a ocupar as novas moradias, não foi suficiente o número de interessados em ocupar todas as vagas. Sobrou uma das casas, que atualmente é a República Palmares (Casa 4-C). A Comissão de Moradia e as entidades estudantis decidiram que essas vagas seriam preenchidas por calouros ('bixos') a serem aprovados no próximo vestibular do segundo semestre de 1982. Com a formação da Palmares, surgiu, pela primeira vez, a idéia de se formar uma República Federal Mista: com dez vagas para calouros e dez vagas para calouras.

Através de sorteio a República Arte & Manha (que nos seus nomes originais estavam Cabaré Barroco, Ítaca e Arte & Manha, sendo o terceiro nome o mais votado pelos primeiros moradores) ocuparia a casa 4-B. A composição de seus membros era a mais diversificada possível visto que, à época da sua fundação, só não havia aluno do curso de Nutrição. Quase todos que ali aportaram para criar a nova república tinham alguma história de rejeição ou discriminação nos seus primeiros semestres na UFOP e sentiam certa aversão pelo modelo defendido das repúblicas tradicionais.

Dessa forma, a História da Arte & Manha, desde o início, teve a marca de tentar ser diferente, tanto na composição heterogênea de seus moradores, como também o de não querer dar continuidade a tradições que não correspondiam com o espírito universitário. Cito, como exemplo, o fato de abolir trotes humilhantes nos 'bixos' como a prática do 'vento', o corte de cabelo ou os serviços para o conforto dos estudantes veteranos (que, na época, eram chamados de 'doutores'). Além disso, exemplificam isso a inexistência de regras fixas muito rígidas ou de estatutos sobre as relações internas da república. O que se pretendia àquela época era criar um estilo de vida diferente para a casa, em que deveria prevalecer o princípio de que cada geração estabeleceria a forma de como levar uma vida

em comunidade. Pois novos valores iriam surgir com as novas gerações.

A escolha dos novos moradores não era um ritual muito pesado nem prolongado, a chamada ‘batalha do bixo’. E o que prevalecia era a votação dos moradores por maioria simples. O veto à entrada de novos moradores para a comunidade deveria ser muito bem justificado pelos veteranos e haver, no mínimo, duas ou três pessoas contrárias, para evitar rixa pessoal (principalmente de curso); na escolha, não poderia ocorrer discriminação em relação a sexo, cor, religião e curso.

Também eram aceitos, como moradores, gringos, estudantes de outros países da América Latina (havia entre os primeiros moradores três bolivianos e um paraguaio), que também eram discriminados no contexto das repúblicas tradicionais.

Mas o fato que mais diferenciou a Arte & Manha foi a de ter se transformado em uma República mista de sexo com a escolha das primeiras moradoras - Lara e Claudía -, estudantes do curso de História, em 1986. Este foi um fato que aconteceu até por acaso. Antes dessas duas moradoras, já tinham morado na casa, em uma situação provisória, duas meninas da Palmares, a Madalena e a Marilda.

Apesar de algum morador da época ter ficado preocupado com a fama negativa que a república poderia ter no contexto ufopiano (uma ‘república de viados’ - pois, nessa época, não se utilizava a expressão gay para designar as relações homoafetivas, contra as quais a discriminação era muito mais forte)

Mas, no final das contas, vivermos juntos na mesma casa, homens mulheres, gays ou não, só contribuiu para se construir um estilo de república mais fraterna, sensível aos problemas de seus moradores e a outras questões sociais e políticas no meio universitário da UFOP.

A Fundação da Tanto Faz: um caso de ocupação recente em Ouro Preto

Lícia Barros Gonçalves - Ex-Moradora da República Tanto Faz

A Tanto Faz é o resultado de uma batalha que uniu os estudantes em torno de um objetivo. Foi uma luta e uma conquista de todos os estudantes, pois se não fosse a força da nossa união, com certeza esta república não existiria hoje.

A “invasão” da casa onde atualmente é a república Tanto Faz ocorreu no início de 1987, época em que o Brasil (para variar) estava em recessão e vários planos econômicos tinham sido malsucedidos.

Em Ouro Preto, a Universidade estava em greve. Os professores e funcionários haviam parado e nós, estudantes, lutávamos por uma universidade “pública e gratuita”, melhores condições para todos, mais verba para as universidades federais, mais transporte universitário, mais moradia estudantil...

Era realmente necessário mais moradia estudantil; havia muitas meninas sem ter onde morar pois a maioria das repúblicas da universidade eram exclusivamente masculinas e de engenharia. As repúblicas femininas ou mistas existentes eram na sua maioria particulares e muitas estavam sendo despejadas.

Neste contexto, formou-se uma “comissão de moradia”, que se reunia semanalmente, buscando soluções para o problema que muitos estudantes (principalmente mulheres) estavam enfrentando: falta de república.

Queríamos conseguir mais casas, que fossem abertas a todos os estudantes, independente do sexo ou do curso.

Durante as negociações com a reitoria da Universidade para que esta alugasse algumas casas para os estudantes, não me lembro bem como, ficamos sabendo da existência de uma “casa de hóspedes” da própria universidade, que recebia “hóspedes” somente uma vez por ano ou nem isso. Conversamos com o reitor, tentando em vão consegui-la pacificamente para que se

tornasse república estudantil. Revoltados pelo fato da reitoria manter a tal casa fechada e não querer cedê-la, decidimos que a solução seria invadir a casa e torná-la república.

Marcamos uma nova reunião na Reitoria, para a qual convidamos todos os estudantes de todas as repúblicas. Em vão! Após esta reunião, fizemos uma assembléia estudantil e decidimos nos dirigir à casa de hóspedes, a poucos metros da própria reitoria. Havia centenas de estudantes, de diversas repúblicas, diversos cursos, unidos com um mesmo objetivo: conseguir a qualquer preço uma nova república.

O mais bonito neste movimento foi ver todos os estudantes unidos por um objetivo. Havia muita gente, representantes de todas as repúblicas, nativos, amigos, amigos dos amigos, etc.

Cheios de coragem e movidos por um grande idealismo, chegamos até a casa. Como a “união faz a força”, bastou um pontapé para que a porta fosse aberta. Primeiramente, só entraram na casa alguns membros da Comissão de Moradia, pois havia bens e móveis pertencentes à universidade que precisavam ser catalogados à fim de que nada sumisse e ninguém pudesse nos acusar de “roubo” ou qualquer outro delito. “Invasores” de casa já era o suficiente. Os objetos menores foram trancados em um quarto e fizemos a listagem de tudo o que havia na casa. Mais tarde, esta lista foi entregue à reitoria e divulgada nos restaurantes e em vários outros locais da universidade para que todos ficassem sabendo. Em seguida, todos os ansiosos estudantes que estavam lá fora entraram e literalmente “acamparam” na casa.

Foram momentos inesquecíveis, pois nunca havíamos sequer pensado em passar por tal situação. Parecia que estávamos fazendo parte de um filme sobre os movimentos estudantis rebeldes dos anos 60. Em seguida, foram formadas várias comissões, entre elas a “comissão de invasão”, que deveria ficar permanentemente na casa, e a comissão de apoio que traria

comida, materiais de limpeza e outras coisas necessárias para o pessoal que permaneceria na “Casa Invadida”.

Passamos a primeira noite na casa como se estivéssemos em uma festa: muita gente conversando, grupos tocando violão, jogando baralho, etc., todos com medo de uma possível chegada da polícia, o que felizmente não aconteceu.

Como a universidade estava em greve, ficamos acampados na “casa invadida”, sem ter que sair para nenhum compromisso. Tinha gente passava o dia todo na casa, outros vinham passar a noite, dando uma força e fazendo “volume”.

Nos primeiros dias após a invasão, estávamos todos muito tensos, agitados, com medo de aparecer polícia, de ocorrer alguma cena de repressão... mas o mais importante na nossa mente era vencer aquela “batalha” e conseguir uma nova república. Fazíamos rodízio durante a noite; sempre tinha uma turma acordada, era necessário ficar alerta, pois não tínhamos a chave da casa e a polícia poderia aparecer a qualquer momento.

Após alguns dias, a tensão foi diminuindo, o otimismo foi tomando conta de nós e, tivemos a certeza de que aquela batalha estava quase ganha. O silêncio da reitoria representava o “sim” que tanto esperávamos. Não houve ação da reitoria nem da polícia. Não demorou muito para obtermos a chave da casa e sentirmos o primeiro gosto da nossa “vitória”.

Cerca de um mês após a invasão, os móveis da casa de hóspedes, que pertenciam à universidade, foram finalmente retirados e a reitoria cedeu-nos “pacificamente” a “Casa Invadida”, como passou a ser chamada.

Para a distribuição das vagas, os critérios estabelecidos pela Comissão de Moradia não incluíam sexo nem curso. Houve um sorteio entre os muitos estudantes que precisavam de moradia na época e, coincidentemente todas as pessoas sorteadas foram mulheres.

Algum tempo depois, escolhemos o nome da República, pensando que Tanto Faz um nome ou outro, o importante para

nós era a “alma” da república, não o seu nome. E Tanto Faz ficou, prosperou, e hoje é um grande motivo de orgulho para nós, que ajudamos a invadi-la, a criá-la e nela vivemos alguns dos anos mais importantes das nossas vidas.

A Fundação da República Zona: um caso de construção da UFOP em Mariana

Rafael Magdalena - Ex-Aluno da República Zona

Ingressei na UFOP no primeiro semestre de 1987, no curso de História, quando optei por morar em Mariana já que o Campus de Humanas da UFOP é nessa cidade, mas que mantinha na época apenas duas Repúblicas em Mariana: a da Sé, localizada na Praça da Sé no centro da cidade e a Taqueupa, localizada no Campus do ICHS. A República Taqueupa foi a primeira casa a ser construída no Campus, enquanto a República Sé era alugada pela Administração da UFOP. Todo estudante que chegava em Mariana e que não tinha um lugar para morar e nem condições de pagar aluguel, acabava batendo na porta da Sé. A República da Sé era a grande acolhedora de todos os estudantes que chegavam.

Quando fui para a Sé, juntamente com um grupo de estudantes novatos, nos alojamos na sala até que os moradores chegassem e fossemos distribuídos nos quartos.

A República da Sé era um casarão muito velho, porém os quartos eram amplos com a possibilidade de acomodar mais de um estudante. Fui morar num quarto cujo apelido era “Maracanã”, por ser o maior quarto da casa. Dividi esse quarto durante mais ou menos três meses com mais três estudantes: “Guaraná”, Jorcelino e Chico. Neste período inicial, a República da Sé, passou a contar com uma população de estudantes.

Em Mariana, nessa época, existia a Comissão de Moradia. O papel dessa Comissão naquele momento, era muito importante, pois além de acompanhar as obras de urbanização e construção

das novas Repúblicas no Campus do ICHS, também participava, juntamente com o CA de História e demais entidades estudantis, das discussões políticas que daquele momento, principalmente em defesa da Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Em relação às discussões internas, lutávamos para que a UFOP oferecesse equipamentos sociais de modo a garantir a permanência dos estudantes de baixo poder aquisitivo, na Universidade. Lutávamos pela manutenção e melhoria do Restaurante do Campus do ICHS, a construção de moradias estudantis, bolsa alimentação para estudantes carentes, vale-transporte para os estudantes que moravam em Ouro Preto, melhoria do acervo bibliográfico etc.

Em relação à moradia estudantil, discutíamos os critérios de ocupação das novas casas que seriam construídas. Os princípios fundamentais era a ocupação através do sorteio caso existisse vagas.

Como as obras de construção da nova República, era muito lenta e por vezes ficava parada por longos períodos, passávamos a reivindicar junto à Administração da UFOP o aluguel de mais uma casa, tendo em vista a superlotação da República Sé.

Acabamos conseguindo alugar mais uma casa. Casa essa que veio a se transformar na República Zona, localizada na Rua Wenceslau Brás em Mariana.

A prioridade de ocupação dessa nova casa era daqueles estudantes que estavam morando na República Sé e manifestassem interesse em ir para a nova República. Como apenas três estudantes manifestaram interesse em se mudar para a nova casa, as outras três vagas foram sorteadas. Em abril de 1987, eu, Solange e Érica nos mudamos e logo em seguida vieram o Márcio, a Sônia e a Janaína.

O nome da República surgiu de forma espontânea ao longo do tempo. Acontece que a República da Zona era localizada na Rua que funcionou no passado a “zona” de Mariana. Os próprios estudantes do ICHS ao se referirem a nós,

moradores desta República, diziam: “O pessoal da República da Rua da Zona” e assim o nome pegou - República da Zona - fundada em abril de 1987 e que funcionou nessa rua até fevereiro de 1991, quando se transferiu para a última casa a ser construída no campus do ICHS. O critério de ocupação, durante o tempo em que morei na República sempre foi de sorteio da vaga. Tudo era muito organizado e os problemas sempre foram discutidos de forma a encontrarmos, conjuntamente, as soluções para os mesmos.

Posso dizer que o fato de ter morado quatro anos em uma República estudantil foi uma experiência única em minha vida, principalmente pelos laços de amizade e de solidariedade que existia entre os moradores. Laços que se mantêm até hoje com alguns amigos daquela época.

E foi assim que nasceu a República Zona.

Fontes do livro

Documentos

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Reforma Universitária: avaliação da implantação - Universidades federais.** Salvador: Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público, Convênio ISP/UFBA/MEC/DAU, 1975. 2 volumes.

CAMPOS, Francisco. **Exposição de motivos do Ministro Francisco Campos sobre a reforma do ensino superior.**

Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto (DAEM). **Ofícios diversos.**

Escola de Minas de Ouro Preto. **Atas da Congregação.**

Referências Bibliográficas

DEQUECH, David. **Isto Dantes em Ouro Preto; Crônicas.** Belo Horizonte, 1984.

MACHADO, Otávio Luiz. “As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil”. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, nº 66, p. 197-199, outubro de 2003.

MENICONI, Rodrigo Otávio. **A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto.** Belo Horizonte: UFMG. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 2000.

RACHE, Pedro. **Homens de Ouro Preto (Memórias de um estudante).** Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto. Memória Histórica apresentada ao 3º Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia Comemorativo do Bi-Centenário de Porto Alegre.** Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

Repúblicas Estudantis

de OURO PRETO E MARIANA

O livro é um esforço de pesquisa e de reflexões do autor sobre a importância das repúblicas ou casas de estudantes de Ouro Preto e Mariana para o contexto universitário brasileiro, embora tenha a colaboração na mesma obra de contemas de pessoas ligadas às repúblicas e à UFOP.

Apontando os percursos e perspectivas das repúblicas e da vida estudantil que já se completam um século de existência, o livro ainda apresenta depoimentos inéditos, registros importantes e dados que não devem dúvidas sobre a presença atual de contribuição das repúblicas para a conservação do patrimônio de Ouro Preto, sem deixar de mencionar a formação cidadã dos (as) repúblicanos (as) por meio da prática de valores como a responsabilidade, generosidade, organização de projetos visando ao interesse público e a herança positiva para os futuros membros das mesmas.

O autor, que é com muito orgulho ex-aluno da maior República de Ouro Preto, a República Aquarius, também compartilha da opinião de que os (as) atuais repúblicanos (as) possam utilizar os espaços das casas para promover atividades acadêmicas, sociais e culturais durante o Carnaval, o Festival de Inverno, o 21 de Abril e o 12 de Outubro, bem como seja dada a oportunidade aos moradores para que utilizem as potencialidades dos imóveis para a própria manutenção do espaço público, visando sempre suas atividades em prol de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e inserida socialmente.